

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz

**DA ESCRITA DE SI A DIÁLOGOS DESCONCERTANTES:
PEDACINHOS DE NADA SOBRE AS TECNOLOGIAS NO COTIDIANO
ESCOLAR**

**Sorocaba/SP
2013**

Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz

**DA ESCRITA DE SI A DIÁLOGOS DESCONCERTANTES:
PEDACINHOS DE NADA SOBRE AS TECNOLOGIAS NO COTIDIANO
ESCOLAR**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

**Sorocaba/SP
2013**

Sandra Antonia Convento de Moura Ferraz

**DA ESCRITA DE SI A DIÁLOGOS DESCONCERTANTES:
PEDACINHOS DE NADA SOBRE AS TECNOLOGIAS NO COTIDIANO
ESCOLAR**

Dissertação aprovada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: __/__/____

BANCA EXAMINADORA:

Presidente: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes
Universidade de Sorocaba.

1º Exam.: Profª Drª Adriana Varani
Universidade Federal de São Carlos/ Sorocaba.

2º Exam.: Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota
Universidade de Sorocaba

AGRADECIMENTOS

Através de canções e poemas decorados com coloridas e saltitantes notas musicais, ao som dos mais sublimes instrumentos é que ensejo descrever meus agradecimentos, mas como não é possível lanço-os em singelos escritos onde as palavras cantam e dançam no alvo papel em minha imaginação. Meu único temor é cair em esquecimento injusto, pois foram tantos “outros” que me ajudaram no processo de constituição de quem sou “eu”, que me arriscar em esquecer ou arremessar falsos agradecimentos não caberia aqui.

Rendo-me em agradecimentos primeiramente a Deus, a quem sirvo em qualquer circunstância e em quem deposito minha fé sem limites, pois sem sua força e sabedoria jamais teria alcançado esta vitória. *Lanço-me aos teus pés Senhor, pois me capacitou para iniciar meus singelos escritos e transformá-los em discursos consistentes e surpreendentes a mim mesma. As primeiras palavras me vieram em tua casa, Pai. Eis que as apresento aqui. Glória!*

Ao admirável orientador Luiz Fernando, exemplo de verdadeiro mestre, que apostou em mim mesmo quando eu não acreditava que seria possível, confiou nos meus argumentos e entendeu as dores do meu silêncio nos momentos em que minha ausência superava meus propósitos. Simplicidade, sabedoria, tolerância, paciência nos primeiros, segundos e em todos os passos da caminhada no Mestrado foram fundamentais. Obrigada por tudo! *Fica sempre um pouco de perfume nas mãos que oferecem rosas, nas mãos que sabem ser generosas. Dar um pouco que se tem ao que tem menos ainda enriquece o doador, faz sua alma ainda mais linda...*

Ao Prof. Dr. Marcos Antônio dos Santos Reigota e à Prof^a Dr^a Adriana Varani, agradeço pela participação em meu Exame de Qualificação. Ter minha produção sob o olhar atencioso de vocês foi um dos grandes momentos de minha vida. Sinto-me privilegiada por isso e espero que possam reconhecer neste relatório final suas valiosas recomendações.

Ao meu esposo Vanei, pelos quase 30 anos juntos, por me ouvir sempre, me apoiar de todas as formas, pelas palavras de incentivo, pelo amor incondicional e por sempre me dizer nos momentos de desânimo “estudo é investimento”; pelo orgulho em suas palavras “minha esposa faz mestrado!”. Obrigada por todas as vezes em que eu fazia você ouvir meus escritos e timidamente dizia “não entendi muito, mas achei lindo, fiquei arrepiado”. Palavras tão simples que me fizeram prosseguir acreditando que era possível. Perdão pelas ausências e fugas de casa,

dos compromissos e das nossas viagens. Obrigada por me conceder este perdão, pois como se diz, perdoar é permitir que o outro entre de novo na história de nossa vida. Te amo muito! *As muitas águas não podem apagar este amor, nem os rios afogá-lo.*

Às minhas filhas Thayná e Thayane. Ser mãe de vocês foi o maior presente que recebi da vida. Eu era ainda uma menina quando você chegou Thayná. Na inocência de uma criança tive que cuidar de outra criança; os olhinhos apertadinhos me fitando e as mãos pequeninas segurando fortemente as minhas, sua aparência frágil me ajudaram a transformar-me na mãe e mulher que eu precisava ser. Você, Thayane, a bonequinha de louça, amiga, confidente, às vezes chego a inverter os papéis e esqueço que a mãe aqui sou eu, abuso da sua maturidade e da sua fortaleza. Vou amá-las eternamente! Filhas, *não posso reclamar de nada, se eu tenho vocês aqui, iluminando o chão da estrada, caminho que eu escolhi. Não posso acomodar na fala as coisas que são pra sentir. É só olhar na minha cara pra ver meu coração sorrir! Vocês foram os melhores presentes que tão gentilmente a vida me deu, agora é só cuidar direito, é tudo tão perfeito entre vocês e eu.*

À minha mãe Rute. *Eu tenho tanto pra lhe falar, mas com palavras não sei dizer, como é grande o meu amor por você! Nunca se esqueça nenhum segundo que eu tenho o amor maior do mundo...*

Ao irmão Sidnei e à irmã Yara. *Como pode ser? Feitos da mesma forma, criados com o mesmo amor, vivendo a alegria e dor? Como pode ser? Somos tão diferentes, mas quando nos encontramos ou mesmo de longe somos irmãos. Sua alegria é minha alegria, suas lágrimas choro também, não importa o que venha na vida, somos irmãos. Irmãos são feitos assim, tão diferentes, mas o amor que corre nas veias é maior do que tudo. Irmãos são feitos assim como nós!*

Ao meu pai. Sinto saudades! *Acabou! O que ninguém espera acontecer um dia chegou para nós, para um de nós. Nem deu tempo para se abraçar, nem pra dizer o que faltou dizer. Quando alguém vai embora sem se despedir e só de saudade aqui no seu lugar, quando a hora chega assim tão de repente e o tempo se acaba sem nos avisar. Quando amanhece o dia eu saio por aí, em todos os lugares você não está. O que vou fazer se sei que em minha vida a gente nunca mais vai se encontrar?*

Ao meu irmão Reinaldo. Saudades eternas! *Nem sei por que você se foi. Quantas saudades eu senti, e de tristezas vou viver. E aquele adeus não pude dar. Você marcou a minha vida, viveu, morreu na minha história....*

À cunhada Gilmara. Às vezes em certos momentos da vida em que precisamos de alguém pra ajudar na saída, a sua palavra de força, de fé e de carinho me dá a certeza de que eu nunca estive sozinho.

À minha amiga Andréia, irmã de alma e coração que ganhei no trajeto profissional. Palavras não seriam capazes de expressar o meu sentimento de gratidão por você. Obrigada por ler os textos comigo, pelas discussões e disponibilidade em deixar os seus amados em noites frias de inverno para doar-se à nossa amizade! *Amigo é muito mais do que alguém pra conversar, alguém pra abraçar. Amigo é uma benção que vem do coração de Deus pra gente cuidar. É assim que você é pra mim, como uma pérola que eu mergulhei pra encontrar; um tesouro que pra sempre eu vou guardar...*

À professora Renata, pelas palavras iniciais de incentivo, pelas apresentações de tantos autores, empréstimos de apostilas e livros e pelo amor exemplar que demonstra pela profissão. *O que é um amigo? Uma única alma habitando dois corpos.*

Ao amigo Rafael e à amiga Cláudia, pela ajuda no esboço do projeto inicial. *Amigo é coisa para se guardar debaixo de sete chaves, dentro do coração...*

Aos gestores da rede municipal de Sorocaba por colaborarem com o trabalho participando do grupo focal em pleno feriado. *Cada novo amigo que ganhamos no decorrer da vida aperfeiçoa-nos e enriquece-nos, não tanto pelo que nos dá, mas pelo que nos revela de nós mesmos.*

À professora e amiga Litz, pela amizade e por me ajudar nas transcrições do grupo focal. *A gente não faz amigos, reconhece-os.*

Ao amigo Éder, pelos devaneios partilhados e por me levar à concretude de que fui aparelhada para gostar de passarinhos sim e me fazer reconhecer que o meu quintal é maior que o mundo.

À Bianca, Máira e Elaine. *Foi o tempo que dedicaste à tua rosa que a fez tão importante.* Obrigada pela rosa recebida de cada uma de vocês.

Às companheiras mestrandas Joseli, Fernanda, Silvana, Keli, Bia, Dani, Margly e ao companheiro Edmilson. Angústias e ansiedades partilhadas com vocês nas cantinas da universidade ou pelas redes sociais foram muitas, propulsoras da nossa rica aproximação. *Até aqui viajamos juntos. Passaram vilas e cidades, cachoeiras e rios, bosques e florestas... Não faltaram os grandes obstáculos. Frequentes foram as cercas, ajudando a transpor abismos. As subidas e descidas foram realidade sempre presente. Juntos, percorremos retas, nos apoiamos nas*

curvas, descobrimos cidades. Que as experiências compartilhadas no percurso até aqui sejam a alavanca para alcançarmos a alegria de chegar ao destino projetado.

Às amigas e professoras Sandra, Josélia, Flávia e ao amigo e professor Mauro... Sinto saudades daqueles que não tiveram como me dizer adeus; de gente que passou na calçada contrária da vida e que só enxerguei de vislumbre...

Às amigas Neli, Jaqueline, Eliana e Luciane. Nossa infância e juventude não poderiam ter sido mais mágicas. É Deus quem escolhe quem vai se dar bem. A caminhada é igual seguindo a mesma direção. Pensando juntos nós vamos além.

Às amigas Leida, Lucélia, Genilda, Zuleide e Lya. O tempo e a distância não conseguiram mudar nossa amizade. Vocês fazem muita falta! Se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre, sem saber que o pra sempre, sempre acaba. Mas nada vai conseguir mudar o que ficou...

Às amigas Vilma e Lurdinha e ao amigo Rubens. Obrigada pela parceria e apoio nos anos em que trabalhamos juntos, pela amizade que me sustentou nos momentos de tamanha dor em que a vida não quis ser generosa comigo. Lágrimas na vitória, sempre na derrota ou glória, é luz na escuridão, somos um só coração, sempre vivo na memória, faz parte da minha história.

Aos amigos da Diretoria de Ensino de Itararé, Dárcio, Graça, Guilherme, Roberto, Rachel, Raquel, Janine, Márcia, Rosa e Carla, pelas formações, capacitações e construções de conhecimentos que embasaram minha prática pedagógica. Sinto saudades de amigos que nunca mais vi, de pessoas com quem não mais falei ou cruzei...

Aos gestores de Itaporanga, Barão de Antonina e Sorocaba: Ademir, Gilberto, Bernadete, Claudete, Aparício, Ana Custódia, Paulo, Rosemary e Anibal. Sou pouco de todos que conheci, um pouco dos lugares onde fui; um pouco das saudades que deixei e sou muito das coisas de que gostei.

À amiga Marineisa. Foi Deus quem consagrou você e eu para sermos bons amigos, num só coração. Por isso eu estarei aqui, quando tudo parecer sem solução.

O agradecimento é a memória do coração
(Lao Tsé)

A harmonia secreta da desarmonia: quero não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz. Minhas desequilibradas palavras são o luxo do meu silêncio. Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas – escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio.

(Clarice Lispector, 1999b, p. 5)

RESUMO

A presente pesquisa buscou analisar as narrativas cotidianas de cinco gestores da rede municipal de Sorocaba, SP (diretor de escola, vice-diretor e orientador pedagógico), por meio do resgate de suas memórias midiáticas, no intuito de compreender e (re) pensar a integração das tecnologias da comunicação e informação nas relações de ensino. A perspectiva adotada é a Histórico-Cultural (Vygotsky), por considerar os fenômenos em constante movimento e transformação, corroborando a dinâmica do cotidiano escolar. A metodologia está pautada na pesquisa narrativa, que aborda o estudo da experiência como história e a forma de se pensar sobre ela. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: diário de bordo da pesquisadora, diário de bordo de um gestor, questionários de cinco gestores e gravações em áudio pela técnica do grupo focal. O resgate das memórias midiáticas dos participantes nos deu indícios de que nossa constituição enquanto sujeitos, seja pessoal ou profissional, é fruto da interação social, cultural e histórica de que desfrutamos no transcorrer das relações humanas. Quanto às experiências com as tecnologias, essas se apresentaram refletidas nas práticas dos gestores, num processo de (re) construção e (re) dimensionamento constante no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Narrativas. Cotidiano escolar. Tecnologias da informação e comunicação.

ABSTRACT

This research aimed to evaluate daily narrative of five members of the board from municipal schools in the city of Sorocaba, SP (Headmaster, Deputy Headmaster and School Counselor) by means of bringing back their media memories, in order to comprehend and (re)think the integration of communication and information technologies in teaching relationships. The perspective adopted was the cultural-historical one (Vygotsky), for considering the phenomenon in constant movement and transformation, endorsing the daily school life. The methodology was based on narrative research, which addresses the experience evaluation as history and a way of thinking it. The methodological procedures applied included the researcher's logbook, one of the members of the board's logbook, surveys from five members of the board, and audio recording using focus group technique. The redemption of media memories of the participants gave evidence that our constitution as subjects, whether personal or professional, is the result of social, cultural and historical interaction, which we live throughout human relationships. Regarding the experiments with technologies, these were presented in the practice of the school members of the board in a process of constant (re)construction and (re)scaling of daily school life.

Keywords: Narratives. School life. Information and communication technologies.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	A ESCRITA DE SI DA PESQUISADORA: COMO NASCERAM AS ESTRELAS.....	18
2.1	A primeira estrela – a estudante.....	19
2.2	A estrela se personificando – constituição da professora e carreira docente	23
2.3	A hora da estrela: eu... personagem de mim mesma	30
2.4	A cidade sitiada: Sorocaba - campo empírico da pesquisa	36
3	PESQUISA NARRATIVA: O ESTUDO DA EXPERIÊNCIA COMO HISTÓRIA E A FORMA DE PENSAR SOBRE ELA.....	40
4	OS GESTORES ESCOLARES, SUAS MEMÓRIAS E A HISTÓRIA RECONTADA: NO ENTRETECER DO PESSOAL E DO PROFISSIONAL - CONSTRUÇÕES COLETIVAS.....	52
4.1	Perfil dos gestores participantes	54
4.2	As memórias midiáticas na trajetória de estudante	57
4.3	O resgate de práticas dos gestores, na atuação como professores.....	66
4.4	Narrativas de experiências efetivadas na gestão escolar	72
4.5	Integração das tecnologias nas escolas da rede municipal de Sorocaba.....	74
4.5.1	A lousa digital: linguagem audiovisual no contexto escolar	76
4.5.2	O laboratório de informática: ambiente informatizado dentro da escola pública.....	86
4.5.3	Rádio e vídeo escola: educação e comunicação no cotidiano escolar	91
4.5.4	“Sabe Tudo”– recursos disponíveis à escola e à comunidade.....	93
4.5.5	A internet nas relações de ensino.....	96
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
	REFERÊNCIAS.....	108
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO.....	116
	APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS - GRUPO FOCAL	119

1 INTRODUÇÃO

Eu queria escrever um livro. Mas onde estão as palavras? [...] Eu queria que me dessem licença para eu escrever ao som harpejado e agreste a sucata da palavra [...] Escrevo ou não escrevo? (Clarice Lispector, 1999d, p. 14)

Eis que surgem as primeiras palavras..., e elas não vieram assim, tão vazias e naturais, como pode parecer.

Vieram carregadas de ansiedade, angústias, medos, incertezas..., permeadas por expectativas presentes e futuras, diante de um profundo mar em que mergulhei pelo encantamento de suas águas claras e refrescantes. Não me atentei ao fato de que não sabia nem ao menos nadar, e em busca da sobrevivência necessária fui dando as primeiras braçadas, ora submergindo, quase ao ponto de me afogar, ora flutuando, sentindo a brisa refrescante de sua calmaria.

Por vezes pensei que minha felicidade fosse clandestina, mas uma boa dose de sabor, injetada à medida que compreendia que a dissertação perpassava caminhos nem tão conhecidos e trilhados, mas possivelmente explorados e reconhecidos na minha subjetividade.

A sensibilidade despendida aqui é a mesma que entretece o meu fazer enquanto gestora escolar e que acompanha minha existência. Assim como Clarice Lispector (1999a), jamais quero perder essa sensibilidade, mesmo que às vezes ela arranhe um pouco a alma, porque sem ela não poderia sentir a mim mesma.

Ao perceber as inúmeras possibilidades da Pesquisa Narrativa, fui me libertando do nó, até então apertado nos pulsos, que me impedia de deslizar sobre o alvo papel e ali depositar as ideias que a mente revelava quanto à escrita da dissertação.

Era como se, numa manhã de primavera, a cortina branca da janela de meu quarto fosse aberta lentamente pelo vento suave e, invadido pela claridade dos raios do sol que, sem pedir licença, davam luz aos cantos mais escuros e esquecidos, aqueciam e abrihantavam o ambiente que me envolvia.

A escrita sempre me instigou no registro de ideias e sensações. Graças à disciplina de língua portuguesa, pela qual tenho encantamento desde os primeiros anos de iniciação escolar, eu sempre escrevia muito, imersa num mundo existente apenas em meu imaginário.

Parafrazeando a inspiradora Clarice Lispector, que tanto me revela, me perturba e me encanta, faço uma declaração de amor, assim como ela, à língua portuguesa: “amo a língua portuguesa; ela é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo, para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa de superficialidade.” (LISPECTOR, 1999a, p.100)

Construir a dissertação foi uma gestação de ideias, de sonhos, de noites subitamente interrompidas pelas tempestades que permeavam tantos compromissos, prazos, orientações, textos....

Vivenciei na prática, portanto, o que Freitas (1995, p. 1) menciona sobre o processo de escrita:

É o próprio Bakhtin (1992) quem diz que uma obra não pode ficar encerrada em sua contemporaneidade, pois suas raízes se prendem a um passado remoto e ao surgir em sua época ela representa o fruto maduro proveniente de um lento e complexo processo de gestação.

O desejo era claro: construir palavras com sabor para mim e para os possíveis leitores (ALVES, 2011). Mas como fazer isso? Como ser tão formal se não me ensinaram tal formalidade – ou, se ensinaram, essa não me atraiu a ponto de me seduzir? Como escrever de uma forma tão perfeita, se minhas mãos estavam acostumadas a traçar palavras que o coração ditava? Como escrever algo adotado por mim e que, ao mesmo tempo, viesse carregado de ideias de outros? As dúvidas iam me consumindo e o tempo expirando.

No decorrer das aulas do mestrado, as estações foram se efetivando de forma não linear, diferentemente de como eu havia aprendido até então. Os dias de inverno, cinzentos e frios, vinham fortemente compondo o cenário. As disciplinas cursadas isoladamente como aluna especial me possibilitaram reconhecer que nada sabia, que tudo o que me havia sido apresentado como verdade absoluta não passava de concepções, posicionamentos, possibilidades e perspectivas, como viria em autores como Foucault, Nietzsche, Deleuze, Guattari, Bauman e outros.

Em meus pensamentos me perdia ao observar a turma envolvida no programa, enquanto eu ficava ali, sem ao menos compreender os reais motivos que me levaram à academia.

As fugas das aulas não foram poucas, afinal, o que estaria fazendo uma pessoa tão diferente, que nem mesmo entendia as leituras dos textos sugeridos

pelos professores? E os autores indicados por eles? Que loucura! Mal podia imaginar que num futuro próximo estariam dando aporte teórico às minhas escritas.

Transcorridos os primeiros meses, comecei a ouvir termos como “desconstruir/re-significar” (PINO, 2005; REGO, 1994; ROSSETTI-FERREIRA, 2004, 2008); “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001); “cibercultura” (LEMOS, 2003); “hipermodernidade” (LIPOVETSKY, 2004); “ciberespaço” (SANTAELLA, 2004; LÉVY, 1999); “hipertextos” (MARCUSCHI, 2004, 2005; COSCARELLI, 2005; GOMES, 2010, 2011); “rizomas” (DELEUZE, 1995); “multimodalidade” (GOMES, 2010; SNYDER, 2010). Mas o que significava, afinal, tudo isso e o que tinha a ver comigo? Não conseguia compreender os sentidos e significados de tantos termos e concepções que iam sendo introduzidas ao longo do curso.

Foi então que percebi que a neutralidade não é possível no processo de pesquisa, pois é necessário um posicionamento teórico para alicerçar o caminho a percorrer (ROSSETTI-FERREIRA et al., 2008).

Eis que surge outra estação, na qual o chão fica forrado de folhas secas, como um tapete por onde eu teria que desfilhar, com inúmeros livros, apostilas...; ideias borbulhavam em minha cabeça e, naquele momento, não tinha com quem compartilhar.

Surgiu a segunda disciplina, mas agora meu repertório já havia se modificado. Eu já tinha feito novas amizades, trocado e-mails, efetivado novos contatos. A partir desse momento foi despertando a semente que germinava num solo que ensejava ser fertilizado.

Os professores foram ficando mais próximos, fui observando suas características e prepotentemente, em meu interior, escolhi meu orientador.

Estranho! Como posso dizer que fiz tal escolha, sendo que a regra é o contrário, quem escolhe o aluno é o orientador? Quebra de protocolo!

Observando nesse mestre a conexão de tanta sabedoria e humildade, o respeito às minhas limitações, percebi que precisava de uma pessoa exatamente como ele ao meu lado para trilhar a longa jornada do mestrado. Essa ideia foi complementada com a linha de pesquisa escolhida: Cotidiano Escolar, com enfoque nas Mídias e Tecnologias¹.

¹ O termo “tecnologias” tratado nesta dissertação refere-se às tecnologias da informação e da comunicação.

Assumindo uma característica que fortalece minha existência, que é a minha espiritualidade, e por crer que ela me sustenta, os primeiros passos já foram traçados de acordo com os desejos do meu coração.

Ingressei no mestrado como aluna regular, e os contatos com o orientador tornaram-se mais frequentes, embora a minha frequência fosse irregular devido à conciliação de tantos papéis que exercia. Foi então que as (des)construções e as (re)significações começaram a acontecer, aliviando-me, de certa forma.

As (des)construções foram acontecendo a cada diálogo, e os inúmeros questionamentos foram encontrando respostas que ora pareciam ter sentido, ora pareciam loucuras. Mas, como diz a música dos Mutantes “Loucura pouca é bobagem”², então, pensei: que venham todas e que não sejam poucas!

Diante de inúmeras indagações construídas ao longo de minha carreira, eu almejava entender os dilemas do cotidiano escolar, inclusive ressignificar e contextualizar minha identidade profissional.

Estando dentro da escola, envolvida no cerne das relações que vivenciava diariamente, fui percebendo, como vice-diretora, que o maior problema a ser pesquisado, em relação às efetivações de práticas envolvendo as tecnologias, estava relacionado ao conhecimento dos professores, pois esses apresentam dificuldades técnicas e didáticas que, por vezes, acabam inviabilizando a integração das mídias e tecnologias em suas práticas educativas.

Diante disso, fui reconhecendo que há grandes lacunas na formação inicial e continuada dos professores, assim como na minha formação, que não nos dão suporte necessário para que certas práticas sejam implementadas com segurança e domínio, reduzindo a oferta de atividades aos alunos, o que, de certa forma, são direitos reservados a eles.

Surgiram, então, questões iniciais que trago para esta pesquisa: como o gestor escolar pode modificar a realidade na escola em que atua e garantir novos modos de participação no processo de ensino e aprendizagem, mediados pelas tecnologias? Como possibilitar aos alunos o acesso e domínio de diferentes linguagens, advindas das mídias e tecnologias? Como integrar essas linguagens (técnicas e especificidades) no processo educativo?

² Disponível em: <http://letras.mus.br/mutantes/761145/>. Acesso em: 22 de junho 2012.

No processo da pesquisa, emergiram novas indagações referentes às memórias midiáticas e seus impactos nas relações de ensino: de que forma as memórias midiáticas refletem na atuação dos gestores? Quais os impactos do resgate e compreensão das memórias midiáticas no cotidiano escolar?

Sem me esquecer do tempo em que lecionava, analisando e vivenciando o processo educativo por outro prisma, comecei a questionar o papel dos gestores na efetivação de projetos que contemplam a integração das mídias e tecnologias no cerne da escola, com enfoque na formação continuada dos professores e no apoio técnico, pedagógico e financeiro, que oportunizam o acesso, domínio, produção e divulgação das produções dos alunos e professores à comunidade escolar.

Atualmente, diante dos modos de participação dos gestores, professores e alunos na integração das mídias e tecnologias no ambiente escolar, deparei-me com o processo de mediação, assim como a apropriação/internalização do conhecimento.

Diante de tantas vivências relatadas anteriormente, pude constatar o quanto esse processo, relacionado às técnicas e especificidades das mídias e tecnologias no ambiente escolar, deve ser permeado e apreendido de forma dialógica, por meio de troca de ideias e experiências entre os pares.

Dessa forma, optei por analisar as narrativas de experiências de gestores escolares, na tentativa de investigar os significados da implementação das tecnologias no cotidiano escolar, por meio da atuação desses profissionais, resgatando suas memórias midiáticas no intuito de compreender o quanto nossas práticas são representações de vivências que experienciamos no passado e que tentamos reproduzir no presente.

Diante disso, debruçei-me sobre o objeto da pesquisa com o objetivo de abordar a memória educacional e o ensino. Convidei gestores escolares a fazerem uma busca em suas memórias, resgatando situações que retratassem questões relacionadas ao uso das tecnologias. Conduzindo-os ao tempo em que eram alunos, refleti com eles sobre aquela época, questionávamos se ficaram marcas significativas quanto ao uso das tecnologias por seus professores e o quanto elas contribuíram para sua formação e sua prática como gestor. Essa viagem pelos caminhos da memória dos gestores objetivava reconstruir uma nova história, direcionada para fins e objetivos educacionais.

Nessa perspectiva, o trabalho que ora se apresenta é permeado pelos pressupostos da teoria Histórico-Cultural, a qual considera que os sujeitos se constituem a partir da interação com o outro, modificando a si mesmo, assim como o contexto no qual estão inseridos (BAKHTIN, 2003, 2009; VYGOTSKY, 2005; REGO, 1994, 2007).

As inúmeras reflexões suscitadas pelas leituras desses estudiosos, principalmente as relacionadas à cultura, ao desenvolvimento humano, à escolarização e à constituição de singularidades levaram-me a compreender melhor como a multiplicidade das experiências cotidianas dos gestores e a (re)configuração do trabalho desses profissionais no cerne da escola podem contribuir consideravelmente para a integração das tecnologias no ensino e aprendizagem.

Em busca da construção de sentidos e de significados, trago a figura do gestor escolar como sujeito mediador na integração das mídias e tecnologias no ambiente escolar.

Tendo ocupado diferentes cargos na gestão escolar, ora como diretora, ora como coordenadora pedagógica e, atualmente, como vice-diretora, percebi que as práticas que integram as mídias e tecnologias podem ser implementadas de forma efetiva com o apoio dos gestores, tendo em vista que eles ocupam lugares privilegiados e que são capazes de facilitar, bem como de dificultar e até mesmo inviabilizar, independente das políticas públicas vigentes.

No capítulo **A escrita de si da pesquisadora: como nasceram as estrelas**, apresento o resgate de minha vida pessoal e profissional: nascimento, formação escolar, experiência profissional na área da educação, buscando contextualizar a história da gestora escolar que sou, nas histórias de vida de aluna e professora, na tentativa de entender o quanto do meu fazer está agregado às minhas histórias de vida e formação e, ainda, responsáveis pela construção de minha identidade profissional, pois “[...] as memórias de mim mesmo me ajudaram a entender as tramas das quais fiz parte” (FREIRE, 1992).

No capítulo **Pesquisa Narrativa: o estudo da experiência como história e a forma de pensar sobre ela**, abordo a metodologia utilizada, com enfoque no recontar de histórias de vida, objetivando a composição de sentidos a partir delas e utilizando de comparações subjetivas para representá-las.

No último capítulo, intitulado **Os gestores escolares, suas memórias e a história recontada: no entretecer do pessoal e do profissional - construções coletivas**, busquei nos fundamentos das Ciências Humanas compreender o comportamento do gestor escolar e suas práticas, resgatando suas memórias, especificamente aquelas relacionadas ao uso das tecnologias; conduzindo-os ao tempo em que eram alunos, enfatizando as marcas significativas quanto ao uso das tecnologias por seus professores e o quanto elas contribuíram para sua formação e sua prática como gestor, na tentativa de reconstruir novas histórias, direcionadas para fins e objetivos educacionais. Ainda nesse capítulo, analisei as narrativas orais obtidas através da técnica do grupo focal com cinco gestores escolares pertencentes à rede de ensino de Sorocaba/SP, como também as escritas de meus diários de bordo, enquanto pesquisadora, e, ainda, de um dos gestores participantes, aprofundando alguns temas recorrentes; considerando nossas experiências, angústias e as possibilidades de atuação na integração das mídias e tecnologias na escola; dialogando com os autores e perspectivas adensadas no decorrer da pesquisa. Apresento também os Programas, Projetos e Tecnologias vigentes nas escolas da rede municipal, além de alguns fragmentos de relatos dos gestores participantes e de outros atores da escola, a fim de dar-lhes vez e voz, refletindo sobre as práticas cotidianas, numa constante mediação de significados e sentidos.

Para finalizar, ou melhor, para dar início a posteriores pesquisas e diálogos, apresento as considerações finais e os apêndices.

2 A ESCRITA DE SI DA PESQUISADORA: COMO NASCERAM AS ESTRELAS

Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa, de algum modo, escrito em mim. Tenho é que me copiar [...] (Clarice Lispector (1995, p. 26)

Ao esboçar a presente dissertação fez-se necessário o resgate da minha história/formação enquanto estudante, professora e gestora a fim de contextualizar o enfoque de minha pesquisa.

Conforme Santos (2000, p.61),

Voltar ao passado para mim é experimentar a coexistência de sentimentos, no mínimo, contraditórios. É ao mesmo tempo ação árdua e emocionada. Voltar ao passado é viver um encontro com aquela que fui e aquela que serei. É poder, neste encontro com aquela que fui e com aquela que serei, [...] aprender a valorizar esta trajetória, pois para mim nada tem sido fácil.

Valer-me-ei da palavra “recordar”³, que quer dizer: fazer voltar à memória; de prefixo re ‘de novo’, mais cor, ‘coração’⁴. Então venho na pesquisa trazer de novo, passar pelo meu coração a história de vida experienciada e experimentada, para poder entender à constituição de mim, como hoje sou, fruto do que ontem fui e vivi.

Percorrerei as fases de minha formação na intenção de me retratar e me fazer compreender como a pessoa que hoje sou e dar suporte ao entendimento do caminho percorrido para realizar a pesquisa.

Conforme Benjamin (apud FREITAS, 1995, p. 01) “[...] nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história [...]”. É por isso que estou aqui hoje procurando articular historicamente o passado, descobrindo nele centelhas de esperança, fazendo dele uma experiência única.

Escolhi escrever sobre mim e me apresentei como estrelas para metaforizar a escrita. Escrever para aprender, para entender a falta de definição da vida, para salvar a realidade. Como disse Clarice Lispector “[...] haverá outro modo de salvar-se senão o de criar as próprias realidades?” (1999d, p. 19). Como ela, também eu não consigo imaginar uma vida sem a arte de escrever ou de pintar ou de fazer música; sem a arte expressa qual for.

³ Disponível em: <http://www.dicionarioaurelio.com>. Acesso em: 15 maio 2012.

⁴ Disponível em: <http://origemdapalavra.com.br/palavras/recordar/>Acesso em: 15 maio 2012.

Minha vida é feita de fragmentos [...] A minha própria vida tem enredo verdadeiro. Seria a história da casca de uma árvore e não da árvore. Um amontoado de fatos em que só a sensação é que explicaria. Vejo que, sem querer, o que escrevo [...] são trechos por assim dizer soltos, embora dentro de um contexto [...] (LISPECTOR, 1999d, p. 20)

Assim como Clarice, a escrita de si da pesquisadora

[...] nos remete a ideia de uma escrita sempre fundada na autobiografia [...], abre-se para uma escrita fora de si [...] que nos levaria a admitir a ideia de uma escrita fora da autobiografia [...] fora da própria escrita, lançada a seu exterior, além de sugerir uma escrita fora dos padrões normais [...] quando o que constitui o desejo dessa escrita é a escrita mesma, a escrita em si. (BRANCO apud ANDRADE, 2007, p. 68)

2.1 A primeira estrela – a estudante

Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, “sempre” não acaba nunca. (Clarice Lispector, 1999c, p. 6).

Como era mês de agosto e fazia um pouco de frio, vou contar uma história que aconteceu nas terras do norte do Paraná, numa pequena cidade chamada Carlópolis. Começa muito bem com o nascimento de uma garota, a segunda estrela de um casamento feliz, a qual ali brilharia até seus seis anos de idade, migrando para outros céus na companhia de pais sonhadores e lutadores. (DIÁRIO ESCOLAR DA ALUNA/PESQUISADORA, 1986)

Ao cursar o Ensino Médio em 1986, uma das atividades propostas pela professora de literatura como exigência da finalização de um projeto foi a produção de uma espécie de memorial de cada estudante. Escolhi o livro “Como nasceram as estrelas” de Clarice Lispector para embasar essa produção. A vivência foi tão marcante na memória da estudante que ainda mantém alguns registros em pequenos diários guardados na caixa empoeirada e esquecida no fundo do armário. Pensei ser conveniente resgatar um deles e apresentá-lo aqui.

Os dias felizes foram interrompidos por um acidente de trabalho de meu pai, que exerceu por toda vida a profissão de mecânico de automóveis, e teve que ficar por certo tempo em repouso, o que fez com que a situação financeira em casa ficasse muito difícil. Éramos três irmãos, Yara, Sidnei e eu - todos crianças - e nossa

mãe não trabalhava fora, fato que, sem muita escolha, fez com que mudássemos para a cidade de Itaporanga em busca de oportunidades de vida e trabalho. Hoje percebo que “[...] pelo menos o futuro tinha a vantagem de não ser o presente, sempre há um melhor para o ruim [...]” (LISPECTOR, 1995, p.48).

Minha trajetória de estudante se iniciou na educação infantil, em uma E.M.E.I. -Escola Municipal de Educação Infantil - hoje conhecida como E.M.E.I. “Padre Osvaldo Guedes Paulo”, localizada na cidade de Itaporanga, no interior de São Paulo. Isso ocorreu de forma conturbada. Chegando à nova cidade, minha mãe iniciou a procura de vaga para me matricular na antiga primeira série do ensino fundamental. Havia apenas uma escola que atendia essa modalidade e lá minha mãe foi informada de que restava apenas uma vaga, já “reservada” para a filha de um dos professores da escola. Depois de tanto relutar, minha mãe procurou a escola de educação infantil para que eu não ficasse fora da escola naquele ano.

Lá vivenciei inúmeras propostas educativas que contemplavam música, artes plásticas, dança, contação de histórias, rodas de conversa, leitura, enfim, inúmeras atividades oportunizadas pelas professoras no decorrer das fases.

Recordo-me nitidamente dos sons, cheiros, sabores, cores, organizações e sensações daquele espaço coletivo: as cantigas em círculo no chão da sala, as apresentações de danças e coral nas datas comemorativas, a leitura enfática realizada pela professora, a merenda sendo carinhosamente preparada e servida, a massinha produzida com farinha, a terra úmida que cercava o parque, o macarrão com carne de soja e salada de alface, o arroz doce com canela, a disposição do refeitório organizado em duas grandes fileiras de mesas e bancos de madeira, o uniforme vermelho e branco, a mochila de tecido, a canequinha de plástico cheia de marcas de mordidas, a caneca de alumínio de abinhas nas laterais, as brincadeiras de fazer casinhas para as formigas com latas de leites nos dias de chuva, os cartazes nas paredes, as tintas espalhadas e misturadas no papel, o sorriso e o carinho das professoras. São lembranças de uma infância vivenciada numa escola chamada de “parquinho” com cheiros de algodão doce e maçã do amor!

Relembrar tais vivências da minha infância possibilita o resgate da minha história e contextualiza a base da minha formação e da constituição da futura professora.

No ensino fundamental (1ª à 4ª série do ensino fundamental), ingressei numa escola pública, E.E.P.S.G. “Cel. Vicente Russo do Amaral”, também localizada na cidade de Itaporanga, onde pude vivenciar momentos que marcaram muito minha vida como aluna e como futura educadora.

A escola era alegre, as comemorações cívicas eram festas grandiosas, as festas juninas eram eventos que envolviam toda a cidade, a cantina de lanches dos meus padrinhos Lazineira e Atanázio... Enfim, são recordações com gosto de sodinha de limão e pastel de queijo quentinho servido diariamente com tanto carinho por aquele casal chamado de “tia e tio” por todos os alunos da escola.

Nesta época, minha mãe exercia a profissão de professora primária, acompanhava a aprendizagem em casa e tomava as lições de forma muito séria. Eu tinha muita dificuldade em aprender que a letra “B”, de bola e de barriga, tinha a ‘barriguinha’ para o lado direito e eu insistia em colocá-la do lado contrário. Num certo dia de impaciência, ela gritou comigo e me forçou a escrever de forma correta, fazendo com que eu caísse da cadeira e fosse para o chão da cozinha onde ouvia seus gritos “Aprenda menina! O ‘B’ da barriga, Sandra!”.

Da 5ª à 8ª série, ainda na mesma escola, vivenciei novos modos de participação no processo de aprendizagem, pautados em aulas expositivas, cópias, questionários, prova oral, pontos positivos e negativos relacionados ao comportamento e demais atividades e propostas diferentes daquelas vivenciadas na pré-escola. As cópias incessantes dos mapas em Geografia, através das folhas de papel de seda, eram intrigantes e me deixavam profundamente irritada por questionar a finalidade daquilo. Era um tormento para mim, pois não percebia significados em tais atividades. Isso era aliviado pelas mãos pequeninas e habilidosas da professora Terezinha que percorriam o papel a me ensinar; sempre perfumada, meiga e afetuosa, insistia em dizer “um dia você vai entender e precisar disso menina!”.

Algumas exceções frequentemente perpassam minha memória escolar afetiva, como a professora Alaide, que ministrava aulas de Língua Portuguesa, da 5ª à 8ª série. Propiciava novas formas de participação dos alunos por meio de trabalhos em grupos, dramatizações, diferentes propostas de leitura, utilização de materiais diversificados, peças teatrais. O que eu admirava muito era que para toda a matéria passada por ela, todos os exemplos tão bem contextualizados, todas as

regras de acentuações e ortografia, ela sequer consultava um livro didático. Foi assim que me apropriei das inúmeras possibilidades trabalhadas com as diferentes linguagens por aquela professora tão anônima. Entrava de mãos vazias, ou apenas com alguns gizos brancos, e saía de mãos vazias também, mas compartilhava conhecimentos construídos que jamais caíram no esquecimento.

Meu fascínio era mesmo pelas aulas de Educação Física com atividades recreativas e jogos esportivos. Participava de todos, inclusive dos campeonatos municipais e inter-regionais, desfiles, fanfarras. As aulas eram muito diferentes. A professora Samira - inspiração para que eu também futuramente cursasse Educação Física - era dinâmica, não havia um aluno que conseguisse ficar no banco de espera ou sem participar de suas aulas e eu, na minha inocência de criança, pensava “quando crescer quero ser como ela”.

Lembro-me também do professor Ulisses que, com seu jeitinho amoroso e eloquente, incentivava os alunos à leitura dos diversos gêneros literários. Promovia certo tipo de concurso durante todo ano letivo e ao final premiava os alunos que mais haviam lido. Aquelas medalhas e menções honrosas para nós alunos e para nossas famílias muito representavam diante as condições em que vivíamos.

Confesso que eu lia muito por puro prazer e não me preocupava em colecionar as medalhas, porém, recordo-me que meu irmão Sidnei manteve por vários anos na parede de seu quarto as várias medalhas que ganhara, zelando delas e relacionando em folhas de papel almaço as inúmeras obras lidas.

As lembranças estão relacionadas aos aspectos das vivências educativas, mas, as que prevalecem são as relações afetivas com os professores e as propostas de atividades que contemplam a participação ativa dos alunos.

O ingresso no ensino médio iniciou-se em outra escola, a E.E.P.S.G. “Epitácio Pessoa”, a única que oferecia essa modalidade de ensino na cidade. Como meu objetivo não estava relacionado com o magistério, cursei o ensino médio e mesmo não sendo um curso específico para a formação de professores, oportunizou-me o encantamento com a profissão e possibilitou-me a constituição da professora.

Por meio das relações sociais, da mediação dos excelentes professores que lá lecionavam, das atividades e trocas efetivadas naquele espaço, vivenciei propostas extremamente significativas que alicerçaram e impulsionaram minha formação e prática educativa.

Destaco as estratégias planejadas e oportunizadas pelos professores, assim como os modos de participação dos alunos no processo de aprendizagem - por meio de muita pesquisa, trabalhos em grupo, apresentação de seminários, confecção de jogos e debates - como o grande diferencial do curso que, mesmo não sendo profissionalizante, possibilitou o encontro e a relação dialética entre a teoria e a prática que futuramente exerceria.

Nesta época, mesmo tendo apenas 15 anos, eu já havia ingressado no mercado de trabalho como funcionária de um banco particular, o que fez com que o tempo para os estudos ficasse muito restrito, mas isso não me impediu de sonhar com o futuro que eu tinha ciência que construiria sob dificuldades e obstáculos.

Diante de tantas mediações, das interações e relações construídas num determinado tempo e espaço sociocultural, do encontro de tantos “outros”, o meu “eu” foi se constituindo (BAKHTIN 2003, 2004; VYGOTSKY, 2007).

No mais me resta concordar com Freitas (1995), quando nos traz que o “eu” para Bakhtin só existe numa relação com o “outro”, e que "mergulhando ao fundo de si mesmo o homem encontra os olhos do outro ou vê com os olhos do outro" (BAKHTIN, 2003 apud FREITAS, 1995, p. 328).

E tendo já o meu olhar constituído por vários outros olhares, fui em busca da profissão que narro a seguir.

2.2 A estrela se personificando – constituição da professora e carreira docente

Vou falar da palavra **peessoa**, que **persona** lembra. Acho que aprendi o que vou contar com meu pai. Quando elogiavam demais alguém, ele resumia sóbrio e calmo: é, ele é uma pessoa. Até hoje digo, como se fosse o máximo que se pode dizer de alguém que venceu numa luta, e digo com o coração orgulhoso de pertencer à humanidade: ele, ele é um homem. Obrigada por ter desde cedo me ensinado a distinguir entre os que realmente nascem, vivem e morrem, daqueles que, como gente, não são pessoas. (Clarice Lispector, 1999a, p. 80)

Terminado o Ensino Médio, fui cursar Educação Física nas Faculdades Regionais de Ensino de Avaré (FREA), que fica a 100 km de distância de Itaporanga, o que exigia que me deslocasse todos os dias, inclusive aos sábados, depois de uma jornada de trabalho no banco que não era nada fácil e da qual nunca

senti saudades. Por três anos tive que aprender a conciliar o trabalho, a faculdade e a nova vida de recém-casada e mãe. Aí vieram de fato os novos desafios.

Concluí a faculdade, mas estava tão assoberbada com tantas responsabilidades que cheguei a pensar que nunca exerceria a profissão, até que, depois de alguns anos, surgiu a oportunidade de ministrar aulas.

Após um tempo de dedicação materna notei que já estava no momento certo de vivenciar os aprendizados na área da educação, decidi sair do banco e iniciar a carreira do magistério.

A primeira experiência como professora deu-se numa escola pública da rede estadual de São Paulo, ensino fundamental e médio na cidade de Itaporanga, a mesma onde cursei o ensino médio.

Tive oportunidades e apoio da direção para criar, experimentar e oportunizar inúmeras atividades aos alunos. Nessa época atuava como professora eventual, fato que exigia que eu propiciasse atividades diferenciadas, considerando a diversidade de matérias em que tinha que substituir. Era preciso entreter os alunos de forma que houvesse interação e interesse por parte deles, ganhando-lhes a confiança, pois a resistência ao professor substituto era muito evidente.

Oferecer atividades com o uso das mídias e tecnologias foi uma saída promissora para mim, já que o professor eventual ou substituto, como era chamado na época, nem sempre era bem visto e aceito pelos alunos e nesse tipo de atividade sempre há boa interação da turma.

Não demorou para que o diretor da escola, Ademir, me convidasse a exercer o cargo de coordenadora pedagógica do período noturno e não hesitei em aceitar, pois vinha ao encontro de minhas expectativas profissionais.

Nessa época estava em implantação na rede estadual de São Paulo um projeto piloto educacional intitulado “Escola Padrão”⁵, pelo qual muito me encantei, por oferecer atividades diversificadas e formações de professores.

⁵ O projeto educacional “Escola Padrão” foi instituído na rede estadual de São Paulo pelo Decreto nº 34.035, de 22 de outubro de 1991 e abrangia o ensino fundamental e médio com a finalidade de “recuperar o padrão de qualidade do ensino ministrado nas escolas públicas; modernizar a escola pública, tornando-a apta a fornecer o estudo, a pesquisa, o estímulo à discussão e a posse de todos os conhecimentos disponíveis na atualidade; preparar o aluno para o acesso aos níveis mais elevados de compreensão da realidade social e das formas de intervenção nessa realidade e utilizar novas tecnologias educacionais”. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/181563/decreto-34035-91-sao-paulo-sp>>. Acesso em: 24 abr. 2013

Mas, como tudo muda num piscar de olhos no sistema educacional brasileiro, logo outras mudanças surgiram e acabei perdendo o cargo que ocupava, e fui trabalhar como coordenadora pedagógica na E. E. “Prof. Herculano Pimentel”, na cidade de Itararé/SP. A distância de 120 km a ser percorrida diariamente e as dificuldades de locomoção não foram motivos para eu desanimar, pois já havia me convencido do amor pela profissão.

As experiências nessa nova escola vieram a somar às minhas expectativas por inovações, pois encontrei uma variedade maior de recursos tecnológicos e abertura para novos desafios. Permaneci nessa escola por dois anos.

Nova oportunidade surgiu e voltar a trabalhar perto de onde residia era favorável. Fui trabalhar numa pequena cidade, Barão de Antonina/SP, na qual pude compartilhar minhas experiências profissionais com um novo grupo que estava iniciando o acesso às tecnologias em suas práticas de ensino.

Por meio de muito estudo, fui aprovada no concurso público do Estado de São Paulo, assumi o cargo, porém permaneci como coordenadora pedagógica nessa escola.

Efetivei-me como professora de Educação Física na E.E. “Epitácio Pessoa”, onde havia iniciado minha carreira docente.

Devido à cidade ser pequena, única a oferecer o curso de ensino fundamental II e ensino médio, as aulas de educação física eram poucas, e mesmo sendo efetiva, tinha sempre que me locomover para os municípios vizinhos para completar a carga horária semanal, não havia opção.

Ficar na coordenação pedagógica facilitava minha vida pessoal, já que encontrava-se lotada sempre numa única escola.

Concomitantemente ministrava aulas de educação física num colégio particular, onde me realizava com as poucas aulas semanais, sempre desenvolvendo propostas com músicas, filmes, dramatizações, danças, expressão corporal, com enfoque na função social das linguagens. Aí permaneci por aproximadamente sete anos. Tal conquista me instigou a buscar novos estudos e a realização da graduação em Pedagogia.

No ano de 1998, iniciei o curso de complementação pedagógica na cidade de Itararé, interior de São Paulo, distante 60 km de Itaporanga.

As condições concretas de realização dessa graduação estiveram entremeadas com as condições de trabalho, bastante árduas devido às exigências da profissão, além das referentes à família, principalmente com a chegada da segunda filha.

Iniciei um curso de tecnologias no intuito de conhecer melhor as especificidades técnicas e as possibilidades de utilização do computador na área da educação. Tal interesse estava relacionado às novidades advindas das novas tecnologias, sobretudo o computador e a internet e com as produções culturais que estavam ganhando paulatinamente espaço no ambiente escolar.

Nesse período, também procurava participar, ainda que esporadicamente, de alguns encontros e palestras na área da educação.

Ainda nessa época, a diretoria de ensino à qual meu município pertencia, oportunizou vários cursos referentes ao uso das tecnologias. Procurei participar de todos, no intuito de efetivar uma prática diferenciada e atrativa aos alunos.

A conciliação das ações, os percalços, dramas, conflitos, conquistas e demais entraves decorrentes desses diferentes espaços e relações, demandaram muita organização, equilíbrio e apoio de todos os envolvidos na minha história pessoal e profissional.

Meu esposo, Vanei, sempre me incentivou nas decisões que tomava na questão profissional.

Nessa época, eu já exercia a função de vice-diretora de escola na cidade de Itaporanga, numa outra escola, E.E. “Dona Elisa de Campos Lima Novelli”, bairro periférico da cidade, onde todos os meus sonhos de educadora começaram a se concretizar.

A escola era pequena, com cinco salas por período e os alunos, vindos em sua maioria da zona rural, eram trabalhadores que enfrentavam muitos desafios para estudar na cidade: muitos madrugavam para ajudar os pais nos labores diários, tinham que enfrentar longas caminhadas até os pontos de ônibus mais próximos ou mesmo caminhar a pé sob o sol forte, frio ou chuva; fora outros tipos de carências tão visíveis naquelas fisionomias tão saudosas. Isso me impulsionava a mostrar-lhes que era possível vencer diante dos obstáculos da vida, visto ser eu um exemplo disso, considerando as difíceis condições de vida que também já havia enfrentado.

A escola foi se destacando pela qualidade do ensino oferecido e tornou-se referência na cidade, fato ratificado pela grande procura dos pais dos alunos que se encontravam matriculados nas escolas particulares, também pelos índices de aproveitamento nas avaliações externas e pelo número considerável de alunos que ingressavam nas universidades públicas da região.

Foi uma época maravilhosa, aprendi muito, estudei muito, mas ainda não estava contente, almejava algo maior. Nessa escola trabalhei dois anos como coordenadora pedagógica e quatro anos como vice-diretora.

Então, tudo ficou mais complicado, pois fui surpreendida com a “partida” do meu amado irmão caçula, Reinaldo, de apenas vinte e seis anos, que era professor de Física nessa mesma escola.

Meus dias começaram a tomar nova forma, pois tive que aprender a administrar os problemas particulares para que não interferissem no meu trabalho. Ser filha presente para meus pais que não aceitavam a situação, ser irmã que sofria a dor da perda sem poder dividir com muitas pessoas e administrar minha casa e família não foi nada fácil.

Para entristecer ainda mais o cenário, após dez meses, meu pai, Sidnei, também acabou nos deixando, acometido por uma depressão e tristeza profunda.

Os pontos finais que a vida havia colocado diante de mim fizeram com que eu desejasse recomeçar tudo num outro lugar. Foi quando, junto com meu esposo e diante do ingresso de minha filha mais velha na faculdade, decidi me remover para a cidade de Sorocaba e “[...] subi correndo no primeiro bonde, sem esperar que parasse, sem saber para onde ia. Meu caminho, pensei confuso, meu caminho não cabe nos trilhos de um bonde” (ABREU, 2007, p. 240).

Nesta cidade iniciei meus trabalhos na E. E. “Prof. Ezequiel Machado Nascimento”, onde pude voltar a realizar aquilo que eu mais tinha encantamento, ministrar aulas de educação física.

Minhas aulas, baseadas em atividades recreativas, jogos pré-desportivos e ginástica, não eram muito aceitas pelos alunos, pois com o passar do tempo essas aulas foram focando somente em jogos, principalmente o futebol.

Grande estranhamento tomava conta de mim, pois depois de tantos anos na gestão escolar, sentia como se estivesse faltando algo.

Reconheço que as relações construídas no decorrer dos anos na gestão escolar, as formas como os diálogos foram se construindo, as possibilidades que eu tinha de subsidiar pedagogicamente o trabalho dos professores, o acompanhamento direto das relações de ensino que contemplavam as práticas com as novas tecnologias estavam me fazendo falta.

Não demorou muito para que o vice-diretor da escola, Aparício, descobrisse meu trajeto profissional e na primeira oportunidade me convidasse para substituir o outro vice-diretor da escola que se encontrava em licença saúde. Aceitei e nessa escola atuei na gestão escolar por apenas 6 meses.

A oportunidade de atuar na gestão escolar da rede municipal de Sorocaba surgiu com o concurso público no qual fui aprovada em três dos quatro cargos oferecidos: diretor de escolar, vice-diretor e orientador pedagógico. Após aprovação no concurso público, exonerei meu cargo de professora na rede estadual, somados 18 anos de carreira, e ingressei na vice-direção na rede municipal, ciente de que as oportunidades para os demais cargos aprovados surgiriam obedecendo a classificação final do concurso.

Diante desse contexto, concordo que,

Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiências, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade de sua história e sobretudo o modo singular como age, reage e interage com seus contextos. [...] O processo de formação pode assim considerar-se a dinâmica em que vai se construindo a identidade de uma pessoa. Processo em que cada pessoa permanecendo ela própria e reconhecendo-se a si mesma ao longo de sua história, se forma, se transforma em interação (MOITA, 1992, apud FREITAS, 2000, p.91).

No mais, resta-me a convicção de que as interações vividas e construídas na escola colaboraram para a transformação que se fazia tão urgente para mim, concordando que “ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador. A gente se faz educador, a gente se forma como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 1991, p. 58)

Ocupar um cargo na gestão escolar, especificamente nas relações e interações ampliou as possibilidades de investigação e aprofundamento teórico sobre o tema.

Nessas diferentes funções e em escolas distintas, procurei sempre efetivar práticas diferenciadas, com enfoque na apreciação e produções audiovisuais, radiofônicas e impressas, sempre em consonância com os conteúdos das respectivas séries, e oportunizando a participação ativa dos professores e alunos.

Destaco as vivências extremamente significativas oferecidas nas formações realizadas pela Diretoria de Ensino de Itararé, através dos assistentes técnicos pedagógicos - ATPs, principalmente aquelas que abordaram temas relacionados à pedagogia de projetos, formação docente e uso das mídias e tecnologias nas práticas docentes (FISCHER 2002, 2003, 2006; HERNÁNDEZ, 1998; NÓVOA, 1992, 1995; LÉVY, 1993).

Na ocasião, após passar por tais momentos de formação, não hesitava em chegar à escola e compartilhar as novas práticas educacionais por meio de inúmeros projetos, abrangendo fotos, vídeos e relatos do processo de apropriação e produção de diferentes linguagens, com enfoque nas produções audiovisuais, radiofônicas e impressas.

No final da formação apresentei um projeto elaborado por mim “Aprendendo com as diferentes linguagens: a tecnologia a favor da aprendizagem”. O intuito foi desenvolver uma oficina de mídias com os professores que atuavam no programa chamado “Reorganização da Trajetória Escolar: Classes de Aceleração”⁶. Tal proposta oportunizou a participação dos professores que atuavam no programa, sendo que esses apreciaram, produziram e compartilharam produções audiovisuais de diferentes gêneros, a partir de temas e propostas relacionadas ao cotidiano escolar.

Ainda pude constatar que as produções propiciaram a discussão e explanação das dificuldades e as possibilidades de integrar as tecnologias no processo de ensino e aprendizagem.

No decorrer da profissão, paulatinamente fui ampliando meus conhecimentos, relacionando-os às teorias estudadas na graduação e, conseqüentemente,

⁶ O programa foi uma iniciativa da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo que tinha como objetivo eliminar a defasagem entre série e idade regular de matrícula do Ensino Fundamental e oferecer condições para que os alunos avançassem no trajeto escolar, buscando, assim, contribuir para a reversão do quadro de repetência e evasão nas escolas. Disponível em: <www.crmariocovas.sp.gov.br>. Acesso em: 28 janeiro 2013.

oportunizando novas possibilidades de ação e interação com as diferentes linguagens.

Durante o trajeto profissional e estudantil, destaco a participação no Programa de Educomunicação⁷ (SOARES, 2011, p.17) como propulsor de minhas produtivas experiências com as mídias e tecnologias, assim como o responsável pelas indagações quanto ao papel da escola, do professor e dos gestores na integração dessas no processo de ensino e aprendizagem.

Partindo da premissa que considera a linguagem enquanto vida, comunicação, expressão e interação entre os pares, minhas concepções e práticas destoaram dos antigos paradigmas, com a apropriação dos novos conhecimentos, os quais propiciaram novos modos de participação, utilização e produção de linguagens no cerne da escola.

A partir dessas novas perspectivas, as linguagens midiáticas começaram a ser inseridas e integradas com as institucionalmente utilizadas (oral e escrita).

Considerando o uso social, foram produzidos alguns vídeos, incorporando diferentes linguagens no processo de ensino e aprendizagem enquanto parte da cultura e produtoras dela.

Todos os estudos e vivências acima explanados constituíram um novo olhar para com as linguagens e possibilitaram o (re)dimensionar de minha prática educativa, assim como aguçaram minhas indagações e inquietações referentes ao trabalho desenvolvido com as linguagens no ambiente escolar. Desencadeara, portanto, a intenção de investigar e pesquisar a utilização das tecnologias na ambiência escolar.

2.3 A hora da estrela: eu... personagem de mim mesma

Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geleia trêmula. Será essa história um dia o meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada –, que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por

⁷ A educomunicação é o conceito dado ao campo de interface entre a educação e a comunicação, ampliador do potencial comunicativo de todos os membros da comunidade educativa, “maximizando as possibilidades de aprendizagem, de tomada de consciência e de mobilização para a ação.” (SOARES, 2011, p. 17)

lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial. (Clarice Lispector, 1995, p. 16)

Para entender os motivos reais e tão arraigados em mim, que me levaram a ter tamanho interesse em pesquisar na área de Mídias e Tecnologias, percebi ser fundamental descrever minha trajetória enquanto gestora que sou atualmente.

Vou narrar, contar, desvelar um amontoado de lembranças que contribuíram para a minha formação e assumir a função de narradora por acreditar que “o contar uma história preserva o narrador do esquecimento; a estória constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro” (PORTELLI, 2004, p. 300).

Sempre tive fascínio pelas atividades diferenciadas que eram desenvolvidas por outros colegas de trabalho nas escolas por onde passei, ou mesmo aquelas que me apresentavam em cursos de aperfeiçoamento, mas nada tão forte, como aquelas atividades que envolviam as diferentes mídias: vídeo, TV, rádio, câmera digital, DVD, filmes, jornais impressos e orais, computador, fotografias, pois vinham demonstrar as inúmeras possibilidades de ensino e aprendizagem e instigar o trabalho com as diferentes linguagens na escola.

Partindo dessa premissa, venho relatar os diversos cursos realizados e destacarei e explicitarei aqueles que, de alguma forma, contribuíram para minha formação enquanto professora/gestora e que embasaram e aguçaram o desejo da escolha pela área que envolvia o uso das tecnologias no cotidiano escolar.

No ano de 2002 participei do curso de aperfeiçoamento online sobre “A linguagem audiovisual na escola – uma ação educacional - EDUCOM TV”⁸, onde obtive o registro do meu nome no livro de Especialistas em Educomunicação.

O curso voltava-se para o entendimento do conceito de educomunicação (SOARES 1999, 2011; CITELLI, 2000) e de suas práticas, a partir da análise da produção e uso da linguagem audiovisual em sala. Pretendia assim, ampliar as habilidades de expressão e de interpretação do universo representado pelo sistema de meio da informação, motivando o desenvolver de propostas de uso do audiovisual em trabalhos colaborativos com os estudantes.

⁸ Ministrado pelo Núcleo de Comunicação e Educação – NCE-ECA/USP, em parceria com a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas – CENP/SEE e com a Gerência de Informática Pedagógica – GIP/FDE. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/tead/n1a/artigos2/artigo2.htm>>. Acesso em: 15 dez. 2012.

Na época exercia a função de coordenadora pedagógica na rede estadual de São Paulo e pude, com o curso, auxiliar os professores para o uso da linguagem audiovisual em sala de aula e desenvolver um olhar crítico em relação à produção midiática (material do TV Escola, programas da TV aberta e mídia em geral). O curso tinha como bases teóricas as discussões sistematizadas da Educomunicação e dos seus conceitos em um projeto interdisciplinar. Partia-se do pressuposto de que através da ação educacional de fato, na sociedade, é possível, não só a familiarização dos educandos e educadores com as novas tecnologias de comunicação, como também exercitar mediação tecnológica através do computador, exercitar a comunicação em rede e a construção do conhecimento.

O procedimento de ensino e aprendizagem foi sequencial e exploratório. Os conceitos, tais como Educomunicação (nomenclatura dada à interface da educação e da comunicação), Ecosistema Comunicativo, Cultura Midiática, relação entre Comunicação, Cultura e Tecnologia, Textos não Escolares, Linguagem Audiovisual, que sustentavam as discussões, foram apresentados em dez lições.

A expectativa era a de que eu e os demais cursistas, por meio da leitura e da discussão dos textos motivadores e complementares, com seus tutores e com a elaboração dos exercícios, fizéssemos as necessárias aproximações e configurações em nosso próprio universo simbólico a respeito do que os autores propuseram, de modo que elaboramos de forma coletiva, ao final do curso, um projeto educacional.

Pude vivenciar disciplinas que contribuíram para o aprofundamento de meus conhecimentos teóricos e despertar cada vez mais o desejo de pesquisar sobre o assunto sobre o qual discorro a seguir.

Na disciplina referente à Educomunicação (o campo da Educomunicação e suas áreas de intervenção) identificou-se a História, Filosofia e práticas e áreas de intervenções.

Em “Cultura, Consumo e Mídia” foi abordada a cultura midiática de professores e alunos.

Os temas referentes à “Comunicação, Tecnologia da Informação e Educação” abordaram novas formas de integração social e de construção de uma nova prática comunicativa, através do conceito de “ecossistema comunicativo”.

Na disciplina “Aprendendo com textos não escolares” avaliou-se a importância das linguagens da comunicação, especialmente a audiovisual, como campo de fortalecimento das habilidades e competências dos alunos na escola.

Os estudos das “Características da Linguagem Audiovisual” forneceram referenciais da linguagem dos meios de comunicação de massa com o objetivo de aplicá-los à sala de aula.

Em “Teorias e práticas da recepção/TV” refletiu-se sobre a relação do público frente às mídias e a realidade que o cerca, em busca de uma percepção crítica dos meios.

Quanto à disciplina “Planejando a relação com a TV Aberta” discutiu-se como escolher a programação da TV, como introduzi-la junto aos alunos, que atividades desenvolver e como avaliá-las.

Os conteúdos da disciplina “Planejando o uso do audiovisual na prática educativa” destinaram-se a repensar o plano pedagógico da escola introduzindo de forma consciente e consistente o audiovisual.

A temática “Planejando a Educomunicação no plano pedagógico” abordou a organização da infraestrutura e planejamento de toda a escola para receber os meios de comunicação em uma prática educacional.

E em “Avaliando o processo de ensino/aprendizagem” apresentaram-se possibilidades de avaliação continuada para atividades desenvolvidas com o audiovisual.

As atividades desenvolvidas estavam ligadas ao dia a dia do professor (práticas em sala de aula ou relação com meios de comunicação) e foram sendo apropriados exemplos de atividades já desenvolvidas – além de informações sobre a Educomunicação, linguagem audiovisual – para caminhar rumo a uma avaliação final. O objetivo dessa avaliação foi elaborar um planejamento educacional envolvendo toda a comunidade escolar do cursista-educador.

Além das atividades on-line, houve um encontro presencial, no município de Águas de Lindóia, SP, com vistas a estreitar a relação entre tutores e cursistas, estabelecer vínculos afetivos e pessoais, aprofundar discussões e esclarecer dúvidas sobre os temas desenvolvidos nos módulos.

O encontro tinha também como propósito desenvolver atividades práticas nas quais fosse possível avaliar atividades e experiência no uso do audiovisual em sala

de aula, além de discutir coletiva e sincronicamente a proposta da educomunicação na educação. Nesse sentido, foram realizadas palestras com os coordenadores do projeto e oficinas desenvolvidas pelos tutores.

No mesmo ano, pude participar do Curso de Extensão Cultural “Circuito Gestão” oferecido aos profissionais que atuavam na Gestão Escolar das escolas públicas estaduais.

Foram oferecidos vários módulos: 1-Gestão de pessoas: Liderança e trabalho coletivo (módulo realizado na cidade de Avaré); 2- Gestão Pedagógica: A gestão Escolar com foco na Progressão Continuada da Aprendizagem e nos desafios da administração pública (módulo realizado na cidade de Osvaldo Cruz); 3- Gestão de Pessoas: Liderança e tomada de decisões (módulo realizado na cidade de Monte Aprazível); 4- Ensino Médio: aprendendo e compreendendo o mundo: Recuperação nas férias (módulo realizado na cidade de Botucatu); 5- Gestão do Projeto Pedagógico com terminalidade (módulo realizado na cidade de Santa Cruz do Rio Pardo).

O curso teve como objetivo preparar gestores da Secretaria do Estado da Educação de São Paulo para a integração de tecnologias na gestão escolar e no cotidiano das escolas, por meio de ações de formação semipresencial em ambiente digital.

Ainda, através de atividades que se realizaram em encontros presenciais e a distância, com suporte nas tecnologias de informação e comunicação, criaram-se situações que propiciaram aos gestores compreender as contribuições das tecnologias à gestão escolar, ao processo de ensino e aprendizagem e à integração das dimensões técnico-administrativa e pedagógica.

Foram analisados os papéis e as responsabilidades dos gestores, do professor e do aluno diante da incorporação dos recursos das tecnologias de informação e comunicação na escola.

Os módulos concluídos foram: 1- “Uso das tecnologias para resolução de problemas de Gestão Escolar; internet e ambiente virtual de apoio às atividades do curso”; 2- “Articulação entre teoria e prática: experiências e desenvolvimento de atividade de uso das tecnologias na Gestão Escolar”; 3- “Tecnologias no cotidiano da Gestão Escolar: possibilidades e limites; integração ao projeto político-

pedagógico da escola”; 4- “Construção do projeto de Gestão Escolar e tecnologias e possibilidades de criação de comunidades colaborativas”.

No ano de 2005, participei do curso “Gestão Escolar e Tecnologias”⁹ que abordou uma proposta de trabalho de formação de gestores de escolas públicas das redes estaduais, para a utilização das TIC(s) no cotidiano da escola e na gestão escolar, por meio de metodologia de formação em serviço.

Ainda no ano de 2005, ingressei no Curso de Especialização Pós Graduação “Lato Sensu” em Gestão Educacional pela Universidade Estadual de Campinas. O curso contemplou disciplinas relacionadas à “Gestão Escolar, Currículo e Cultura” “Relações de trabalho e profissão docente”; “Escola, Gestão e Cultura”; “Gestão Escolar: Abordagem Histórica”; “Gestão Escolar: Planejamento e Avaliação” e “Estado, Políticas Públicas e Educação”.

No ano de 2007, realizei o curso de Extensão Universitária “Práticas de leitura e escrita na contemporaneidade”¹⁰. Teve como objetivo o desenvolvimento de capacidades relativas à leitura e escrita, visando à ampliação do letramento geral e digital dos educadores.

No mesmo ano, iniciei o curso de “Mídias na Educação”¹¹. Apresentou dentre seus objetivos proporcionar ao cursista uma visão crítica e abrangente sobre a incorporação das mídias e suas linguagens ao processo de ensino e aprendizagem, além de oferecer informações específicas sobre diferentes mídias (rádio, TV e vídeo, material impresso e informática), facilitando a apropriação como ferramentas de autoria e coautoria, de forma integrada ao projeto pedagógico. As discussões e propostas de estudos estavam relacionadas aos conceitos e referenciais da educomunicação, contemplando diferentes mídias, convergências e gestão dentro do âmbito educacional. O referente programa, disponibilizado num ambiente virtual de aprendizagem, estava estruturado em módulos que se agrupavam em blocos temáticos dedicados às mídias e sua gestão no espaço escolar.

⁹ Curso oferecido pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Programa de Pós-Graduação: Educação e Currículo, Projeto Gestão Escolar e Tecnologias. Disponível em: <<http://www.gestores.pucsp.br/>>.

¹⁰ Promovido pela Faculdade de Comunicação e Filosofia – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

¹¹ Realizado pelo NCE/USP - Núcleo de comunicação e educação da Universidade de São Paulo- Programa de Formação Continuada a Distância.

Esse veio ao encontro de minhas expectativas enquanto professora/gestora, visto que os temas abordados sempre estiveram presentes em práticas cotidianas das muitas instituições em que atuei.

Após tantas buscas e interesses pelas mídias e tecnologias, e carregando uma grande ansiedade em utilizá-las de forma significativa na escola, ingressei como aluna mestranda do curso de Pós-Graduação, pela Universidade de Sorocaba, onde a linha de pesquisa escolhida foi a do Cotidiano Escolar com enfoque nas questões relacionadas às mídias e tecnologias nas relações de ensino na escola, analisando os diferentes atores de seu cotidiano, a importância na ausência e na presença delas e o quanto eu como gestora posso contribuir, seja na apropriação, mediação, efetivação de práticas que a envolvem no cerne da escola.

Esses cursos, disciplinas, práticas são no mínimo fortes indicadores que justificam o prosseguimento nos estudos na área, pois, paulatinamente foram redimensionando minha prática e possibilitando construir novas ações e interações com as diferentes linguagens. Segundo Smolka (2006), tais experiências se produzem nas relações sociais, afetando e transformando a atividade humana.

[...] experiência é resultante daquilo que impacta e é compreendido, significado pela pessoa [...]. Na raiz da experiência, o outro [...]. Na raiz da experiência, o signo, aquilo que se produz na relação com o outro, que afeta os participantes na relação, que redimensiona e transforma a atividade humana, que vai possibilitando a produção de sentidos (SMOLKA, 2006, p.107-8).

Diante de toda narrativa exposta me resta anunciar que,

Não é à toa que entendo os que buscam caminho. Como busquei arduamente o meu! E como hoje busco com sofreguidão e aspereza o meu melhor modo de ser, o meu atalho, já que não ousa mais falar em caminho. Eu que tinha querido O Caminho, com maiúscula, hoje me agarro ferozmente à procura de um modo de andar, de um passo certo. Mas o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre as árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é outro, é os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis o meu porto de chegada. (LISPECTOR, 1999a, p. 119)

2.4 A cidade sitiada: Sorocaba - campo empírico da pesquisa

Apresentar a cidade de Sorocaba se fez necessário, foi intencional.

Minhas relações como pesquisadora sempre foram permeadas pelas transições entre espaços campestres das pequenas cidades de Carlópolis e Itaporanga e agora pelo grande centro urbano de Sorocaba, sempre num processo de busca, ora seja de minha individualidade, ora de me adequar ao contexto de vida que me trouxesse contentamento e possibilitasse a realização da pesquisa.

De acordo com dados do site oficial da Prefeitura Municipal de Sorocaba, a cidade

[...] está localizada na região sudoeste de São Paulo, a cerca de 90 km da capital de São Paulo, com aproximadamente 587 mil habitantes, considerada a quinta cidade em desenvolvimento econômico do estado. As bases de sua economia estão relacionadas aos setores da indústria, comércio e serviços, contabilizando mais de 22 mil empresas instaladas. Por meio de um planejamento estratégico, a cidade assume compromissos internacionais com a população, intitulando-se 'Cidade Saudável, Cidade Educadora', de acordo com modelos de gestão indicados pela UNESCO e pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Os princípios de tais compromissos estão baseados em políticas públicas que promovem a saúde, o bem estar, a democracia participativa, a sustentabilidade, a gestão democrática, o exercício da cidadania, e demais atitudes que garantam a justiça social. A educação da cidade de Sorocaba é planejada, coordenada e supervisionada pela Secretaria da Educação, que administra os Centros de Educação Infantil, Escolas de Ensino Fundamental e Médio, Centro de Referência em Educação e as unidades dos centros de inclusão digital Sabe Tudo e da Escola em Tempo Integral – Oficina do Saber.¹²

Conforme dados obtidos no site oficial da Secretaria da Educação a cidade possui 88 escolas de educação infantil, sendo 10 em escolas do ensino fundamental; 39 escolas do ensino fundamental, sendo 04 com ensino médio e dessas 30 atendem o programa de educação em tempo integral; 19 entidades conveniadas e 20 escolas com EJA (educação de jovens e adultos), totalizando 27 turmas.

A visão da Secretaria da Educação é ser reconhecida nacional e internacionalmente como uma organização de excelência na área da educação municipal pública, no contexto de Cidade Educadora com foco no desenvolvimento de competências, habilidades e valores, que possibilitem aos cidadãos o exercício da autonomia e democracia ativa. Sua missão é assessorar, coordenar e avaliar administrativa e pedagogicamente as Unidades Escolares, definindo diretrizes e estratégias que favoreçam o desenvolvimento dos alunos para se tornarem cidadãos plenos. A finalidade está relacionada à educação de qualidade para todos, com foco na

¹² Disponível em: <www.sorocaba.sp.gov.br>. Acesso em: 01 outubro 2012.

aprendizagem. Os Valores são: educação centrada na aprendizagem; agilidade; busca de inovações; melhoramento contínuo e foco no futuro.¹³

A Secretaria de Educação desenvolve os seguintes programas e ações: alfabetização e letramento (disponibilizando um aluno educador na sala para auxiliar os professores de 1º e 2º anos); Amigos do Zippy, Amigos do Maçã e amigos do Zippy em casa (atividades para trabalhar a educação emocional dos alunos de 1º e 2º anos); Clube da Escola (oferece lazer e atividades socioculturais nas escolas nos finais de semana); Empreendedorismo (atividades para despertar o empreendedor nos alunos, trabalhando com a busca e realização dos sonhos (DOLABELA, 2003); Oficina do Saber (escola em tempo integral); Este livro é meu (doação de livros infantis para os alunos levarem para casa e montar sua biblioteca; acesso a livros de qualidade e estímulo à leitura); Musicalização (fanfarras nas escolas com os alunos); SGI (sistema de gestão integrada para alinhar as ações da rede de ensino); Escola Cidadã (fortalecimento da gestão democrática, do protagonismo infanto-juvenil e formação para elaboração do projeto eco político pedagógico); Escola saudável (atividades para prevenção de doenças e promoção da saúde); Roteiro educador (viagem na história e cultural pela cidade; aprendendo dela e com ela); Sabe Tudo (acesso a computadores, internet, livros, revistas, jornais e cursos de informática para toda a comunidade); Ler é prazer (entrega de um suplemento infantil de um jornal local a todos os alunos da rede municipal).

Dentre os programas e ações relacionados anteriormente, nota-se que quanto ao acesso às tecnologias, a Secretaria disponibiliza somente o Sabe Tudo¹⁴, mas não apresenta uma articulação com o processo de ensino e aprendizagem concernente ao ambiente escolar, pois seu foco está relacionado ao acesso oferecido à comunidade externa.

Cabe destacar que uma das atribuições do gestor de escola, de acordo com a Lei Municipal nº 8119, de 2007¹⁵, refere-se à implementação de programas e projetos da Secretaria da Educação, tendo em vista sua função de desenvolver seu trabalho em estreita consonância com os preceitos pedagógicos da Rede Municipal de Ensino.

¹³ Disponível em: <www.educacao.sorocaba.sp.gov.br>. Acesso em 08 maio 2012.

¹⁴ O referido projeto será melhor explanado posteriormente.

¹⁵ Lei Municipal nº 8119 de 29 de março de 2007: Estabelece o Quadro e o Plano de Carreira do Magistério Público Municipal de Sorocaba.

Quanto aos programas e projetos da rede municipal que contemplam a integração das tecnologias, pode-se dizer que há tempos busca-se a integração das tecnologias no ambiente escolar. Esses serão trazidos de forma detalhada em capítulo específico à luz do referencial teórico, analisando teoria e empiria.

No próximo capítulo, trago a metodologia assumida na pesquisa com os aportes teóricos sustentadores da mesma.

3 PESQUISA NARRATIVA: O ESTUDO DA EXPERIÊNCIA COMO HISTÓRIA E A FORMA DE PENSAR SOBRE ELA

Se um homem não acerta o passo com seus companheiros é porque talvez ouça um tambor diferente. Deixai-o marchar conforme a música que ouve.
(Henry D. Thoreau, 2001, p.311)

Nunca tive a pretensão de pesquisar algo pelo que eu não tivesse um certo encantamento, ou que não fizesse parte do meu contexto de vida/mundo, e ao percorrer os caminhos da Pesquisa Narrativa fui me envolvendo, deixando-me ser absorvida pelos relatos orais e escritos dos gestores que participaram da pesquisa, e isso foi dando sentido ao meu fazer e criando identidade em mim, antes não percebida.

Assumir um papel mais próximo e me envolver com os participantes da pesquisa, não estar em busca de uma verdade absoluta (FREIRE, 1986), considerar as múltiplas interpretações possíveis (MELLO, 2004) e construir espaços para reflexão através das experiências vividas e relatadas (CLANDININ; CONNELLY, 2011) foram os motivadores de minha escolha.

As histórias narradas na pesquisa são oriundas de histórias pessoais e profissionais, as quais foram importantes para o processo de construção do conhecimento de todos os participantes.

Mas afinal, por que optei por esse tipo de método - Pesquisa Narrativa? Compartilho das ideias de Benjamin, nas quais a narrativa é posta como forma artesanal de comunicação.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão- no campo, no mar e na cidade - é, ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação [...] ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida tirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Asseguro-me na definição dada por Benjamin, por também crer que através da narrativa há transformações, na medida em que utilizo dela de forma reflexiva e parto para a reconstrução de novas práticas, com novos significados, como é o caso aqui abordado sobre o uso das mídias e tecnologias, mediadas pelo gestor, no ambiente escolar.

Utilizei, ou melhor, “ousei e abusei” de citações extraídas dos poemas, crônicas e títulos das obras de Clarice Lispector, que muito me inspira, na construção da dissertação, na tentativa de sintetizar os diversos elementos que constituem o currículo por mim vivido e de fazer entender o espaço onde estou imersa.

A Pesquisa Narrativa é aquela que vê os sujeitos/participantes como mecanismos carregados de histórias; as experiências são contadas por meio das histórias sobre as experiências vividas e nos permitem compor um cenário, uma imagem, uma paisagem, um panorama (MELLO, 2004).

Identifiquei-me com o perfil do pesquisador narrativo, por ser um participante que também vivencia a prática dos outros participantes e que sente urgência em relatá-la, a fim de construir com eles significados que venham dar maior entendimento, por estar, de certa forma, dentro das experiências vividas, contadas e recontadas. Isso vem justificar os motivos de minha dissertação se iniciar pelas minhas histórias, pois tenho que entender a mim mesma e ser capaz de problematizar as tensões entre as minhas próprias histórias e as dos participantes neste trabalho (MELLO, 2004).

Ao adotar as narrativas, tomei como referência a obra de Walter Benjamin (1987), por descortinar “[...] a possibilidade de experimentar e experienciar novas compreensões a respeito deste gênero discursivo, fundamental na constitutividade de nossa humanidade enquanto espécie [...]” (apud PRADO, 2010, p. 86)

Venho, através delas, trazer as histórias dos gestores por acreditar que,

[...] ‘somos humanos’ porque temos a vontade de nos contar a outros humanos e de saber que as nossas histórias contadas serão, por sua vez, contadas a outros humanos, numa corrente de histórias que não se interrompe e perpetua a história dos homens e dos que nela, e dela, fazem parte (BRUNER, 1998, apud PRADO, 2010, p. 86).

Narrar histórias, lembrar fatos, cores, cheiros, emoções, sensações, faz com que as histórias não sejam perdidas, pois ao serem narradas, as histórias são preservadas, não caindo no esquecimento, podendo “[...] ser de alguma maneira, recontadas, re-vividas, de modo a que esses sentidos se misturem e se mesquem uns aos outros, dando corpo a um sentido comum e coletivo” (BENJAMIN 1987, apud PRADO, 2010, p. 86).

A coletividade e o sentido comum nos remetem ao filme “Narradores de Javé”¹⁶ (2003), no qual os moradores de um vilarejo fictício, chamado Vale do Javé, foram mobilizados e começaram um processo de contar histórias, no intuito de construir um documento capaz de impedir que o vilarejo fosse imerso pelas águas de uma hidrelétrica, visto ser a única chance apresentada aos moradores a fim de provar que a cidade possuía um valor histórico a ser preservado. Para isso, precisavam colocar por escrito os fatos que só eram contados de boca a boca, de pai para filho. Como a maioria dos moradores era analfabeta, para preparar esse documento contando todos os grandes acontecimentos heroicos de sua história, recorreram ao ex-carreiro da cidade. Ao contar e recontar as histórias desse povo, dando significados às experiências vividas naquela época, o filme estimula o debate pelos significados que emergem das falas de seus personagens, construindo articulações entre o presente e o passado e possibilitando a reflexão sobre as relações entre história e memória.

Na união e reunião de sentidos, os narradores buscam projetar imagens e buscar temas e relacionamentos para compartilhar sua história (PORTELLI, 2004).

Sendo assim, podemos dizer que todos nós somos narradores, contadores de história,

[...] porque as produzimos, entretecendo-as com outras histórias, com outros sentidos, construindo aquilo a que Bakhtin (1992) se refere como memória de futuro, ou seja, o cálculo de algumas possibilidades de futuro a partir do que contamos do passado e que produzem efeitos de sentido no presente, no ato de narrar, em constante devir (PRADO, 2010, p. 86).

Uma pesquisa narrativa pode ser desenvolvida pelo contar de histórias ou pela vivência de histórias,

[...] assim, se como pesquisadora, ouço as histórias dos participantes e juntos tentamos construir significados, está se realizando uma pesquisa narrativa com foco no contar de histórias, porém se meus participantes e eu vivemos juntos uma experiência e juntos tentamos construir seus

¹⁶ O filme tem direção de Eliane Caffé, roteiro de Eliane Caffé e Luiz Alberto de Abreu, produção de Vânia Catani e no elenco conta com José Dumont (como Antônio Biá), Gero Camilo (como Firmino), Nelson Dantas (como Vicentino), Silvia Leblon (como Maria Dina) e outros. Recebeu vários prêmios, entre eles: nove prêmios no Festival de Recife 2003, incluindo melhor filme; melhor filme também no Festival de Cinema das 3 Américas, de Québec / Canadá, e no Festival de Buxelas – Independent Film. Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF15/Artigo_04_ABRIL-MAIO-JUNHO_2008_Heloisa_Helena_Pacheco_Cardoso.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2012.

significados, está se realizando uma pesquisa narrativa com foco na vivência de histórias (MELLO, 1999, p. 89).

Na dinâmica da pesquisa ficou mais evidente o ouvir histórias dos gestores, sendo que, ao contar e compartilhar vivências e experiências, (re)construímos significados e pudemos (re)pensar a prática.

Connelly e Clandinin (apud MELLO, 2004) falam sobre a sociabilidade, sobre a importância de estar atento e respeitar as condições pessoais dos participantes de uma pesquisa, prestando atenção aos seus sentimentos, esperanças e desejos, por exemplo. O pesquisador em uma pesquisa narrativa precisa considerar as condições sociais nas quais as pessoas vivem suas experiências. Assim, é necessário questionar: e se a história fosse diferente? E se as condições fossem diferentes? Isso vem ao encontro da perspectiva Histórico-Cultural, assumida na pesquisa.

Nada mais convincente do que utilizar-me da pesquisa narrativa para criar significados. Trabalhar com o contar de histórias, para mim, é entender como as pessoas usam das histórias vividas, o quanto de significados foram atribuídos através dessas experiências vividas e através disso criar novas histórias a serem vividas.

As histórias não são parte da pesquisa, elas são a pesquisa. Elas não são somente textos a serem analisados, elas são o como a experiência é recontada, revivida e interpretada. Elas são o fenômeno estudado e também a forma como o fenômeno é estudado (MELLO, 1999, p. 91).

Ao trazermos a questão de construção de significados, ela vem carregada de experiências e histórias pessoais: contar, vivenciar, reviver, tempo, lugar, sentimentos.

Mello faz uma colocação com a qual me encantei e trouxe para compartilhar. Ela diz que “o pesquisador de narrativa não pode olhar somente as árvores mas, principalmente, a floresta para ver as histórias como unidades de significado ao invés de considerar somente as palavras, frases ou termos sintáticos como unidades de significados” (MELLO, 2004, p. 96).

Diante do exposto, minha convicção pela pesquisa narrativa é fortalecida pela expectativa de que as histórias contadas sejam colaboradoras/formadoras de conhecimento, capazes de nos remeter às histórias passadas e reconstruir possíveis histórias futuras ou mesmo dar continuidade a elas (MELLO, 1999).

Ao abordar a necessária importância de dar voz ao pesquisador e aos gestores participantes da pesquisa, ouvindo seus relatos orais ou analisando suas narrativas escritas, reconheço o quanto se faz necessária a interlocução de outras vozes numa constante reconstrução de ressignificações da função do gestor, conforme alerta Freitas (1995, p.14),

É preciso que surjam outras vozes, porque de acordo com Bakhtin (1993) um orador que escuta apenas sua própria voz paralisa sua enunciação, destrói o vínculo dialógico com sua audiência, restando inútil a sua intervenção. Para que nossa interlocução se efetive é preciso que à minha palavra se oponha a sua contra-palavra. Essa é a essência da compreensão, onde o *já-dito* será agora enriquecido e completado pelo *dito* de vocês.

Analisando as narrativas assumidas como relatos pelos gestores escolares, pude reconhecer o quanto elas são importantes na construção de subjetividades, ajudam no entendimento de que, através da linguagem exercida pela expressão, os sujeitos significam a si mesmos e a suas práticas, pois “são estórias que contamos uns aos outros e a nós próprios” (ROSE, 2001, p. 151).

Desenvolve-se por meio das narrativas um processo em que as pessoas contam suas histórias, porém, essas vêm carregadas de novas criações e com novos significados atribuídos às experiências vividas e narradas.

As narrativas são vistas como práticas, objetos de luta que apontam o presente, relacionam-se com o passado, acionam virtualidades futuras (SILVA, 2008, p.01).

É preciso dar nova vida à narrativa, trazê-la ao conhecimento de todos, garantindo ao sujeito suas ações humanas como foco do conhecimento, pois

Durante muito tempo o mundo foi visto como estrutura e como representação. Impõe-se, agora, vê-lo também como experiência, o que obriga a invenção de uma nova epistemologia do sujeito. Olhando para os livros escritos nas últimas décadas, surge de imediato a questão: onde é que estão as pessoas? (NÓVOA, 2004, p. 9).

O papel da narrativa na pesquisa evidencia tanto o caráter reflexivo, os modos de refletir, de relatar e representar a experiência, produzindo sentido ao que somos, fazemos, pensamos, sentimos e dizemos, como também o caráter investigador da experiência humana, onde a transformação dependerá da tomada de consciência e da abertura de cada sujeito.

[...] as narrativas em si não têm poder transformador, mas, em compensação, a metodologia de trabalho sobre a narrativa de vida pode ser a oportunidade de uma transformação, segundo a natureza das tomadas de consciência que aí são feitas e o grau de abertura à experiência das pessoas envolvidas no processo (JOSSO, 2004, p. 153).

Trazer à discussão as narrativas dos gestores escolares, no que diz respeito ao uso das mídias e tecnologias na escola, me instigou por acreditar que estamos passando por um momento marcante na história da educação brasileira, aliás, diga-se de passagem, mais um, no qual podemos verificar um movimento social muito amplo a favor de uma educação de boa qualidade, justa e igualitária, “encontramos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído” (NÓVOA, 1993, p. 18).

A escolha do tipo de abordagem narrativa surgiu do interesse de, a partir das histórias de vida dos atores que vivenciam o cotidiano da escola, entender melhor os processos de implantação, implementação e sustento das práticas efetivas referentes ao uso de mídias e tecnologias na ambiência escolar.

Exercendo um caráter político na pesquisa, percebi que era hora de dar vez e voz aos atores que sempre ficam nos bastidores da escola, pois encontramos inúmeras pesquisas, artigos e outros documentos que abordam as práticas e a formação dos professores em específico, porém, pouco se encontra referente aos gestores escolares, que também sendo professores, atuam em cargos que exigem práticas diferenciadas daquelas desenvolvidas em sala de aula.

O gestor, ao vivenciar sua subjetividade pelas narrativas, é capaz de se perceber como construtor de sua história e de seu processo de formação, pois nem sempre o educador age conforme seus ideais e opiniões, pois acaba sendo envolvido numa “teia de poder” que é a escola, e, num movimento espiral, repete ações sem refletir sobre elas e sem atribuir-lhes significados (FOUCAULT, 1996).

Diante das repetições dessas ações, que por vezes parecem tão ingênuas e naturais, nem sempre analisadas e percebidas, torna-se possível a análise por meio da leitura dos relatos (JOSSO, 2004).

As narrativas analisadas na pesquisa tentam mostrar o quanto os gestores percebem que sua constituição profissional tem estreita relação com sua constituição pessoal, o que pode contribuir para entender as razões que os levam a desenvolver determinadas práticas cotidianas.

Sobre o que eu me apoio para pensar ser aquele ou aquela que penso ser e quero tomar-me? Como me configurei como sou? E como me transformei? Sobre o que me baseio para pensar o que penso? De onde me vêm as ideias que acredito minhas? Sobre o que me apoio para fazer o que faço da maneira como faço e / ou pretendo fazer? Com quem e como aprendi meu “saber-fazer” em suas dimensões técnicas, programáticas e relacionais? Sobre o que me apoio para dizer o que digo (a escolha das temáticas, abordada nos relatos) da maneira como o enuncio (de onde vem o meu linguajar e o meu vocabulário). De onde vem minha inspiração minhas aspirações e meus desejos? (JOSSO, 2006, p. 26)

As narrativas dos gestores possibilitam identificar as marcas do coletivo, considerando que os indivíduos são frutos de determinada história, cultura e tempo. Vejo isso fortemente abordado nos relatos, nos fragmentos onde eles expõem seus desabafos e argumentos, reafirmando que “é necessário conhecer as pessoas e como elas mobilizam o que conhecem” (HONÓRIO FILHO, 2011, p, 194).

Como diz Sousa Santos (2009), é preciso criar oportunidades narrativas para que as pessoas se reinventem, caminhem para si, através das longas estradas dos relatos de vida.

Delory-Momberger (2008) corrobora com as ideias de Sousa Santos mostrando que,

O que dá forma ao vivido e à experiência dos homens são as narrativas que eles fazem de si. A narração não é apenas o instrumento da formação, a linguagem na qual esta se expressaria: a narração é o lugar no qual o indivíduo toma forma, no qual ele elabora e experimenta a história de sua vida (p. 56).

Diante desse contexto, valer-me-ei dos relatos orais e escritos dos gestores escolares para refletir sobre as práticas, as vivências e experiências ricas em aprendizagens e geradoras de novos conhecimentos.

Aproximei-me de Certeau (1985) quando se refere ao relato como possibilidade de discussão das práticas e como a prática em si.

O relato é, em si, a teoria das práticas cotidianas de que trata. Porque constitui, igualmente, uma prática cotidiana. Ele é o único tipo de texto que é, ao mesmo tempo, uma discussão de práticas cotidianas e uma prática cotidiana em si. Ele próprio constitui a teoria daquilo que faz, daquilo que conta (p.18).

O autor não se utiliza desse posicionamento como recusa ou mesmo banalização da teoria, porém se coloca frente a um modo bastante subjetivo ao afirmar que as práticas cotidianas são reveladas e significadas pelos relatos.

Dessa forma, busquei por meio dos relatos analisar as práticas cotidianas, utilizando-os como meios materiais para orientar minhas ações no trabalho e marcar o meu lugar na pesquisa.

A pesquisa encontra-se circunscrita na área das Ciências Humanas, na qual os objetos, sujeitos e conhecimentos estão em constante movimento, sendo constituídos num fazer histórico, na relação entre os sujeitos, dialogicamente, num constante (re)significar.

Nesse contexto, a pesquisa torna-se reflexo de minha concepção enquanto pesquisadora, a qual está embasada no referencial Histórico-Cultural, considerando o homem como ser sócio-histórico, criador, ativo, transformador..., e o mundo num fazer histórico.

Vygotsky (2007) propõe que ao estudar alguma coisa, devemos considerá-la em constante mudança, em sua evolução e historicidade, pois somente dessa forma descobriremos sua natureza e essência.

Buscando compreender as complexidades e o acontecer histórico dos sujeitos e do contexto da pesquisa, utilizei os seguintes instrumentos metodológicos: diário de bordo da pesquisadora, diário de bordo de um gestor, questionários de cinco gestores e gravações em áudio pela técnica do grupo focal.

A presente pesquisa realizou-se numa perspectiva dialógica, na qual o conhecimento é construído na inter-relação entre os sujeitos, considerando a aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de conhecimento, oportunizando o encontro de vozes, onde “o sujeito que se expressa, [...] carrega o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e cultural” (FREITAS, 2002, p.29), afetando a todos os envolvidos, que tiveram a possibilidade de refletir, aprender e (re)significar-se no processo da pesquisa.

O processo de atribuição de significados e (re) significação de concepções e práticas foi marcante no processo da pesquisa, pois “atribuir significados às situações vividas, a si próprio, aos outros e ao mundo é próprio da atividade humana” (VECINA, 2011, p. 53).

Essa busca por significação é atualizada na prática de narrar a si mesmo. Ao falar de si, o ser humano tenta estabelecer uma vida significativa e linear, numa perspectiva de que o passado é capaz de explicar o futuro. Ou, em outras palavras, o “ser humano é entendido como aquele agente que se

constrói a si próprio como um eu ao dar à sua vida a coerência de uma narrativa” (ROSE, 2001 apud VECINA, 2011, p.158).

A pesquisa foi realizada a partir de uma abordagem qualitativa, por meio de relatos orais advindos da técnica do grupo focal e escritos oriundos do diário de bordo da pesquisadora e de um gestor, participantes da pesquisa que atuam nas escolas públicas da rede municipal de Sorocaba, enfocando o resgate das memórias midiáticas e suas relações com o papel desses na integração das mídias e tecnologias nas relações de ensino.

A escolha dos gestores participantes do grupo focal efetivou-se a partir de: diversidade de cargos ocupados na gestão escolar (diretor de escolar, vice-diretor de escola e orientador pedagógico); interesse pela pesquisa e, em alguns casos, relações de amizade.

O encontro para a realização do grupo focal aconteceu num feriado, após um ato cívico em comemoração do aniversário do município. Primeiramente apresentei o meu projeto de pesquisa; explanei brevemente sobre a técnica do grupo focal a partir da fundamentação de Gatti (2005); solicitei o preenchimento dos questionários e dei início aos diálogos, mantendo-me na posição de mediadora e participante.

Esses diálogos foram permeados por questionamentos referentes ao resgate das memórias midiáticas na trajetória escolar dos gestores, na atuação em sala de aula, na atuação na gestão escolar e no levantamento de possibilidades referentes ao papel desses na integração das tecnologias no cotidiano escolar.

Tal proposta possibilitou-me a coleta de grande quantidade de informações sobre o assunto, todas permeadas por processos cognitivos, emocionais, ideológicos e representacionais, ampliando minhas concepções de gestora e pesquisadora.

Segundo Gatti (2005), a riqueza da interação no grupo surpreende, emergem novas categorias de entendimento e propicia novas e proveitosas inferências sobre o problema da pesquisa.

Considerar a pesquisa numa perspectiva dialógica, na qual o conhecimento é construído na inter-relação entre os sujeitos e a aprendizagem como processo social compartilhado e gerador de conhecimento, oportunizou-me adotar a técnica do grupo focal que, segundo Gatti,

[...] permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros (GATTI, 2005, p.11).

Trabalhar com a proposta do grupo focal realçou as concepções de Vygotsky (2000) quanto à constituição dos sujeitos, visto que essa se dá através dos outros, nas relações sociais, no coletivo.

Ao observar as narrativas/relatos orais das discussões do grupo, notei o encontro de muitas vozes e constatei que os discursos dos gestores “refletem e refratam a realidade da qual fazem parte, construindo uma verdadeira tessitura da vida social” (FREITAS, 2002).

Segundo a autora, Bakhtin considera que a leitura dos acontecimentos está impregnada do lugar de onde falamos, orientando a compreensão e construindo as formas de interação.

[...] cada pessoa tem um certo horizonte social definido e estabelecido que orienta a sua compreensão e que o coloca diante de seu interlocutor com uma forma própria de relacionamento. A partir dessa situação social, do lugar em que se situa, é que constrói suas deduções, suas motivações e apreciações. A leitura que faz do outro e dos acontecimentos que o cercam está impregnada do lugar de onde fala e orientada pela perspectiva teórica que conduz a investigação (BAKHTIN, 1998, apud FREITAS, 2002, p.29-30).

Nessa perspectiva, analisei as contribuições dos gestores no intuito de oportunizar reflexões sobre a integração das mídias e tecnologias nas relações de ensino, correlacionando-as ao resgate das memórias midiáticas, com os aspectos social, histórico e cultural que os constituíram, assim como os estudos teóricos e a inserção tecnológica na escola.

Considereei a cidade de Sorocaba para desenvolver a pesquisa, pois além de ser o lugar onde atuo como vice-diretora, posso considerá-la como palco de meu percurso profissional, no qual me constituo diariamente.

Ao iniciar a pesquisa já não me percebia tão estranha à ideia de pesquisar meu próprio trabalho, de ser sujeito-objeto num processo de pesquisa. As diferentes

vozes com as quais me defrontava iam me permitindo estabelecer as primeiras convicções de que,

A reconstrução dos processos que ocorrem na vida diária da escola permite integrar os numerosos momentos desconcertantes da observação e interpretar, a partir de uma perspectiva mais histórica, sua realidade cotidiana. Os processos se exprimem através de elementos e eventos diferentes que perpassam todos os âmbitos. As tramas reais se armam a partir de pequenas histórias, em que se negocia e se reordena a continuidade e a atividade escolar (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p. 29).

Perceber falas na escrita, perscrutar as muitas vozes implícitas nos registros, ouvir até mesmo as palavras que não foram ditas, ler aquelas esmagadas nas entrelinhas, identificar que lugar/lugares ocupam/ocupavam no tempo/espço da escola, me possibilitaram compreender os dados e, mais do que isso, significá-los, ressignificando, assim, o meu fazer como gestora na escola.

Além de analisar os relatos orais obtidos por meio da técnica do grupo focal, procurei registrar (diário de bordo da pesquisadora), no decorrer da pesquisa, vivências e experiências referentes ao uso das tecnologias na escola na qual atuo como vice-diretora. Também pude analisar os registros contidos no diário de bordo de um dos gestores (G3), que assim como eu também se encontrava em processo de pesquisa sobre o mesmo tema.

Os diários de bordo são considerados como espaços reflexivos e narrativos pessoais, onde se permite registrar dúvidas, anseios, percepções, questões, críticas, conflitos, documentar as tensões, reflexões e (re)elaborar crenças e práticas. É o instrumento que oportuniza a construção de um espaço narrativo singular, textualizando um diálogo interior. A escrita diária favorece um valioso distanciamento crítico, possibilitando a observação e a reflexão com possíveis releituras através da documentação de discursos e construções identitárias possíveis do leitor/autor (REICHMANN, 2007).

Enfim, considerar as diversas formas de relatos, orais ou escritos, me proporcionou interpretar as vozes dos outros gestores, que, assim como eu, constituem o cotidiano das muitas escolas públicas. Atentei-me em valorizar as anotações diárias, cheias de detalhes e riquezas de nossas vidas, trazendo os textos de campo para serem transformados em textos de pesquisa. Posso dizer que considere as anotações de campo como as formas mais importantes que temos de registrar os “pedacinhos de nada” que preenchem nossos dias (CLANDININ;

CONNELLY, 2011). São esses pedacinhos de nada repletos de relações e interações que permeiam e enriquecem o cotidiano escolar possibilitando o ressignificar constante de sentidos e significados.

4 OS GESTORES ESCOLARES, SUAS MEMÓRIAS E A HISTÓRIA RECONTADA: NO ENTRETECER DO PESSOAL E DO PROFISSIONAL - CONSTRUÇÕES COLETIVAS

A memória é tocada pelas circunstâncias, como o piano que “produz” sons ao toque das mãos. Ela é o sentido do outro. E por isso ela se desenvolve também com a relação – nas sociedades “tradicionais”, como no amor – ao passo que se atrofia quando se dá a autonomização de lugares próprios [...] A coisa mais estranha é sem dúvida a mobilidade dessa memória onde os detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois oferecem também o conjunto que esquecem; nem totalidade, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera. Esse “espaço” de um não lugar que se move com a sutileza de um mundo cibernético. Constituiu provavelmente o modelo da arte de fazer, aproveitando ocasiões, não cessa de restaurar nos lugares onde os poderes se distribuem, a insólita pertinência do tempo. (Michel de Certeau, 1994, p.164,165)

Ao escrever sobre os gestores escolares e suas memórias¹⁷, fui buscar embasamentos que pudessem me fazer entender a prática do gestor escolar, seus fazeres, e para isso fez-se necessário resgatar a minha trajetória enquanto aluna, professora e gestora, conforme narrado anteriormente.

Ao utilizar o termo “gestor” refiro-me aos diversos atores que compõem a equipe de liderança da escola, seja o diretor, o vice-diretor e o orientador/coordenador pedagógico, não esquecendo que “ser professor” é a função de origem desses.

O gestor escolar é um educador-professor, responsável pelo funcionamento da escola e pelo seu desempenho, em suma, é quem organiza, dirige e coordena todo o trabalho que se realiza na escola, cuidando para que as ações em geral sejam dirigidas a objetivos educacionais previamente estabelecidas pela comunidade escolar. Ele se confunde com a figura do diretor, porém, além deste, outros educadores participam da gestão escolar, mesmo porque é um trabalho que envolve diferentes competências e conhecimentos, exigindo a composição de uma equipe de trabalho (ALMEIDA; ALONSO, 2007, p. 16).

Se para contar, narrar algo já vivido, é preciso o lembrar/relembrar da experiência e trazê-la para o momento atual, precisamos buscar na história memórias que resgatem e reconstruam nossas experiências.

¹⁷ O termo “Memória”, tratado na dissertação, refere-se à memória como presentificação, ou seja, reconstrução do passado.

Conforme Kenski (1994), estuda-se sobre Memória em Educação com os mais diversos objetivos, os quais são basicamente associados às questões ligadas à História, área em que a memória é objeto permanente.

O objetivo é abordar o ensino, convidando os gestores a buscar a sua memória como presentificação, ou seja, reconstrução do passado, resgatando situações que retratem questões relacionadas ao uso das tecnologias, conduzindo-os ao tempo em que eram alunos, refletindo com eles se na referida época ficaram marcas significativas quanto ao uso das tecnologias por seus professores e o quanto elas contribuíram para sua formação e sua prática como gestor, no intuito de reconstruir uma nova história, direcionada para fins e objetivos educacionais.

Levantar dados, analisar como determinadas teorias foram aplicadas metodologicamente, relatar experiências sobre formas diferenciadas e relações construídas em sala de aula e na escola é o caminho que pretendo percorrer para alcançar a reconstrução dessa nova história.

Em outras pesquisas, a análise incide sobre a própria pessoa do pesquisador-professor, o resgate da sua trajetória profissional, suas experiências vivenciais, aquisições intelectuais e a forma como estas influenciaram sua vida (KENSKI, 1994, p.46).

Há indícios de que muitas práticas assumidas pelos gestores são provenientes de suas vivências anteriores, de experiências vivenciadas enquanto alunos, de lembranças fortemente impregnadas e que de alguma forma trouxeram sentido àquele momento.

Buscar explicações de tais práticas é algo no mínimo desafiador e ousado demais para ser abordado numa pesquisa. Seria lançar passos além da capacidade que minhas pernas podem alçar, mas não me impedirá de tentar buscar respostas a tamanho questionamento, pois um dos objetivos primordiais deste estudo “está na reflexão individual ou coletiva sobre as influências deixadas por vivências marcantes do passado na prática pedagógica desses professores” (KENSKI, 1994, p.46) e que venham refletir em sua prática como gestores.

Compreender o quanto as vivências do passado influenciam as práticas pedagógicas dos gestores é algo que pretendo construir junto com eles, refletindo como tais experiências foram significativas, que sentimentos foram fortemente

observados na época e o que os recortes desses momentos foram capazes de influenciar nas escolhas pessoais e profissionais.

Analisando minha própria atuação enquanto professora/gestora, vejo em mim nuances de vários professores que tive: aqueles que com seu carisma deram o exemplo e me motivaram na opção da carreira, como também aqueles que com tamanha amargura e desamor me fizeram repudiar atitudes semelhantes. Nessa perspectiva, o professor-pesquisador busca a origem de seu modo de trabalhar nas influências teóricas, no relacionamento com colegas e alunos e na forma como esses interferiram em sua prática docente (FAZENDA, 1991).

O que aguça minhas indagações acerca das práticas cotidianas, por meio do resgate de memórias, é justamente a capacidade de, ao voltar ao passado, produzir trabalhos que venham traduzir a atual prática, bem como nos levar à reflexão sobre a maneira de atuação dos gestores.

A seguir, tratarei do perfil dos gestores participantes e do resgate de algumas memórias que deixaram marcas na constituição desses profissionais.

4.1 Perfil dos gestores participantes

O perfil dos cinco profissionais da rede municipal de Sorocaba, participantes desta pesquisa, efetivou-se por meio da análise de um questionário respondido anteriormente à proposta do grupo focal, tendo em vista que os aspectos sociais, históricos e culturais também serão considerados no processo de análise e compreensão dos dados coletados.

Inicialmente, para utilização na pesquisa, eu almejava a participação do grupo de vice-diretores na devolutiva dos questionários, no entanto, a ausência de retornos desses levou-me a optar por outra alternativa, a de convidar os gestores que apresentaram maior interesse e disponibilidade para a pesquisa, conforme descrito anteriormente.

Os gestores participantes da pesquisa apresentam idades diferenciadas, variando entre 27 e 45 anos.

O local de trabalho e o tempo de experiência na gestão escolar também variam, sendo que três têm experiência na gestão escolar na rede municipal ou estadual de outros municípios, dois nunca atuaram como gestores em outras redes

municipais/estaduais e o tempo de atuação na rede municipal de Sorocaba varia de 8 meses a 5 anos.

Explanarei, a seguir, informações específicas de cada gestor, pertinentes à pesquisa.

O Gestor 1 (G1) tem 45 anos de idade, atua na área da educação há 15 anos, cursou o magistério em escola pública, é graduado em Educação Física por uma Universidade particular, pós graduado em psicopedagogia, atuou como professor de educação básica II na rede estadual por 15 anos, sendo que nesse período atuou na gestão escolar. Na rede municipal de Sorocaba atua há um ano como orientador pedagógico.

O Gestor 2 (G2) tem 36 anos, atua há 15 anos na área de educação, cursou o magistério público estadual, é graduado em Geografia por uma universidade particular, fez mestrado em Educação em uma Universidade particular, atualmente é aluno do curso de doutorado em uma Universidade pública, atuou como gestor na rede estadual por 6 anos e na rede municipal de Sorocaba atua como diretor de escola há 3 anos, conciliando o cargo de diretor de escola com o de professor de Geografia numa escola estadual.

O Gestor 3 (G3/Camargo) tem 33 anos, atua há 9 anos na área de educação, cursou o magistério público estadual no Centro de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério (CEFAM)¹⁸, graduado em Pedagogia por uma universidade pública estadual; pós-graduado em “Direito Educacional” por uma Universidade particular, em “Mídias na educação” por uma Universidade pública estadual e possui MBA em Gestão de Excelência por uma Universidade particular. Atualmente cursa especialização em Arte-Educação e é mestrando em educação em Universidade pública. Há 5 anos atua como gestor na rede municipal de Sorocaba, sendo 3 anos como vice-diretor e 2 anos como diretor de escola.

O Gestor 4 (G4) tem 31 anos, atua há 6 anos na área de educação, cursou magistério numa escola pública estadual, CEFAM, é graduado em Pedagogia por uma universidade pública estadual, atualmente cursa pós-graduação em “Mídias na

¹⁸ CEFAMs – Os Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento para o Magistério foram criados em 1988; surgiram como um projeto especial da rede pública da Secretaria de Estado da Educação de São Paulo para formar, em nível médio, professores da primeira à quarta série do ensino fundamental; era preciso estudar quatro anos, em período integral, para obter o diploma para o magistério. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=84>> Acesso em: 20 abr. 2013.

Educação” por uma Universidade pública. Há 5 anos atua como vice-diretor na rede municipal de Sorocaba.

O Gestor 5 (G5) tem 27 anos, atua há 4 anos na área da educação, cursou o ensino médio regular numa escola particular, fez o curso normal superior numa escola particular, é pós-graduado em Gestão escolar por uma Universidade particular, atua como orientador pedagógico na rede municipal de Sorocaba há menos de 1 ano.

Os cinco gestores declararam ter tido na graduação ou na pós-graduação alguma disciplina que contemplasse a integração das tecnologias na prática educativa, mesmo que superficialmente.

Em suas práticas cotidianas costumam utilizar com frequência o computador, a câmera digital, o data show, TV, DVD e a lousa digital.

Na prática diária dos professores das escolas onde atuam como gestores, as tecnologias mais utilizadas são, respectivamente: TV, DVD, computador, lousa digital, câmera digital, data show e o rádio.

Dentre os gestores participantes, quatro cursaram o magistério e um cursou o ensino médio regular. Quanto à graduação, dois realizaram o curso de Pedagogia, dois apresentam graduação em outras áreas: Educação Física e Geografia e um cursou o Normal Superior. Na pós-graduação, um deles possui Mestrado e atualmente cursa o Doutorado, outro está cursando o Mestrado, já em fase de defesa, outros três possuem títulos em nível de especialização.

Referente ao tempo de experiência como professores, dos cinco participantes todos possuem tempo significativo atuando em sala de aula, apresentando mais de quatro anos de experiência, sendo que três são PEB I (Educação Infantil e Ensino Fundamental – séries iniciais), e dois são PEB II (5ª a 8ª séries e Ensino Médio). Cabe destacar, que um participante atua como professor na rede estadual de ensino, acumulando cargo, lecionando em sua respectiva área do conhecimento, a disciplina de Geografia.

Mediante o perfil dos profissionais participantes da pesquisa, elencarei a seguir alguns temas recorrentes para possível aprofundamento, relacionando os aspectos social, histórico e cultural que constituíram os referidos profissionais, em consonância com suas concepções e o trabalho diário.

4.2 As memórias midiáticas na trajetória de estudante

Dentre as inúmeras hipóteses levantadas nas discussões, no que tange as concepções, ideias, ações, angústias, entre outras percepções compartilhadas, referentes ao papel dos gestores na integração das tecnologias no ambiente escolar, selecionei algumas categorias de análise que estão diretamente relacionadas à função desses profissionais e que serão abordadas neste capítulo.

Nos discursos dos gestores participantes, pude constatar que olhar para o passado emerge explicações para as ações do presente, sendo que no entretecer das relações com os outros, durante o percurso de vida pessoal e profissional, ocorre um resgate e o redimensionamento na constituição dos gestores.

Compreender a origem da prática, bem como de que forma ela é conduzida nas relações de ensino, se faz relevante para a (re)significação e o (re)dimensionamento de concepções e ações.

Posso perceber que fatores como a imagem física do professor/gestor, as formas como ele se relaciona com o conhecimento ensinado e com os alunos, são transformados em marcas que permanecem nas lembranças deles como sendo, ou não, bons modelos de professores/gestores.

Posso perceber fortemente tais marcas nos relatos dos gestores a seguir:

[...] eu tava vendo umas fotos e eu vi a foto do ex-diretor da escola de quando eu era criança e a figura dele é uma figura assim que é o anti-diretor pra mim, é aquilo que eu nunca quero ser na minha vida enquanto diretor [...](G2, APÊNDICE B, p.130).

[...] O G2 falou uma coisa muito legal assim, que talvez até passou, mas é a questão da gente trazer o resgate das nossas memórias, é uma coisa forte, que ele falou uma coisa que faz toda a diferença, que a gente se prende naquele professor, a nossa memória busca aquele que foi o referencial mas tem aquele também que você vai fazer de tudo pra não ser como ele. Eu lembro que quando entrei na escola, na primeira série lá em... eu lembro que minha mãe chegou na escola, tinha uma vaga, daí o diretor foi assim muito assim claro com minha mãe, "é tem uma vaga na primeira série, mas já é pra filha de tal professor", que eu sei o nome até hoje. E realmente ela ingressou e eu fui pra educação infantil mesmo tendo idade pra ir pra primeira série. E eu lembro que quando eu entrei na primeira série, o diretor da escola entrava nas salas de aulas da escola chutando a porta. Eu achava aquilo assim um absurdo! (PESQUISADORA, APÊNDICE B, p.131)

[...] eu lembro da minha diretora que a gente não podia chegar perto [...] eu lembro do meu diretor agora vocês falando, imagina a gente não podia nem chegar perto da sala dele que já tinha dez, então a gente nunca passava na cabeça chegar perto, então esse modelo eu não quero! (G1, APÊNDICE B, p.131).

[...] eu tô lembrando assim, do que eu também não quero pra mim, eu lembro muitos diretores quando eu tava na sala de aula, que os equipamentos eram trancados na sala dele com chave, não é? Trancados e assim você tinha que implorar e as vezes você planejou pra aquele dia usar e você não podia usar e tinha que esperar o dia que o diretor tá lá e os diretores antigos nunca estavam lá na escola, né? (G3, APÊNDICE B, p.131).

Ficam evidentes nos relatos, modelos de gestores que deixaram marcas na vida escolar dos participantes, de modo que expõem sentimentos e posturas repudiadas por eles, como “[...] é o anti-diretor pra mim, é aquilo que eu nunca quero ser na minha vida enquanto diretor [...]”; “[...] o diretor da escola entrava nas salas de aulas da escola chutando a porta. Eu achava aquilo assim um absurdo! [...]”; “[...] esse modelo eu não quero [...]” e “[...] eu também não quero pra mim [...]”.

Vale lembrar que as escolas tradicionais “eram vistas como organismos sociais legalmente definidos, cuja estrutura se impunha pela determinação rígida de papéis e funções, delimitando os territórios de cada ator, o que dificultava ou até mesmo impedia uma atuação conjunta mais harmoniosa” (ALONSO, 2007, p.25).

Sendo assim,

[...] o trabalho do gestor consistia em administrar a rotina escolar dentro do regime estabelecido de ordem e disciplina, garantindo que as atividades de ensino fossem realizadas de forma satisfatória. Para tanto, contava com uma estrutura rígida, em que as atribuições e as responsabilidades estavam bem definidas, bem como as expectativas da instituição e da comunidade escolar (ALONSO, 2007, p. 25).

Muitas vezes a ordem e a disciplina eram efetivadas da forma como foi relatado por alguns gestores. Essa visão de escola incapaz de refletir sobre as mudanças que ocorrem na sociedade, inflexível, que não se adapta às transformações e que enseja manter no professor o foco, perdeu sua razão de ser na atual sociedade, pois “[...] compete à escola promover a renovação da cultura, e, para tanto, é preciso contar com a participação ativa do educando no processo com o conhecimento existente” (ALONSO, 2007, p. 26).

Se à escola cabe a responsabilidade pela formação integral de seus/suas alunos/as nos aspectos: emocional, físico, cognitivo, afetivo, cultural, é preciso repensar as práticas que ainda trazem resquícios de uma educação tradicional, pautada por posturas autoritárias.

Corroboro as ideias de Libâneo (2003), de que a escola deve contribuir à formação democrática dos sujeitos, a qual torna-se necessário,

[...] que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar valores humanos fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade, o reconhecimento da diversidade e da diferença, o respeito à vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convicções democráticas (LIBÂNEO, 2003, p.8).

Segundo o autor, a escola deverá passar por transformações indispensáveis à democratização cultural,

[...] definindo novas formas de ensinar e aprender e organizando o espaço escolar de acordo com critérios mais amplos e abrangentes, que tragam, para dentro da escola, elementos vivos da cultura e questões essenciais decorrentes da dinâmica social. Para tanto, é preciso preparar os gestores para reconhecerem o seu papel como intérpretes dessa cultura e, ao mesmo tempo, condutores de um processo formador (TERÇARIOL; SIDERICOUDES, 2007, p. 53).

Dessa forma, torna-se necessário repensar as concepções de gestão escolar, assim como do papel dos gestores no processo de formação continuada, pois o resultado de suas ações afetam consideravelmente as relações de ensino.

Superar os modelos de gestão autoritária e destoantes a atual realidade histórica e cultural, requer conhecimentos teóricos e metodológicos que reconheçam e possibilitem transformações às reais condições de ensino.

[...] a escola é uma organização social, especialmente destinada à formação das crianças e jovens que têm vida própria, um organismo vivo que interage com o ambiente social extraindo dele estímulos e energia necessários para desenvolver o trabalho. Sendo assim, não é possível pensar na escola senão a partir de um determinado contexto social, do qual ela se nutre e para o qual ela forma as pessoas. Portanto, pensar na escola independente dessa circunstância é totalmente improdutivo (ALONSO, 2007, p. 27).

Quanto à questão abordada pelo G3, “[...] eu lembro muitos diretores quando eu tava na sala de aula, que os equipamentos eram trancados na sala dele com chave, não é? Trancados e assim você tinha que implorar e às vezes você planejou praquela dia usar e você não podia usar [...]”, nos remete ao distanciamento dos gestores no processo de integração das tecnologias, sendo que eles “[...] frequentemente ficaram à margem do processo, causando, muitas vezes,

dificuldades ou até mesmo impedimentos ao uso da tecnologia pelos alunos e professores” (TERÇARIOL; SIDERICOUDES, 2007, p. 53).

Ressalto sobre a necessidade de não termos uma visão ingênua de culpabilização apenas dos gestores, pois tais posturas se davam devido ao processo de introdução das tecnologias no contexto escolar, onde a preocupação maior das autoridades de ensino estava voltada à formação do professor, e isso raramente era ofertado aos gestores. Nos últimos anos a oferta de formação aos gestores tem sido consideravelmente ampliada, especificamente na rede estadual de ensino (Proinfo e o Curso de Gestão Escolar e Tecnologias¹⁹).

Da presente análise emerge a necessidade de rever e ajustar a estrutura e a organização da escola, bem como dos papéis e atribuições de seus respectivos gestores, no que tange as novas demandas da sociedade da informação e comunicação, oportunizando a (re)significação e (re)construção das/nas relações de ensino que permeiam o cotidiano escolar.

O resgate das memórias dos gestores, explanadas e analisadas anteriormente, possibilitaram o resgate e a compreensão de um passado vivido, criando condições de refletir sobre o próprio presente, recuperando histórias, repensando as práticas atuais, buscando um “[...] sentido melhor, ou, pelo menos, mais consciente das influências que redundaram na sua conduta [...]” (KENSKI, 1994, p. 49).

Posteriormente analisarei os relatos referentes ao uso das mídias e tecnologias na formação dos gestores, por crer que a prática docente dos gestores pode ser explicada pelo resgate da história de vida pessoal, e que essa pode interferir na atuação profissional e na constituição do sujeito.

Nos diálogos estabelecidos no grupo focal, relembremos fatos marcantes quanto ao uso das tecnologias na nossa formação educacional, desde a Educação Infantil, até os cursos de especialização, percorrendo toda a nossa trajetória de estudante, atentos à importância de buscar na memória fatos que venham desvelar

¹⁹ ProInfo: Programa Nacional de Tecnologia Educacional com o objetivo de promover o uso pedagógico da informática na rede pública de educação básica. O programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=462>>. Acesso em: 20 jan. 2013)

os sentidos atribuídos às atuais práticas, fazendo um movimento de ir e vir na história de vida e formação e refletir sobre as relações existentes.

Também procuramos contemplar os vários recursos tecnológicos como, computador, jornal, mídia impressa, rádio, TV, entre outros.

Desde a minha infância, o uso das tecnologias já foram bem fortes. Eu lembro das primeiras aulas de informática no laboratório, desde o MS-DOS, aquela tela preta com as letrinhas brancas que a gente começava toda a descoberta do computador, que essa base que a gente teve na escola foi muito forte e daí eu acompanhei todo esse boom então na minha pós, já no final da minha formação aquelas professoras fazendo reflexões trazendo vídeos com imagens, com som, explorando todos os temas das aulas, abrindo as aulas fazendo disso uma dinâmica de aula. Então, a aula de legislação e a professora trazia vídeos reflexivos, aqueles vídeos que agora a gente já cansou mas no início a internet era usada muito assim. Já na graduação já foi forte, já tive bastante mídia na educação, em práticas a gente usava vários instrumentos, lembro muito de uma aula que a gente falava “ai, retroprojeto, imagina ninguém mais usa isso” mas uma aluna apresentou um trabalho tão rico, usando o retroprojeto que é uma coisa que a gente tem na escola, que a criança interagiu com aquilo, fazia seus primeiros slides como se fosse um PowerPoint, a criança fazia na hora. Já na pós-graduação eu tive Tecnologia da Educação e uma coisa que ficou muito forte foi durante toda a aula e a professora apresentou tudo e nos fez criar um blog e aquilo ficou muito forte pra mim, né. A gente fez o blog, alimentava o blog, visitava os outros blogs, foi uma troca. Foi um jeito de estudar e publicar esse trabalho. Um colega da pós entrava e comentava ali o que você escreveu, essa rede de relações já foi muito importante. (G5, APÊNDICE B, p.120)

Porque eu vejo você falando na tua época de faculdade, de informática, na minha época ninguém usava nada, não tinha informática [...]; [...] em casa, meu pai sempre deu bastante espaço pra isso. Quando eu tava trabalhando como professora, como professora eu percebo assim você falando que eu realmente eu pegava um pouquinho de cada. Então eu lembro de como eu gostava de trabalhar com projeto, eu sempre fazia questão de colocar a questão do vídeo, a questão da música, colocava livro. Cada hora tinha um momento e era muito forte, até os alunos percebiam isso, porque eu fazia a ligação. E eles falavam, quando eu passava o vídeo sobre tal tema e eles falavam hoje nós vamos trabalhar sobre tal tema com ela na quadra, mesmo eu sendo de Educação Física. Mas, eram bem interessante assim e eu percebo refletindo, como é forte essa coisa da tua infância, da tua formação e tudo, né? Porque eu não tive na formação, mas, imagina, não tive nada do que eu trabalhei como professora na minha formação como professor mas na minha vida pessoal eu tive então, eu carreguei tudo. Porque você vai pegando um pouco aqui, um pouco ali e você vai unindo [...]; [...] falando do magistério, eu me lembro do magistério, em relação ao jornal [...] que meu grupo fez um trabalho e foi super bom que a nossa professora era exigente e enfim, ela acabou colocando no jornal. O jornal se interessou pelo assunto e todo mês nos fazíamos uma colocação e daí a gente tinha que ficar estudando, aí não tinha filme e nada, mas a gente pegava slides – porque era o que tinha – e a escola não tinha outras mídias e a gente levava slides para completar. Então foi um trabalho assim, que rendeu, nossa, foi muito bom [...] E aí quando se fala de mídia em minha vida assim, foi o jornal mesmo porque daí entrava a importância de ler o jornal, a importância da leitura na infância, desde quando a criança desde pequena. Então envolveu bastante [...] (G1, APÊNDICE B, p.121).

[...] acho que desde o início da formação escolar eu tenho tido contato com essa questão de mídias. Eu me lembro assim muito, com saudades e um certo saudosismo forte de quando eu estava na 6ª série, de um professor de Ciências. Ele distribuiu para classe uma série de fichas de animais, com os nomes científicos, com os hábitos, onde viviam, onde não viviam e ele nos dividiu em grupos e toda semana a gente tinha que escolher a ficha dos animais que mais chamavam nossa atenção e a gente tinha que ir nas classes dos mais novinhos, principalmente de 1ª a 4ª séries, pra falar sobre esses animais. A gente usava o episcópio (e inclusive na escola do Estado tem um episcópio só que a lâmpada está queimada, eu até já procurei porque eu acho muito interessante). Então eu já tive contato com essa coisa de ser professor e já tinha certeza de que era isso que eu queria pra minha vida então ficou muito marcado. Mas tem essa questão da música, eu lembro das professoras de literatura trazendo muito as músicas, pra gente fazer a interpretação na sala e eu amava, e uma outra situação que eu gostei muito de participar foi uma proposta de uma professora de Língua Portuguesa que também era um trabalho em grupo e a nossa turma (da classe) convidou o prefeito, e fizemos uma entrevista com o prefeito na nossa escola. Então acho que foi um dos auge dessa coisa de mídia, fazer um telejornal na escola. Lógico que não fizemos gravação e nada mas o formato usado foi de um telejornal só que daí nós abrimos também para debate depois e foi muito legal porque meu professor de Geografia (e eu sou professor de Geografia por causa dele) fez uma série de perguntas que deixou o prefeito doido, muito boas essas lembranças. Na graduação, eu lembro muito da questão do uso de vídeo para aprofundar os temas e como eu fiz Estudos Sociais depois eu fui pra Geografia, então muita coisa de História e muita coisa ligada à Geografia a gente usava vídeos. Eu lembro muito forte também de uma professora trabalhando o filme *Evita*, sobre a questão da Argentina e foi ótimo. Eu já tinha visto o filme mas, com ela, foi melhor ainda. (G2, APÊNDICE B, p.122).

É, eu não tenho assim posso dizer que a minha formação no magistério abordou muito, de maneira muito pontual isso, até porque na época o computador ainda não era o auge mas que eu me lembro de uma experiência que me marcou foi quando eu passei um filme para minhas colegas de sala – *A lista de Schindler* – e era com a Antonia, inclusive, época do modernismo, então tinha que abordar a II Guerra Mundial e eu não sei por que mas um assunto que me interessou muito na década de 30 e tudo aquela coisa o *crack* lá em Nova York, e aquelas coisas que aconteceram e a I Guerra Mundial me chamou atenção então eu lembro que eu usei praticamente assim não precisava disso, era só eu comentar mas eu gostei tanto do tema que eu quis passar o filme e falar sobre, então foi praticamente deu uma hora ali passando o filme e interrompendo o filme nesse proceder e pontuando, juntamente com a História. Eu gostei muito, foi uma experiência que eu não me esqueço porque era uma coisa prazerosa pra mim e, pelo que eu percebi, os outros também gostaram da dinâmica. Foi uma coisa interativa e produtiva. (G4, APÊNDICE B, p.120).

É, na minha formação, o que foi mais marcante assim, já na minha educação infantil, eu já me lembro da música. A música era muito forte, muito presente, e tem músicas que ainda canto para os meus filhos, sempre cantei com os alunos [...]; [...] Então assim, a música já foi bem marcante na minha educação infantil. E a minha graduação, eu fiz aqui na UNESP de Sorocaba, quando a Prefeitura fez parceria com a UNESP e ela foi semipresencial porque já tinha teleconferências e a gente tinha as discussões, e a gente compartilhava com os outros polos da UNESP, a gente já tinha um laboratório de informática que a gente usava então, já foi bem rica essa formação e quando eu estava lecionando. (G3, APÊNDICE B, p.122).

Observo que o G5 tem menos idade que os demais. Seu relato deixa evidente que desde sua infância até a sua formação na pós-graduação, as mídias e tecnologias da informação e da comunicação estiveram mais presentes do que na trajetória dos demais gestores, favorecendo sua prática, conforme relata.

O relato do G1 esclarece que ele, apesar de não ter tido contato com as tecnologias em sua formação, teve um grande incentivo familiar “[...] em casa, meu pai sempre deu bastante espaço pra isso pra isso [...]”, o que favoreceu sua prática como professor “[...] Quando eu tava trabalhando como professora, como professora eu percebo assim você falando que eu realmente eu pegava um pouquinho de cada [...]” e fazendo uso delas ao desenvolver seus projetos “[...] eu gostava de trabalhar com projeto, eu sempre fazia questão de colocar a questão do vídeo, a questão da música, colocava livro [...].”

Outra aspecto marcante é o reconhecimento do G1 quanto à possibilidade de desenvolver práticas com o uso das tecnologias, embora sua formação tenha sido falha nesse aspecto “[...] eu não tive na formação, mas, imagina, não tive nada do que eu trabalhei como professora na minha formação como professor mas na minha vida pessoal eu tive então, eu carreguei tudo. Porque você vai pegando um pouco aqui, um pouco ali e você vai unindo [...]”.

O discurso do G1 é permeado pela riqueza de buscar nas tecnologias o suporte para a realização de suas atividades, ressaltando a importância de ir além dos conhecimentos de que se apropriou no decorrer de sua escolaridade, demonstrando esforços para oportunizar atividades significativas aos alunos, “[...] os alunos percebiam isso, porque eu fazia a ligação. E eles falavam, quando eu passava o vídeo sobre tal tema e eles falavam ‘hoje nós vamos trabalhar sobre tal tema com ela’ na quadra, mesmo eu sendo de Educação Física [...]”. Verificamos que as propostas do G1 eram destoantes das práticas da época, quando “[...] os professores foram acostumados a conceber o ensino dentro de parâmetros tradicionais, em que o papel do professor consiste, basicamente, em apresentar a “matéria” para os alunos, que devem reproduzi-la da forma que lhes foi transmitida (TERÇARIOL; SIDERICOUDES, 2007, p.55).

Embora o G1 tenha relatado anteriormente que não teve contato com as tecnologias em sua formação, em seguida ele lembrou e relatou uma experiência que teve no magistério com a mídia impressa jornal “[...] Falando do magistério, eu

me lembro do magistério, em relação ao jornal [...]” e ainda explica as condições em que tudo aconteceu, a falta de recursos da escola, “[...] não tinha filme e nada, mas a gente pegava slides – porque era o que tinha – e a escola não tinha outras mídias e a gente levava slides para completar [...]”.

O G2 relata que as mídias e tecnologias estiveram presentes desde o início de sua formação e resgata uma atividade que o professor de Ciências realizou com a turma, destacando o envolvimento dos alunos que reproduziram a atividade em outras salas, partilhando com os alunos menores. Comenta ainda sobre um tipo de tecnologia utilizada pelo professor na referida época, “A gente usava o episcópio [...]”, instrumento de projeção de documentos, utilizados pelos professores, algumas décadas atrás, para discutir sobre algum texto ou imagem de livros. Relata também sobre a importância da música e do jornal realizados pela sua turma, na época em que estudava

[...] eu lembro das professoras de literatura trazendo muito as músicas, pra gente fazer a interpretação na sala e eu amava, e uma outra situação que eu gostei muito de participar foi uma proposta de uma professora de Língua Portuguesa que também era um trabalho em grupo e a nossa turma (da classe) convidou o prefeito, e fizemos uma entrevista com o prefeito na nossa escola. Então acho que foi um dos augez dessa coisa de mídia, fazer um telejornal na escola [...].

O relato do G3 realça o relato do G2 quanto às memórias marcantes relacionadas com a importância da música nas atividades oportunizadas por seus professores, “É, na minha formação, o que foi mais marcante assim, já na minha educação infantil, eu já me lembro da música. A música era muito forte, muito presente, e tem músicas que ainda canto para os meus filhos, sempre cantei com os alunos [...]”.

No relato do G4 verificamos fortemente o enfoque no computador como instrumento: “[...] eu não tenho assim posso dizer que a minha formação no magistério abordou muito, de maneira muito pontual isso, até porque na época o computador ainda não era o auge [...]”. Também relembra experiências utilizando o filme “A Lista de Schindler” (1993)²⁰, quando o prazer de trabalhar com uma

²⁰ A Lista de Schindler é um filme norte-americano de 1993 sobre Oskar Schindler, um empresário alemão que salvou a vida de mais de mil judeus durante o Holocausto ao empregá-los em sua fábrica. O filme foi dirigido por Steven Spielberg e escrito por Steven Zaillian, baseado no romance *Schindler's Ark* escrito por Thomas Keneally.

linguagem diferente ficou em destaque, “Eu gostei muito, foi uma experiência que eu não me esqueço porque era uma coisa prazerosa pra mim e, pelo que eu percebi, os outros também gostaram da dinâmica. Foi uma coisa interativa e produtiva [...]”.

No resgate e compartilhar de vivências e experiências, fica evidente a vertente da formação dos professores na integração das mídias e tecnologias em suas práticas pedagógicas, dessa forma, trarei sucintamente algumas informações pertinentes ao diálogo.

A Secretaria de Educação impõe aos professores determinadas atribuições quanto aos processos de ensino e aprendizagem, todavia, programas e projetos implantados hierarquicamente, índices e avaliações externas, são o foco do ensino na rede de Sorocaba. Para isso, atribui-se como necessária a aquisição de inúmeros recursos tecnológicos, que nem sempre atingem as expectativas almejadas, visto que, em sua maioria, os profissionais da educação necessitam de formação para que ocorra uma renovação pedagógica na qual as tecnologias não sejam utilizadas na reprodução de práticas tradicionais.

Alonso (2007) ressalta que uma solução frequentemente adotada pelas escolas é a tentativa de “se modernizar”, com base na aquisição de recursos técnicos e na adoção de metodologias de ensino atuais, como é o caso do computador como recurso de ensino. Contudo, nem sempre os objetivos são alcançados, esbarrando na formação precária do professor quanto à utilização e reconhecimento e finalidade educativa de tal prática, não alcançando a renovação pedagógica esperada.

A simples introdução de recursos tecnológicos não é condição suficiente para modernizar a escola e torná-la apta a responder à demanda de uma sociedade cujo processo de mudança é acelerado, requerendo das pessoas criatividade e inovação, bem como o desenvolvimento de competências que lhes permitam ajustar-se às novas situações e enfrentar os desafios (ALONSO, 2007, p.22).

Diante do exposto, faz-se necessário uma rediscussão dos papéis, tanto dos professores como no dos gestores, no intuito de que ambos reconheçam a nova demanda social e a necessidade de caminharem juntos, numa relação horizontal de trabalho, em que a ajuda mútua torna-se essencial para o alcance do objetivo comum da escola, a formação dos alunos.

A implementação de mudanças mais profundas no sistema escolar que possibilitem melhor adequação às novas demandas sociais e a uma educação de qualidade requer alteração na concepção de gestão das autoridades governamentais e educacionais (VIEIRA, 2005 apud ALONSO, 2007, p. 21).

4.3 O resgate de práticas dos gestores, na atuação como professores

Ao questionar as possíveis influências, positivas ou negativas, das vivências e experiências de nossa trajetória de vida na atuação profissional, resgatamos e discutimos as marcas que permeiam nossa vida profissional, pessoal, fazendo de cada sujeito um ser único, constituindo-se histórica e culturalmente por meio das relações e interações sociais.

Na tentativa de refletir sobre os impactos na atuação dos gestores enquanto lecionavam, trarei relatos dos participantes que nos mostrem as marcas que refletem em nossas práticas educativas.

[...] meu primeiro trabalho assim, com a mídia impressa com as crianças – foi um projeto que a M. fez, que a gente fez um jornal mural, então a gente dava aula pra uma quarta série (éramos em quatro professoras) e a gente fez um projeto mesmo, envolvendo o jornal, a mídia impressa e foi muito legal assim, bem interessante também [...](G4, APÊNDICE B, p.125).

Enquanto professor, a gente sempre [...], a gente sempre procura trazer coisas novas, né? Essa inovação, né? Trazer coisas diferentes pra aula ter cada dia uma surpresa, ainda mais pros menores, porque todo dia é uma surpresa mesmo. Então essa busca, a gente sempre usa um recurso midiático, né? Desde um fantoche que você leva pra sala de aula para contar uma história diferente, um livro que tenha outros recursos, né? Que abra, que chame a atenção, uma música, né? Não que você cante, mas o rádio já traz outro tipo de interação, as diferentes linguagens. Então, quando a gente fazia a sequência didática, trabalhar com projeto, a gente se preocupava em trazer diversas linguagens e a tecnologia ajuda muito hoje, e tem muita coisa pra trazer. Enquanto gestora, a gente né, comecinho de gestora, pseudo-gestora, uma coisa que percebo que dá resultado, que as crianças gostam, a gente tem um painel, você falou em jornal mural e eu lembrei do painel, que é uma divulgação do trabalho que eles estão realizando na escola, então desde um passeio que a gente faz, coloca uma foto, escreve um pouquinho de como foi, ou o próprio trabalho deles, uma simples dobradura que eles trabalharam ou uma arte ou uma atividade de matemática, eles se veem ali neste jornalzinho, tem um jornal da escola e acho que é assim uma coisa que eu fico bem em cima pra ver se fica sempre estar bem movimentado para que as crianças verem se os trabalhos deles e a escola também né, os pais também quando passam pelo corredor olha teve passeio da oficina que as vezes, né? Uma turma vai outra não vai eles estão sabendo que tem esse movimento. E uma coisa que eu também costumo fazer é nas indicações pro semanário, quando a gente faz a devolutiva dos semanários tem que acrescentar, porque, por exemplo, a professora está trabalhando um tema de educação ambiental e às vezes ela está ali, aí trouxe as cruzadinhas, trouxe uma atividade escrita, mas aí a gente lembrar que tem um vídeo de educação ambiental pra

sensibilizar esse assunto, né? Pra sair um pouco da prática tradicional né? Porque a cruzadinha é um questionário, né? Então a gente sempre faz isso, olha no site do zoológico tem uns vídeos legais, tem aulas prontas em Power Point, tem material feito por biólogo interessante que da pra gente trazer pra sala de aula, né? Ou tem um livro de poesia que trata esse tema, né de outra forma, então eu acho que sempre é nosso papel, a gente indica, a gente mostra outros caminhos, principalmente na oficina do saber pra não ficar uma coisa tão parecida como a sala de aula. Eu acho que é assim, eu acabei de sair da sala de aula pro outro lado e assim uma coisa que incomoda muito, né G1? A gente conversa, a gente buscava muito, fazia muito e às vezes você vê a pessoas que ainda... Tá... Mas cada um tem seu tempo né, sua vivencia igual você falou, eu tenho toda essa vivência de tecnologia, tenho uma facilidade com o computador, mas agora a gente vê a dificuldade de pessoas que tem medo até de mexer no computador, eu a minha vida inteira foi então fuça, faça e eu percebo assim, por exemplo, meus pais assim eu posso clicar aqui e eu falo, vai lá veja como funciona, né? [...] (G5, APÊNDICE B, p.125-26).

Eu tava pensando aqui o quanto isso faz sentido na minha vida enquanto professor, eu usei muito hoje eu até comento muito isso com a mediadora de que hoje eu não consigo mais lidar com algumas coisas por conta do tempo que a gente tem que dedicar aqui, né, na escola enquanto liderança e a gente acaba deixando, claro que, eu to assim num outro momento enquanto professor, aproveitando alguns conhecimentos que obtive nesses últimos anos de formação do mestrado e agora estudando alguma coisa pro doutorado, então eu converso muito com os alunos e de vez em quando a gente usa filmes, usa matéria de jornal, de revista, mas assim, eu antes era um professor muito mais dinâmico, muito mais instigante nessa questão de usar recurso, de apresentar e eu não sei e é engraçado e eu tava pensando nisso desde o começo de o quanto eu gosto dessa coisa de ser inovador, de ter uma visão diferenciada das coisas e trazer o diferente pra sala de aula então sempre que eu posso eu uso, mas eu já tive muito essa coisa de jornal mural com os alunos e é dentro da geografia então era muito gostoso de ousar mesmo de criar algumas coisas que eu via que ninguém tava criando e isso é uma coisa que precisava registrar senão vai se perdendo pelo meio do caminho. (G2, APÊNDICE B, p.126-27).

O G2 reconhece que nos tempos em que atuava somente como professor na rede estadual de ensino, fazia uso das mídias e tecnologias com maior frequência em suas práticas pedagógicas, e que hoje, devido às exigências ou atribuições do cargo de gestor assumida na rede municipal, as usa muito pouco, “[...] por conta do tempo que a gente tem que dedicar aqui na escola enquanto liderança e a gente acaba deixando [...]”.

Cabe ressaltar que, na prática enquanto gestor, o distanciamento com as questões pedagógicas também se faz presente, devido à grande demanda burocrática da escola.

[...] a atual prática gestonária nas escolas acaba exigindo dos diretores uma dedicação maior, e às vezes plena, às questões administrativas, obrigando-os a tornar secundário o aspecto mais importante de sua atuação, ou seja, a sua responsabilidade em relação às questões pedagógicas e propriamente

educativas, que se reportam à sociedade como um todo e, especificamente à sua comunidade escolar (ROMÃO; PADILHA, 1997, p. 92).

Nessa dinâmica, as questões educativas, na maioria das vezes, são acompanhadas e decididas pelos professores e o orientador/coordenador pedagógico, pois os diretores e vice-diretores são responsáveis pela demanda de ordem burocrática, distanciando-se das questões de cunho pedagógico.

É evidente que questões de ordem administrativa, organizacional, estrutural, como preservação, manutenção de recursos físicos, humanos, financeiros, bem como as manutenções prediais e de equipamentos são de extrema importância, e colaboram diretamente no processo de ensino e aprendizagem.

[...] priorizar essas questões em detrimento das pedagógicas e educativas implica no isolamento, na centralização, na exclusão e no controle por parte do(a) gestor(a) escolar, estabelecendo, assim, um formato dependente e conflituoso. Preocupar-se somente com as questões administrativas gera um processo de rotina e de improvisações das ações ou de sobreposição, afastando o(a) gestor(a) escolar do compromisso de elevar a qualidade do ensino e da educação escolar (OLIVEIRA, 2012, p. 8).

Ao mesmo tempo em que o G2 assume não estar fazendo uso das mídias e tecnologias como fazia antes de exercer o cargo de diretor, ele reconhece a importância de ter o perfil de professor inovador e criativo:

[...] eu antes era um professor muito mais dinâmico, muito mais instigante nessa questão de usar recurso, de apresentar e eu não sei e é engraçado e eu tava pensando nisso desde o começo de o quanto eu gosto dessa coisa de ser inovador, de ter uma visão diferenciada das coisas e trazer o diferente pra sala de aula então sempre que eu posso eu uso [...]. (APÊNDICE B, p.127)

Segundo Hargreaves (2004), criatividade e inventividade são fatores colaboradores para a (re)formulação das funções da escola, na garantia de melhorias futuras.

O G2 enfatiza sua nova relação com as mídias, inovando e possibilitando a compreensão, a recepção crítica e uma visão de mundo mais consciente aos alunos.

[...] mas hoje a minha relação com a mídia é muito mais pra ter ou pra possibilitar pros alunos uma outra visão de mundo. Eu não estou mais preocupado em passar um filme que esteja dentro do meu conteúdo programático de geografia, mas estou preocupado em que eles vejam alguma obra e a intenção é mesmo do cinema enquanto obra de arte pra que eles possam avançar na visão de mundo que eles tenham e usar, por

exemplo, recursos de um filme, a poesia, a música da maneira que eles quiserem. Eu acho que isso é o mais forte o cinema e a arte podem nos trazer. Então eu falo muito de arte pros alunos hoje, minhas aulas são ligadas a uma geografia artística talvez. (G2, APÊNDICE B, p.128)

Suas preocupações, intencionalidades e posicionamentos lhe dão sentido para a utilização das mídias e tecnologias em suas aulas de geografia, “[...] hoje a minha relação com a mídia é muito mais pra ter ou pra possibilitar pros alunos uma outra visão de mundo [...]”. Ele proporciona aos seus alunos possibilidades de transcender e (re)construir os conceitos por meio de reflexões, observações e discussões utilizando diferentes linguagens.

Ao estimular os alunos a buscar e compreender diferentes fontes de informação, G2 corrobora as ideias de Alonso ao propor,

[...] que o educando seja estimulado a buscar fontes diversas de informação para esclarecer as dúvidas e resolver os problemas que lhe são postos pelo professor e pela vida em sociedade, de modo a exercer suas faculdades de observação, análise e abstração, formulando conceitos próprios (ALONSO, 2007, 24).

Utilizando uma das vertentes da arte, o cinema, como recurso auxiliar para desenvolver a visão crítica de seus alunos, G2 procura propiciar o que Morin (2004, p. 21) afirma: “é melhor uma ‘cabeça bem feita’ do que uma ‘cabeça cheia’”, ou seja, ao invés de apenas acumular o saber, é importante dispor ao mesmo tempo de aptidão geral para tratar os problemas, princípios organizadores que permitam ligar os saberes e lhes dar sentido. Noto que o G2 vem auxiliando seus alunos na busca de sentidos para aquilo a que assistem e ouvem através das diversas mídias, redimensionando a disciplina que leciona, definindo-a como “[...] minhas aulas são ligadas a uma geografia artística [...]”.

G3 resgata e compartilha com os demais participantes sua primeira experiência como professora num Colégio particular, onde busca trabalhar com diferentes linguagens com alunos da educação infantil.

[...] na sala de aula eu me lembro assim desde o começo eu comecei a dar aula numa escola particular em 99 e na escola não tinha nada de recurso tecnológico e eu lembro que eu tinha acabado de comprar um computador daqueles branco bonito, né, usado ainda porque professor é pobre comprei de um amigo que ia trocar um novo e eu pensei vou pegar o branco bonito dele e comprei aquele branco e assim eu dava aula no infantil naquela época e eu queria alguma coisa diferente alguma coisa nova

porque só o papel parece que já não estava mais me contentando e eu fiz informática na MICROCAMP lembro do MS-DOS lá, lembro de toda... E eu queria tentar levar alguma coisa pra escola, né? E assim sempre o CEFAM faz um mal pra gente, né? Porque a gente sempre quer fazer espetáculo né? Não pode ser uma aula... é o magistério... é muito forte, então eu sempre queria fazer alguma coisa diferente e a pobre professora tinha uma bizinha né e uma vez por semana eu levasse a bis com meu marido na escolinha e levava o computador porque na escola não tinha e a diretora era mais pobre do que eu a dona da escola então eu acabava emprestando o computador e era o maior trampo na bis com aquela caixona , o CPU aqui, o monitor aqui e o teclado numa mochilinha aqui e eu ... E não era bonitinho assim, era o trambolho e levando pra fazer uma aula diferente e daí eu lembro que eu comprava softwares pros meus filhos brincarem em casa e eu levava esses softwares para utilizar com os alunos na escola, então eu sempre gostei muito de utilizar essas diferentes linguagens, não era nem questão da tecnologia, mais usar o teatro, usar o cinema, usar sabe, acho que essa preocupação mesmo com uma formação de mundo mesmo, né, não só aquela formação fechada na escola, eu penso mais no contexto cultural de acesso que muitas vezes a gente não tem e que se não é a escola e o professor eles não vão ter então [...](G3, APÊNDICE B, p.128-29)

Nesse relato, G3 descreveu sua trajetória no início de sua carreira docente, contando suas peripécias para que o computador pudesse ser utilizado em sua prática docente, no intuito de oferecer atividades diferenciadas aos alunos.

Relata também a situação referente à falta de recursos materiais que perdurou durante anos, em várias instituições escolares e redes estaduais ou municipais em que lecionara, sendo que muitas vezes o professor tinha que arcar com os gastos, caso desejasse oferecer atividades diferenciadas a seus alunos “[...] eu comprava softwares pros meus filhos brincarem em casa e eu levava esses softwares para utilizar com os alunos na escola [...]”. Atualmente existem muitas iniciativas de políticas públicas que equipam as escolas com aparatos tecnológicos, porém, há muito que se discutir sobre esse tipo de implantação, tendo em vista que as transformações precisam ocorrer na escola como um todo, principalmente na postura e prática de seus atores.

A transformação que se busca exige uma nova visão: mais crítica, menos acomodada, mais participativa, mais ética, mais democrática e tecnologicamente mais exigente. Requer, assim, a preparação de profissionais dinâmicos, professores e administradores escolares capazes de promover e conduzir as mudanças necessárias (ALONSO apud VIEIRA et al., 2003, p. 30).

Apesar das dificuldades elencadas pelo G3, os alunos tiveram contato com o computador, explorando os recursos do instrumento e dos softwares utilizados, e

desenvolvendo de práticas que, provavelmente, (re)dimensionaram a cultura predominante da escola.

Concluo esta análise com o relato do G3, que vem reforçar o posicionamento do G2 quanto à utilização de diferentes linguagens como meio de transformar as visões de vida e de mundo:

[...] eu sempre gostei muito de utilizar essas diferentes linguagens, não era nem questão da tecnologia, mais usar o teatro, usar o cinema, usar sabe, acho que essa preocupação mesmo com uma formação de mundo mesmo né, não só aquela formação fechada na escola, eu penso mais no contexto cultural de acesso que muitas vezes a gente não tem e que se não é a escola e o professor eles não vão ter então [...].(APÊNDICE B, p.129)

Desta forma,

Permitir aos estudantes que explorem os inúmeros recursos das modernas tecnologias é também uma forma de tornar a aprendizagem e o ensino mais próximos da vivência deles, propiciando o desenvolvimento de uma nova cultura de aprendizagem condizente com os desafios atuais, entretanto, para que os alunos incorporem essa forma de aprender é necessário que o impulso seja dado pelo professor nas aulas, isto é, a condição necessária é assumir a inovação dentro do currículo, como parte integrante dele (ALONSO, 2007, p. 31).

Ressalvo a problemática levantada pelo G2, ao trazer questões referentes à resistência dos professores, como também à resistência de muitos gestores à iniciativa de professores.

Eu me lembro também, porque eu sempre gostei dessa coisa de sair em campo, e às vezes é coisa simples demais, tipo aqui e agora em 2004 eu tava dando aula no LPT aqui no centro e assim com os alunos do ensino médio você percebe que você pode dar algumas possibilidades pra eles e eu queria no Dia da Água porque era o dia do Rio Sorocaba eu queria fazer uma pesquisa na rua com as pessoas que estavam passando do quanto as pessoas davam importância a isso. Eu fui barrado! Eu não pude nem ficar no portão chamando as pessoas porque ali passa gente o dia todo, então com os alunos do ensino médio, eu não pude fazer isso entendeu? Ai quando você falou comecei a pensar e aí, e agora enquanto diretor eu adoraria ver também projetos, ideias, atividades que foi o que eu falei no ultimo HTPC, como é que cobram dentro de uma avaliação mais atividades extra classe e extra escola? Eu é que vou planejar? (G2, APÊNDICE B, p.130)

Fica evidente que o G2, ao tentar realizar a atividade com seus alunos, para além da sala de aula, foi impedido por algum gestor, pois os responsáveis pela liberação de atividades extraescolares são os membros da equipe gestora.

[...] a função social da escola ganhou novas dimensões, para além da sala de aula e/ou dos muros da escola, portanto, ela terá de se abrir para o mundo real e reinterpretar seu papel dentro do social. Da mesma forma, é fundamental que ela esteja atenta às mudanças sociais e aos avanços tecnológicos, a fim de se beneficiar deles, trazendo para si novas propostas de ação que favoreçam o desenvolvimento do professor e a aprendizagem do aluno, para colocá-los em sintonia com o momento atual (ALONSO, 2007, p. 26).

Nessa perspectiva, a escola deve reconhecer que os processos de aprendizagem podem acontecer de diferentes formas, sendo necessária a efetivação de atividades significativas, que despertem e motivem a aprendizagem de seus alunos.

[...] segundo Vygotsky (1984), a aprendizagem desperta vários processos internos capazes de operar quando o indivíduo interage com o ambiente e quando em cooperação com os companheiros. Nessa interação, o indivíduo apreende, do meio, as informações e as internaliza, transformando-as em conhecimento (PALÁCIO; DUARTE; D'ÁGUA, 2007, p. 114).

4.4 Narrativas de experiências efetivadas na gestão escolar

Na prática enquanto gestores, os participantes da pesquisa nos mostram indícios dos significados e sentidos (re)construídos em sua trajetória, e os impactos na atuação profissional atual.

O G3 demonstra preocupação e muita proximidade com a equipe da escola onde trabalhava como vice-diretor, assim como familiaridade com a utilização das mídias e tecnologias em suas práticas.

Na vice-direção quando eu estava ali no JFR, como o meu mestrado também é com enfoque na utilização das tecnologias na escola e o meu campo de pesquisa foi o JFR, então, eu consegui desenvolver muita coisa com os professores e eu já era professora de lá, estava na vice-direção, sempre tive um relacionamento muito bom com os professores, então assim, a gente fez miséria, fizemos vídeos, fizemos panfletos, fizemos tudo e mais um pouco, entrevistas, rádio [...](APÊNDICE B, p.135-36).

Tais práticas fortalecem a ideia de que a formação contínua do professor, seja por iniciativas próprias ou propiciadas pelo estado ou prefeitura, são importantes para a reflexão e o redimensionamento da prática educativa, bem como o apoio e incentivo dos gestores da escola para o desenvolvimento de práticas significativas e contextualizadas.

O G3 tornou-se um formador/mediador de sua equipe ao propor ações, compartilhando ideias, concepções e valores aos sujeitos envolvidos na dinâmica da escola, de modo que

As evidências sobre o trabalho em equipe não são apresentadas como apreensões estáticas, mas como sinais de um movimento de apropriação de significados que implicam superação, alterações, complementações, conflitos, enfim, de amadurecimento a partir da ação/reflexão” (ROCHA; SANTOS, 2007, p. 122).

Ao propiciar a tomada de consciência das possibilidades de atuação coletiva, o G3 e seu grupo de professores superaram as dificuldades quanto à utilização das tecnologias no processo de ensino e aprendizagem, e em equipe buscaram formas de enfrentá-las dentro de uma atuação colaborativa, onde todos, cientes dos objetivos que queriam atingir, (re)significaram sua prática e (re)dimensionaram as relações de ensino.

É possível partir dessa realidade para iniciar um novo tipo de colaboração, que proporcione crescimento profissional associado ao prazer da convivência e da participação em projetos comuns [...]. Aprender a trabalhar em conjunto é um objetivo de formação que se impõe hoje para todas as pessoas em qualquer situação (ALONSO, 2003, apud ROCHA; SANTOS, 2007, p. 125).

No relato de suas práticas, G1 aborda questões relacionadas à improvisação dos professores que, dentro de suas possibilidades, construíram uma televisão de papelão para enriquecer os temas que seriam abordados, e para que seus alunos pudessem usufruir das novas possibilidades de aprendizagem de forma interativa e prazerosa.

[...] quando eu era coordenadora de creche de 0 a 6 anos em SP, eram ONGS que eram conveniadas com instituições internacionais era assim de lugares super periferia de que não tinha nada mesmo só que aí eu fico pensando, qual a relação, né, porque na realidade naquela época a creche não tinha televisão mas a gente fazia a televisão, sabe aquela coisa de colocar o pauzinho aqui e ali e você vai fazendo, a gente fazia, olha só, a gente trabalhando entendeu? A gente fazia. Aí entra aquela coisa do professor estar aberto porque no fim a professora falava assim, M. naquela época meio ambiente não era como hoje, mas vamos trabalhar meio ambiente, que falavam outros termos, né, mas ela montava na televisão e não tinha televisão na nossa creche [...]; [...] não tinha o aparelho. De papelão. Aquela coisa assim que vai rolando. Tinha o cineminha, mas tinha a versão televisão entendeu? Tinha duas versões. Na televisão tinha propaganda que as crianças montavam, então, colocava os rótulos lá, davam o jeito de fazer a propaganda, então, era muito legal e dava o maior trabalho, gente (G1, APÊNDICE B, p.137).

Outro ponto que merece destaque é a falta de recursos para a creche, que não tinha condições financeiras de poder adquirir o equipamento, situação semelhante a inúmeras escolas públicas. Apesar das condições precárias, os professores criavam possibilidades de acesso ao recurso tecnológico, mesmo que de forma diferenciada.

Diante disso,

[...] é preciso repensar a educação – seus objetivos e métodos -, mas a partir da escola concreta, com todos os seus problemas, carências e possibilidades [...] conseguir o mínimo de material e recursos para a escola poder funcionar a contento [...] administrar o caos, a escola real, que não aparece em nenhum livro de gestão, de legislação, de estrutura e funcionamento, ou mesmo nas histórias de educação, [...] vencer sempre: unir o corpo docente, aumentar a participação da comunidade, melhorar a capacidade de ensino e de transformar os alunos [...] (SANTOS 2008, p. 60).

4.5 Integração das tecnologias nas escolas da rede municipal de Sorocaba

Falar da integração das tecnologias na escola não é novidade, se considerarmos as inúmeras propostas de utilização dos instrumentos tecnológicos na formação de professores e alunos, no preparo desses alunos para a inserção no mercado de trabalho, assim como para o enriquecimento da prática pedagógica e a oportunização de espaços para a expressão e a comunicação ativa dos educandos.

Apresentarei um breve histórico da integração das diversas tecnologias contempladas na rede municipal de Sorocaba e abordarei os principais programas e projetos desenvolvidos nas escolas, analisando-os frente aos discursos dos gestores por considerar que o discurso e os conhecimentos são construídos a partir de um contexto histórico, no qual as relações e interlocuções estabelecidas possibilitam a construção de novos sentidos e a produção de diferentes discursos.

Considerando a pesquisa como uma relação entre sujeitos, portanto numa perspectiva dialógica, Bakhtin assume a interação como essencial no estudo dos fenômenos humanos. [...] O sujeito é percebido em sua singularidade, mas situado em sua relação com o contexto histórico-social, portanto, na pesquisa, o que acontece não é um encontro de psiques individuais, mas uma relação de texto com contexto (FREITAS, 2007, p. 28, 29).

Nessa perspectiva, apresentarei uma breve retomada histórica dessa integração, considerando que a pesquisa desenvolvida ocorre na inter-relação entre

os sujeitos inseridos num determinado contexto histórico-cultural, permeado por um processo dialógico que considera as vozes, os enunciados e as construções coletivas; processo vivo, dinâmico e repleto de mudanças, como sugerem Freitas e Ramos (2010, p.12): “não há uma lógica de pesquisa com um caminho já dado, quando o que temos diante de nós é sempre um devir [...]”.

Dentre as propostas implementadas pela rede municipal de Sorocaba destacam-se: laboratório de informática; rádio e vídeo-escola; lousa digital e Sabe Tudo.

As propostas dos referidos programas serão explanadas a seguir, no intuito de analisar as formas de implementação, a formação dos professores e gestores e os objetivos desses em articulação com os relatos dos participantes, considerando a escola enquanto espaço de construção de saberes, conhecimentos, significados, sentidos, dando voz aos seus atores e desvelando a importância desses na mediação das tecnologias.

Nesse contexto, Nilda Alves (2001), em entrevista, ressalta que é no espaço da escola, local tão prático e cheio da prática, que os estudos teóricos se desenvolvem, ao mesmo tempo em que se buscam alternativas práticas para desvendar a sua real existência. Contexto esse da educação permeado por crescentes desigualdades sociais, exclusões, sistemas educacionais incapazes de fazer com que todos os alunos aprendam, onde teorias são discutidas e práticas são cada vez mais questionadas e frustradas.

Na entrevista, diante da questão sobre a importância da televisão no processo educativo, Nilda Alves diz que “indispensável é o ar e a água, mas o acesso às tecnologias é um direito dos alunos”.

Como já comentado incansavelmente nesta, reforço a questão de não nos deslumbrarmos com as tecnologias a ponto de acharmos que ela por si só seja capaz de modificar as práticas dos professores e efetivar a aprendizagem dos alunos, sendo que “[...] a simples introdução dos meios e das tecnologias na escola pode ser a forma mais enganosa de ocultar seus problemas de fundo sob a égide da modernização tecnológica (BARBERO, 1996, p. 12)”.

Na história da educação brasileira, podemos observar muitas lutas a favor das mudanças efetivas na escola e nas práticas dos professores, porém, essa história, como um livro sendo folheado por muitos, foi somando adendos, remendando

teorias, criando novas paisagens, reformulando leis, mas a essência ainda não teve aquela poção capaz de modificá-la de verdade.

Somos muitos os que durante muito tempo temos lutado por uma mudança profunda na escola. Essa mudança que agora se propõe não é a nossa. Seremos capazes de construir uma nova utopia, que não seja antitecnológica e que recupere nossa própria história? (FERRERO, 2001, p.12).

Como sujeitos historicamente e socialmente constituídos, pelejamos para que reais mudanças possam ocorrer na educação, o que exige de nós um fazer com mais afinco, mais crítico do cotidiano em que estamos imersos no cerne da escola.

4.5.1 A lousa digital: linguagem audiovisual no contexto escolar

As lousas digitais são adquiridas pela Secretaria de Educação do município de Sorocaba desde 2010. No processo inicial de implantação foram instaladas em todas as escolas que contam com Educação Infantil e Ensino Fundamental e atualmente cada escola da rede municipal tem lousas digitais em 50% de suas salas de aula.

São diversos os recursos e possibilidades que o professor tem ao utilizar a lousa digital: gravar a aula, acessar a internet, explorar os recursos multimídia. Posso dizer que o professor conta com um recurso pedagógico, capaz de potencializar a elaboração de aulas mais dinâmicas, oportunizando uma aprendizagem mais participativa e significativa.

Antes de partir para a análise dos relatos dos gestores sobre práticas que utilizam a lousa digital, observo que não se trata aqui de defender o instrumento tecnológico, nem tão pouco condenar sua implantação/utilização, mas não posso deixar de citar que de certa forma,

Essa tecnologia reflete a evolução de um tipo de linguagem que não é mais baseada somente na oralidade e na escrita, mas também é audiovisual e dinâmica, pois permite que o sujeito além de receptor, seja produtor de informações. Portanto, a escola deve aproveitar esses recursos tecnológicos que facilitam o trabalho com a linguagem audiovisual em sala de aula, permitindo a elaboração de aulas mais significativas e inovadoras (NAKASHIMA; AMARAL, 2006, p.33).

Utilizar a lousa digital como os demais recursos audiovisuais no ambiente escolar deve ter como foco potencializar o que já existe, ou seja, ela deverá estar articulada com as atividades propostas pelo professor e com o projeto pedagógico da escola, para que haja a possibilidade de criação de metodologias de ensino inovadoras (NAKASHIMA; AMARAL, 2006).

Hoje foi um “fuá” para ligar o data show na sala da professora eventual do 4º ano da manhã, pois estamos com poucos funcionários e falta de espaço para deixar os equipamentos instalados. Conversei com o diretor sobre a sala de leitura, onde estão “depositadas” as lousas digitais, para organizarmos uma sala de multimeios, assim facilitaria a organização dos equipamentos e dos recursos humanos. Pensamos em colocar as lousas no palco (pois não temos espaços adequados para a instalação, infelizmente). Cabe refletir sobre a aquisição, implementação disposição de equipamentos/recursos/instrumentos/projetos... (quais as reais necessidades da unidade escolar) na rede municipal, visto que nem mesmo as necessidades básicas tem sido atendidas/sanadas. Onde colocar uma lousa digital de aproximadamente 4 metros? Onde fixá-las, sendo que o equipamento é pesado e as paredes estão com rachaduras? Acredito que a angústia aumenta cada vez mais, pois temos equipamentos excelentes, vontade de utilizá-los, mas a falta de recursos básicos (prédio com infraestrutura adequada) impossibilita e/ou inviabiliza a utilização (CAMARGO, 2011-2012).

Percebo a angústia do gestor diante da chegada das lousas digitais e da realidade de sua escola que não comporta tais equipamentos, ou melhor, nem sequer foi consultada sobre a necessidade deles “[...] onde colocar uma lousa digital de aproximadamente 4 metros? Onde fixá-las, sendo que o equipamento é pesado e as paredes estão com rachaduras? [...]”.

As escolas do município estão recebendo equipamentos tecnológicos como a lousa digital, porém, não possuem sequer estrutura física que comporte sua instalação. Isso fica evidenciado no relato do gestor “[...] temos equipamentos excelentes, vontade de utilizá-los, mas a falta de recursos básicos (prédio com infraestrutura adequada) impossibilita e/ou inviabiliza a utilização[...]”. Concordo que “[...] na verdade, as próprias escolas públicas enfrentam grandes dificuldades de ordem estrutural, pedagógica e tecnológica [...]” (BONILLA, 2011, p. 3), fato ratificado quando lemos que as lousas digitais chegaram à escola e ficaram num canto qualquer “[...] conversei com o diretor sobre a sala de leitura, onde estão “depositadas” as lousas digitais [...]”, até porque a dinâmica de instalação dos equipamentos é morosa.

G3/Camargo mostra ter real percepção da situação em que se encontra a distribuição dos equipamentos em sua escola e reflete sobre a necessidade de se atender a outras urgências antes de se pensar em depositar nas escolas um aparato tecnológico que nem sempre vem ao encontro de suas reais necessidades

[...] cabe refletir sobre a aquisição, implementação e disposição de equipamentos/recursos/instrumentos/projetos... (quais as reais necessidades da unidade escolar) na rede municipal, visto que nem mesmo as necessidades básicas têm sido atendidas/sanadas [...]

Como dito anteriormente, há necessidade de mudanças efetivas que vão muito além do fornecimento de recursos tecnológicos às instituições educacionais. É preciso que seja dada a cada escola a autonomia para lutar por aquilo de que realmente necessita, considerando sua realidade e a de seus alunos, dentro da identidade construída junto à comunidade à qual pertence.

Segundo Almeida (2007), a mudança da/na escola deve partir da equipe gestora, independente da esfera à qual está vinculada, e cada profissional terá sua parte de responsabilidade na transformação da escola. A autora também salienta que a integração das tecnologias deve ser efetivada de forma contextualizada, articulada e não fragmentada, numa conexão entre a reflexão e a ação, num clima de colaboração mútua entre equipe gestora e professores.

Porém, ledo engano seria afirmar que a solução para essa mudança estaria na simples presença das tecnologias na escola e que somente elas fossem capazes de mobilizar a favor de uma transformação social e efetiva participação de todos no processo de democratização do conhecimento.

Não basta colocar os recursos midiáticos na escola. As tecnologias por si só não promovem uma aprendizagem significativa do conteúdo escolar, se não houver uma formação política e cultural do professorado que atua no espaço escolar para enfrentar os paradigmas da superficialidade e da fragmentação da informação e do conhecimento (TERUYA; MORAES, 2009, p. 3).

Diante dos avanços tecnológicos na sociedade denominada digital, ampliam-se cada vez mais os questionamentos e atribuições dirigidos à escola, e especificamente ao professor, quanto às responsabilidades urgentes e necessárias para que o aluno seja capaz de viver nesta sociedade sem sofrer com a falta daquele conhecimento.

Embora reconheçamos que não são os artefatos tecnológicos que vão determinar o êxito do processo de aprender, acreditamos que urge assumir uma postura aberta à introdução dos meios instrucionais, dos mais simples aos mais complexos, buscando não resistir às alternativas para a apropriação dos saberes necessários à educação do futuro (MORIN, 2000, apud NUNES et al. 2006, p. 86).

Se o que se pretende é transformação, não devemos nos esquecer da importância das heranças históricas e dos fatores contextuais que a escola traz consigo.

Toda a ecologia da educação teria de ser repensada se o objetivo fosse, de fato, a transformação: mudanças na maneira como as instituições educacionais são organizadas e financiadas; em como os professores são formados e valorizados; e em como o hardware e o software são projetados, de modo que atendessem as necessidades dos professores e dos alunos, em vez de atender às do mundo dos negócios. Sem essas mudanças amplas, apenas alterações relativamente menores nas práticas de sala de aula têm probabilidade de ocorrer (CUBAN, 2001 apud SNYDER, 2010, p 265).

Falar de transformação abrange inúmeras questões que vão muito além do que pretendo tratar nesta pesquisa; envolveria políticas públicas, formação contínua de professores, capacitação em serviço, entre outros, além de abordar questões referentes aos aparatos tecnológicos com fins e intencionalidades realmente educacionais, longe do caráter mercadológico e capitalista predominante. Na certa, não teria condições de dar conta dos infindáveis e possíveis questionamentos. Mas a transformação a que me refiro é justamente aquela na qual a interlocução entre os sujeitos, nas relações dialógicas construídas dentro do ambiente educativo, venha a contribuir para que as relações de ensino sejam cada vez mais capazes de garantir o acesso ao conhecimento.

Estive na convocação da formação para uso da lousa digital nas escolas municipais de Sorocaba e adorei as infinitas possibilidades de o professor redimensionar sua prática e dos alunos se apropriarem do conhecimento de forma interativa, dinâmica, tecnológica, cibernética, enfim, um novo recurso, ou melhor, um instrumento que poderá propiciar novas práticas, novos modos de participação no processo de ensino e aprendizagem. Confesso que parece um sonho, um instrumento praticamente completo, com som, vídeo, *touch screen*... Apesar de ultramoderno, suas funções são semelhantes a de um celular, Ipad. O “vendedor” demonstrou várias possibilidades, sendo que muitas estão atreladas à internet. Cabe lembrar, que a internet disponível nas escolas é lenta, cai o tempo todo, e não é suficiente nem mesmo para as necessidades da secretaria, que dirá de atividades de navegação para pesquisa, vídeos. Na demonstração o representante utiliza uma internet móvel, de uso particular, com uma velocidade bem distante da realidade escolar desta rede de ensino. Fico

preocupada com os professores que terão esta mesma formação, pois irá aguçar-los a buscar novas práticas, porém nem tudo o que foi demonstrado será possível de efetivação nas escolas. Algumas funções são específicas do software da lousa, disponibilizado em CD a toda equipe escolar, que poderá baixá-lo em casa e explorar os conteúdos antes de planejar e disponibilizar aos alunos[...] Acredito que a instalação de uma lousa na sala de leitura da escola irá atender nossas expectativas e possibilitar um novo espaço aos alunos e professores. Como as obras na escola logo irão iniciar resolvemos não abrir mão deste riquíssimo instrumento para o processo de ensino e aprendizagem. (CAMARGO, 2011-2012).

Há reflexos de encantamento do G3 diante das oportunidades de novas práticas às quais o professor poderá ter acesso e assim proporcionar aprendizagens mais significativas aos alunos com o uso da lousa digital que a escola recebeu.

[...] adorei as infinitas possibilidades de o professor redimensionar sua prática e dos alunos se apropriarem do conhecimento de forma interativa, dinâmica, tecnológica, cibernética, enfim, um novo recurso, ou melhor, um instrumento que poderá propiciar novas práticas, novos modos de participação no processo de ensino e aprendizagem [...] Confesso que parece um sonho [...]

Logo a seguir, G3 se depara com a realidade que vai encontrar ao retornar para sua escola.

[...] cabe lembrar, que a internet disponível nas escolas é lenta, cai o tempo todo, e não é suficiente nem mesmo para as necessidades da secretaria, que dirá de atividades de navegação para pesquisa, vídeos. Na demonstração, o representante utiliza uma internet móvel, de uso particular, com uma velocidade bem distante da realidade escolar desta rede de ensino.

Isto me faz refletir sobre as intenções do poder público em munir as escolas desses instrumentos tendo em vista que este nos dá indícios de interesses voltados somente à garantia de uma suposta “qualidade do ensino”, atrelada à inserção das tecnologias na escola, isentando-se de inúmeros aspectos imprescindíveis à real integração destas nas relações de ensino.

Se o que se pretende é a inclusão digital dos alunos, tem de se pensar em questões que venham a promover efetivamente tal inclusão, e esta nem sempre acontece simplesmente oferecendo recursos tecnológicos de forma desarticulada como se tem visto.

Promover a inclusão digital é, na nossa percepção, oportunizar que cada sujeito social possa, efetivamente, participar desse movimento, não sujeitando-se às práticas que o condicionam a mero consumidor, seja de

informações, seja de bens, seja de cultura. O papel da educação é favorecer a “luta pela prevalência da colaboração e do compartilhamento sobre a competição e o aprisionamento do conhecimento” (BRANT, 2008, p. 73), ser um espaço de crítica e ressignificação de todos os processos sociais, de forma a tornar-se um fator de liberdade do conhecimento, dos sujeitos, da sociedade (BONILLA, 2011, p.13).

Não que as escolas e os professores não possam mudar, mas que as práticas de ensino persistem devido a heranças históricas e a fatores contextuais. Vejo isso na preocupação do gestor “Fico preocupado com os professores que terão esta mesma formação, pois irá aguçar-los a buscar novas práticas, porém nem tudo o que foi demonstrado será possível de efetivação nas escolas.”

A infraestrutura inadequada das escolas, o funcionamento lento da internet, os computadores impotentes diante das ferramentas mais avançadas, podem ser fatores suficientes para desencorajar os professores da tarefa de tentar integrar as tecnologias em suas práticas de sala de aula, mesmo que eles sejam usuários experientes e dedicados em suas vidas privadas.

Referente às formações oferecidas pela Secretaria da Educação, destaco a escolha e imposição de cunho hierárquico, a superficialidade dos temas e o foco exacerbado nas técnicas, distanciando as tecnologias do processo de ensino e aprendizagem e do contexto escolar. Cabe lembrar, que os programas são escolhidos e implementados pela SEDU, destoando das concepções concernentes à gestão democrática. As formações continuadas referentes aos Programas comprados pela Prefeitura são oferecidas, na maioria das vezes, somente aos professores, dificultando a intervenção e o apoio dos gestores.

[...] eu tive (formação da lousa digital), que eu participei no ano passado ou retrasado, era, olha você aperta esse botão, você desliga esse botão, você... Era só a técnica, quer dizer, a gente tem computador em casa. Mas ainda o professor espera só a técnica. Parece que ele não quer admitir que ele tem dificuldade, sabe, tem dificuldade didática, tem dificuldade de, sabe? É o pedagógico a maior dificuldade [...] ; “[...] porque formação teve, tem enquanto técnica. Técnica nem sempre a gente precisa, os alunos sabem mexer perfeitamente no computador, é só você lançar a proposta, não precisa nem encostar no recurso que a criança vai e faz [...]” (G3, APÊNDICE B, p.145).

[...] quando a gente formulou o questionário, [...] quando eu comecei tabular o questionário, olha, eu tinha certeza que tinha uma das questões que era relacionada a isso, por que que os professores não usam, por que que eles não usavam e tinha duas opções ou pela dificuldade técnica ou a pedagógica e foi assim, 98% assinalou que é a técnica e eu fiquei surpresa porque eu não acho que é a questão técnica, o que eu vejo é a dificuldade pedagógica mesmo né? [...] (PESQUISADORA, APÊNDICE B, p.139-40).

Ao analisar as informações contidas no questionário que teve como objetivo traçar o perfil dos participantes da pesquisa, verifiquei que a maioria dos gestores teve acesso, mesmo que sucintamente, a teorias e práticas referentes à utilização das tecnologias na prática educativa no decorrer de sua formação acadêmica, realidade nada semelhante a de muitos professores que atuam na escola.

Sem uma formação consistente, os professores trabalharão de acordo com as interpretações e concepções melhor entendidas por eles, considerando que o modo de agir e interpretar está relacionado ao contexto histórico e cultural ao qual estão inseridos (SMOLKA; LAPLANE, 1994).

O modo como o professor trabalha e lida com a complexidade depende do modo como ele interpreta os acontecimentos. O modo de interpretar depende, por sua vez, da sua história, da sua formação, da sua experiência, bem como do acesso aos conhecimentos produzidos historicamente. Tais conhecimentos [...] porque históricos, configuram-se em determinado espaço e tempo e tornam-se (ou não) disponíveis ao professor (através de leituras, cursos, conversas etc.), passando a fazer parte dos recursos materiais dos quais ele lança mão nas situações concretas. (p.79, 80).

Dessa forma, a efetivação de práticas que contemplam a utilização das tecnologias no ambiente escolar requer uma formação de profissionais que vá além do domínio da técnica, implicando o diálogo contínuo, a problematização e o redimensionamento da prática educativa.

Formar o novo profissional em serviço implica dialogar com ele continuamente no cotidiano da escola e refletir sobre seu papel, problematizando sua atuação, identificando os erros e as falhas para redirecionar a busca de uma nova prática, consciente e atuante. Da integração que ocorre no interior da escola entre os professores como colegas, com os alunos e coordenadores decorre a construção de identidades profissionais e a formação de valores, atitudes e concepções de educação, de homem e sociedade; um processo contínuo e complexo, visando mais do que treinar em novas técnicas e habilidades, mas, sim, refletir sobre e reconstruir a prática cotidiana (PLACCO; SILVA 2000, apud PLACCO; ALMEIDA 2008, p.84-85).

Diante disso, digo que muito se fala sobre a necessidade de mudanças na escola, mas pouco se ousa quanto à produção de subsídios teóricos e exemplos práticos que instiguem e norteiem professores para promover tais mudanças.

Há dias atrás, chegaram mais cinco lousas digitais na escola e deverão ser instaladas por um pessoal especializado. A escola contempla 14 salas de aula no período da manhã e mais 14 salas no período da tarde. Duas lousas

já foram instaladas no ano passado, uma na sala do 3º ano, e outra na sala da educação infantil,. Eu e a orientadora pedagógica havíamos comentado sobre a possibilidade das novas lousas serem instaladas nas salas do 5º ano, devido os alunos serem maiores e considerando que no próximo ano eles estudarão em outra unidade, pois a escola não atende do 6º ano em diante. Outro fator que nos levou a tal decisão foi a orientação dada pelo setor de informática da Secretaria de Educação, que devíamos contemplar os alunos maiores numa ordem decrescente e isso ocorreu no mês de janeiro onde todos estavam de férias. Chegamos a comunicar os professores que seriam contemplados no início das aulas. Só que isso não aconteceu conforme havíamos sido informadas. Somente no mês de maio chegaram as lousas. Coincidentemente no dia 17 de maio, quando chegaram as lousas, estava acontecendo um evento na escola, era o dia do lançamento da Pedagogia Empreendedora. O dito pessoal especializado apareceu para fazer a instalação das lousas o que despertou uma certa ansiedade nos professores. Uma professora do 3º ano veio até mim implorando para que uma lousa fosse instalada em sua sala de aula. Das cinco lousas uma foi instalada na sala de leitura, pois como é um espaço comum a todos, acreditamos que seu uso seria mais democrático, facilitando para as reuniões com os professores, no projeto de recuperação paralela e reforço e para aqueles professores que a sala de aula ainda não tem a lousa digital instalada. O diretor da escola foi procurado pela professora do 1º ano para que a lousa fosse instalada em sua sala. Outros pedidos ocorreram para mim e para o diretor. Conversamos sobre a questão da instalação e na tentativa de democratizar e ser justo com todos, decidimos que as 4 lousas restantes fossem instaladas na seguinte ordem: 1 na sala do 1º ano, 1 na sala do 5º ano, 1 na sala do 4º ano, 1 na sala do 3º ano, assim todos os anos seriam contemplados e poderia haver uma melhor dinâmica de rodízio entre os anos afins. Devido tal alteração e talvez pela dinâmica do dia, evento com a comunidade, venda de pizzas em prol da APM, faltou uma clareza ou até mesmo um questionamento com os maiores interessados sobre isso. O fato é que alguns professores ficaram insatisfeitos com a decisão e chegaram a nos questionar. Ao ouvir a professora do 5º ano, ela justificou que já havia se apropriado da ideia de ter em sua sala uma lousa digital e que criou expectativas em seus alunos. A professora realmente realiza um trabalho legal e faz uso de diversas tecnologias. Ao final do período da manhã, a professora do 1º ano, veio até a direção para nos lembrar sobre a solicitação feita por ela. Estávamos certos de que havíamos tomado a melhor decisão, até porque o discurso da PMS é que até o final do ano 2012 todas as escolas estejam equipadas com esses equipamentos. (FERRAZ, 2012-2013)

Na tentativa de distanciamento do relato feito por mim, analisei-o de forma a buscar certa “neutralidade”, embora tenha plena convicção de que isso não seja possível, mas me daria consistência para entretecer teoria e prática. Porém, percebi que ao buscar essa neutralidade, muitas vezes caí na generalização e redução, considerando que as coisas se explicam, mas não se esgotam, há outros elementos, outras relações. Contudo, me firmei no lugar onde estou para explicar a prática permeada por uma teoria.

A escola é uma instituição dinâmica, não são poucas as coisas que acontecem concomitantes nesse espaço. Posso ver isso claramente no relato sobre o processo conturbado da instalação das lousas “[...] coincidentemente no dia 17 de

maio, quando chegaram as lousas, estava acontecendo um evento na escola, era o dia do lançamento da Pedagogia Empreendedora e [...] pela dinâmica do dia, evento com a comunidade, venda de pizzas em prol da APM [...]” (FERRAZ, 2012-2013).

Tratar do gerenciamento dos recursos humanos e materiais a todo o momento exige do gestor muito bom senso, imparcialidade e muitas vezes planejamentos eficientes.

Cabe ao gestor gerir, refletir, reconstruir, redimensionar concepções e ações, e esse processo implica mudanças em toda a dinâmica da escola, aliás, na própria concepção do papel da instituição escolar e de todos os protagonistas envolvidos no processo educacional:

[...] na tentativa de democratizar e ser justo com todos, decidimos que as 4 lousas restantes fossem instaladas na seguinte ordem: 1 na sala do 1 ano, 1 na sala do 5 ano, 1 na sala do 4 ano, 1 na sala do 3 ano, assim todos os anos seriam contemplados e poderia haver uma melhor dinâmica de rodízio entre os anos afins [...]. (FERRAZ, 2012-2013).

Embora a convicção dos gestores de estarem sendo democráticos “[...] estávamos certos de que havíamos tomado a melhor decisão [...]” (FERRAZ, 2012-2013) desejando contemplar todos os anos, os professores não se sentiram satisfeitos, pois cada um se considerava merecedor de ter uma lousa digital em sua sala de aula.

Talvez tenha ocorrido uma falha na dinâmica de distribuição das lousas pelos gestores, talvez o melhor tivesse sido oportunizar um momento para que tal situação fosse discutida pelo grupo e que os próprios professores tivessem decidido, mas as coisas acontecem na escola em contextos diversos que nem sempre propiciam os diálogos necessários.

Manifestações de contentamento são percebidas ao se constatar que um número significativo de professores desejavam ter acesso a essas tecnologias, chegando ao ponto de concorrerem entre si para isso, “[...] uma professora do 3º ano, veio até mim implorando para que uma lousa fosse instalada em sua sala de aula [...]”; “[...] o diretor da escola foi procurado pela professora do 1º ano para que a lousa fosse instalada em sua sala [...]”; “[...] outros pedidos ocorreram para mim e para o diretor [...]” (FERRAZ, 2012-2013), alimentando-me de esperanças de que suas práticas pudessem vir a ser desempenhadas de forma prazerosa, rica e interativa.

Para a educação, as tecnologias potencializam o processo de ensino e aprendizagem, o acesso à informação, a intervenção no contexto social, a gestão colaborativa, a criação, o desenvolvimento humano, a produção de novos conhecimentos e instrumentos (ALMEIDA, 2007). Enfim, redimensionam as ações e interações sociais, fortalecendo as relações dialógicas com base na expressão e uma comunicação dialógica e participativa.

Eu estava na secretaria da escola quando a professora do 3º ano chegou pedindo ajuda porque não estava conseguindo acessar a internet em seu notebook e precisava usar a lousa digital para mostrar aos alunos sobre um assunto que ela estava trabalhando com eles. A atendente da secretaria comunicou-a sobre a nova senha e ela reconheceu que havia digitado a senha antiga. Novamente ela voltou me dizendo que não havia conseguido. Fui com ela em sua sala, cumprimentei os alunos e conectamos a internet. Tanto a professora quanto os alunos vibraram de alegria e aplaudiram o sucesso da tentativa, pois caso contrário uma outra atividade seria desenvolvida e talvez não fizesse uso de tal recurso tecnológico. (FERRAZ, 2012-2013)

A funcionária C. que atende a sala de leitura veio ansiosa me procurar para comunicar que não estava conseguindo instalar a impressora no computador que havíamos destinado à sala dela e que tinha que imprimir muitas etiquetas para colar nos livros, pois, a sala de leitura teve uma reorganização e achamos por bem tomar todos os livros, registrá-los e catalogá-los. No mesmo momento larguei o que estava fazendo e fui até a sala de leitura com ela. Ela já toda nervosa por não conseguir abrir seu pen drive para baixar o programa da impressora que havia baixado da internet, começou a reclamar que não teria tempo de fazer todo o trabalho. Pedi licença a ela e fui tentar resolver, quando na tentativa fiz a experiência com meu pen drive e constatei que o problema era com o pen drive dela. Salvei o arquivo no meu pen drive e baixei no computador dela. A impressora (FERRAZ, 2012-2013)

Ao desenvolver suas atividades pedagógicas e administrativas, os gestores acabam sendo referências aos professores, compartilham e orientam formas de agir e utilizar as tecnologias disponíveis, “[...] fui com ela em sua sala, cumprimentei os alunos e conectamos a internet [...]” e “[...] no mesmo momento larguei o que estava fazendo e fui até a sala de leitura com ela [...]”; “[...] fui tentar resolver [...]”.(FERRAZ, 2012-2013)

A responsabilidade por atividades e funções de caráter técnico-burocrático é grande na rotina dos gestores, limitando ainda mais seu tempo na gerência dos segmentos e recursos administrativos da escola, prejudicando assim o tempo que poderia dedicar a questões especificamente pedagógicas. Diante das atuações cada vez mais exigentes desses profissionais na mediação das tecnologias “[...] quando a

professora do 3º ano chegou pedindo ajuda porque não estava conseguindo acessar a internet em seu notebook e precisava usar a lousa digital para mostrar aos alunos sobre um assunto que ela estava trabalhando com eles [...]” (FERRAZ, 2012-2013), caberia repensar suas atribuições de forma a contemplar ações de cunho administrativo e pedagógico, o que não ocorre, por exemplo, quando se trata das atribuições do vice-diretor, as quais encontram-se desconectadas uma da outra.

As ações efetivadas pelos gestores escolares favorecem a integração das tecnologias no ambiente escolar, todavia, suas contribuições, de acordo com suas convicções e angústias, estão distantes do ideal, tendo em vista que as mudanças necessárias, embora tenha dito anteriormente que depende da equipe gestora, não competem somente a ela e à escola. Vejo tal situação retratada nos relatos abaixo:

[...] você vê assim que eles estão fazendo uso mais, por exemplo, a lousa digital pra passar um filme, aí eu fico pensando, eu acho que é ótimo, tem que passar mesmo também né? Mas não é só pra isso, vamos explorar as ferramentas que existem nela, vamos deixar os alunos fazer a interação, usar os recursos, brincar um pouco que eles vão aprender também querendo ou não com isso, mas aqui a gente não consegue visualizar muito isso. (G2, APÊNDICE B, p.134-35).

[...] tanto é que com a lousa digital o que a gente está gastando de caneta de quadro branco é um absurdo e outro dia eu falei, vieram daqui do outro lado pedir lá, eu falei, de que forma está usando essa lousa? Tem lousa digital pra usar a caneta? Dá pra salvar no computador, né?... (G5, APÊNDICE B, p.135).

[...] no HTP veio uma pessoa, falar, explicou como mexer na lousa, então assim, a questão é você se abrir e mandar ver entendeu? Aquela coisa, mete as caras. E ela veio explicou direitinho, ela deixou email, ela mandou pra gente tudo sobre a lousa digital, super acessível, mas aí esbarrou assim “aí na minha sala não tem , tem que ficar trocando de lugar [...]”(G1, APÊNDICE B, p.140)

4.5.2 O laboratório de informática: ambiente informatizado dentro da escola pública

Implantados nos anos de 2003 e 2004, os laboratórios de informática mantidos nas escolas do Ensino Fundamental da rede municipal de Sorocaba funcionam da seguinte forma: gerenciados pela Positivo Informática²¹, contam com aproximadamente oito computadores com três banquetas, organizados para o

²¹ Empresa contrata pela Secretaria de Educação para fornecimento de equipamentos e formação de professores no Laboratório de Informática.

trabalho em grupo, possuem mesas multimídias, microfone acoplado, impressora com scanner e diversos softwares da referida empresa. Existem os “Cantinhos de Informática” nas salas de aula do 1º ano do Ensino Fundamental de 9 anos, como mais um recurso para a alfabetização. O foco dos cantinhos está relacionado à mesa alfabeto, que estimula a aprendizagem de conteúdos curriculares de várias áreas de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades como criatividade, raciocínio lógico, organização espacial, coordenação motora e expressão oral e escrita. Formada por um módulo eletrônico com sensores ópticos, um software interativo e vários blocos coloridos e fáceis de manusear, ela atende a partir do início até a consolidação dos processos de alfabetização e letramento que englobam desde o processo de reconhecimento de letras e construção de palavras até o trabalho com textos. A prefeitura implantará também os cantinhos em 41 escolas da Educação Infantil. Em 2011 foram atualizados todos os laboratórios de informática das 37 escolas municipais do Ensino Fundamental. Existe a Mesa Alfabeto Educação Especial, desenhada para criar um ambiente colaborativo, no qual portadores de necessidades especiais contam com recursos adicionais integrados à programação da solução, como blocos etiquetados em braile; maior quantidade e variedade de instruções e *feedbacks* falados, para deficientes visuais; legendas e vídeos em Libras (linguagem brasileira de sinais), para deficientes auditivos; altura regulável, para cadeirantes, tendo sido eficiente também com crianças autistas. A capacitação dos professores é realizada pela mesma empresa que gerencia os equipamentos.

Analiso em seguida os relatos que contemplam o laboratório de informática.

Hoje recebemos uma monitora para auxiliar no laboratório de informática da escola. Ela notificou que ficará responsável pela organização e monitoramento dos equipamentos e que virá duas vezes por semana pois também será responsável por outras escolas. Relatou que no dia de hoje irá fazer o levantamento das mesas alfabetos estragadas, fazendo o chamado para o conserto. Ainda avisou que os CDS (softwares) antigos não são compatíveis com o processador dos novos computadores. Cabe lembrar, que no período de férias (janeiro) todos os computadores, mesas, bancos foram substituídos por novos. Verifiquei que a monitora ligou todos os computadores e testou as mesas. Salientei o desaparecimento de CDs, pois nos anos anteriores os professores tiveram livre acesso ao laboratório e materiais, dificultando o monitoramento e controle. Estou muito feliz com a vinda desta profissional e dos novos equipamentos, pois assim poderemos utilizar estes instrumentos na prática pedagógica, viabilizando novas formas de apropriação do conhecimento. (CAMARGO, 2011-2012).

G3 relata que a vinda da monitora do laboratório de informática para sua escola trouxe algumas expectativas, “Hoje recebemos uma monitora para auxiliar no laboratório de informática da escola [...]” expondo seu contentamento com a chegada desse profissional bem como dos novos equipamentos, pois ela acredita que eles auxiliarão na prática dos professores de modo a favorecer a aprendizagem dos alunos “Estou muito feliz com a vinda desta profissional e dos novos equipamentos, pois assim poderemos utilizar estes instrumentos na prática pedagógica, viabilizando novas formas de apropriação do conhecimento.”

A aprendizagem diferencia-se pela influência mútua entre o conhecimento prévio e o novo conhecimento, quando se pode afirmar que o novo conhecimento adquire significados para o aluno e o conhecimento prévio adquire um conteúdo mais bem elaborado, conseguindo mais estabilidade (MOREIRA, 1999, apud CUNHA 2008, p.18).

Os gestores escolares, dentro do cenário de transformação da escola e da sociedade da informação e do conhecimento passaram a ter a incumbência de agir como sujeitos articuladores do processo educacional, articulando-se com as transformações tecnológicas, não simplesmente no sentido de acompanhar as grandes mudanças que ocorrem na sociedade, como também intervir nelas.

O Laboratório de Informática, ambiente informatizado criado dentro do espaço das escolas públicas municipais, juntamente com a introdução dos recursos tecnológicos como o computador e a internet, ampliou as oportunidades de ação para o desenvolvimento das atividades dos gestores; por outro lado, desencadeou uma série de desafios, pois o surgimento contínuo de novas tecnologias “[...] suscitam aprendizagens e criam novos espaços de conhecer, trabalhar e se relacionar (ALMEIDA 2005-2006, p.5).”

Os Softwares Educativos são recursos que estão disponíveis ao professor, para que através deles os temas e assuntos abordados na sala de aula sejam enriquecidos, favorecendo a aprendizagem.

G3 foi comunicado de que os softwares estavam fora das condições de uso devido à incompatibilidade com os novos computadores “[...] Ainda avisou que os CDS (softwares) antigos não são compatíveis com o processador dos novos computadores [...]”.

Atualmente, há uma gama de softwares educativos disponíveis no mercado, sendo imprescindível um bom conhecimento sobre eles, pois seu conteúdo deve

visar a uma aprendizagem significativa, aliando interatividade e informações a quem vai utilizá-los, que em geral, são professores e alunos. Esses softwares educativos têm papel primordial, sem eles o computador, por si só, não teria nenhuma utilização na educação.

Quando se utilizam os softwares com objetivos bem definidos e direcionados ao assunto abordado pelo professor em sala de aula, podem, de forma diferente, divertida e interativa, vir a enriquecer os conteúdos, despertando nos alunos novas possibilidades de aprendizagem, de forma prazerosa e dentro de uma nova dinâmica no modo de aprender.

De forma lúdica, os ambientes virtuais possibilitam o desenvolvimento de habilidades e criticidade, por meio da mediação e interação com os outros, favorecendo a efetivação de novas aprendizagens.

Trago abaixo o relato da professora monitora do laboratório de informática de uma das escolas municipais, para contribuir com a análise.

Os recursos contidos no laboratório de informática são de grande importância para a aprendizagem. É notório que o aluno que não tem interesse em sala de aula pela leitura e escrita, que não conhece as letras e números, alcança um ótimo resultado com as ferramentas oferecidas na sala de informática. A Mesa Alfabeta desperta curiosidade pela leitura e vontade de aprender a escrever, é fácil detectar onde o aluno está com dificuldade e a melhor hora para a intervenção pedagógica. Algumas professoras utilizam dessa ferramenta nas aulas de reforço. A sala de informática é um espaço lúdico, com pessoas capacitadas na função, que auxiliam o professores no planejamento e aplicação do conteúdo que está sendo trabalhado em sala de aula. Esse trabalho deve ser feito desde a Educação Infantil. As crianças aprimoram a coordenação motora, o contato com a tecnologia e o interesse pelas mídias pedagógicas. São 8 computadores com 6 lugares por sala de informática, o objetivo é o trabalho em grupo, a organização dos líderes e combinados etc. Ainda há resistência de alguns professores que alegam não saber como ligar, planejar, executar, mas não aproveitam a nossa presença na unidade escolar. Vejo isso como privar o aluno de um direito deles e o enriquecimento do trabalho anual. Com o desenvolvimento rápido das crianças de hoje, vejo a informática como algo essencial, uma necessidade para todas as fases da vida. Não devemos ser detentores de informações, o laboratório de informática é de fácil uso e sempre temos um plantão de dúvidas. (FERRAZ, 2012-2013)

A monitora revela várias situações que poderiam instigar inúmeras discussões aqui, porém cito apenas aquelas que mais cabem no contexto deste trabalho: as inúmeras possibilidades de integração dos alunos com os recursos disponíveis nos computadores da sala de informática; a importância dos recursos midiáticos para enriquecimento e complemento das atividades da sala de aula, favorecendo a

aprendizagem de forma lúdica e prazerosa; resistência dos professores frente às tecnologias; interação dos alunos com atividades diferenciadas.

Trago abaixo fragmentos de outros relatos que desvelam as situações acima citadas:

A professora Bela me procurou para explicar que está utilizando o software tabuada e que na 5ª feira poderemos ir ao laboratório para eu mostrar as possibilidades. Outra professora da escola procurou a orientadora pedagógica para compartilhar a angústia de ir ao laboratório de informática. [...] Também destacou que na primeira vez que foi a monitora da sala estava lá, facilitando a utilização dos instrumento [...] (CAMARGO, 2011-2012)

[...] pensei em utilizar o laboratório de Informática da escola, levar os professores durante a reunião de HTPC, criar um blog, inicialmente com textos, dicas de atividades, relatos de experiências e depois complementá-lo com fotos, vídeos de aulas, materiais audiovisuais produzidos por alunos, enfim, recheá-lo de práticas educativas. Terei que verificar com a secretaria de educação sobre a liberação/autorização para postagem de materiais imagéticos, áudio e audiovisuais, pois não sei como funciona. [...] vou lutar para colocar minhas ideias em prática na tentativa de ajudar o professor em sua inclusão digital e com isso ele possa vir a perder o medo e a trabalhar de forma mais autônoma com os alunos. (CAMARGO, 2011-2012)

[...] a gente tem a sala de informática, a gente tem os computadores, mas assim, falta justamente alguma coisa pra desdobrar isso até os alunos, como, ate porque eu fiz a formação enquanto professora pra usar a sala de informática, depois ficou muito tempo a sala em desuso, teve uma época que a positivo tava sem contrato com a prefeitura, uma coisa assim, então ficaram pelo menos na escola em que eu trabalhava os computadores ficaram empilhados num canto, não tinha estagiários, não tinha ninguém. É...a sala como eu usei pouco, logo entrei na gestão, então acho que falta um pouco mais nesse sentido, mais, é, existe essa preocupação justamente pela necessidade que se tem hoje, né? (G4, APÊNDICE B, p.133)

[...] trabalhei no estado como coordenador pedagógico e a gente fazia exatamente isso pra poder incentivar o uso da sala de informática era feito uma escala dos alunos e era um incentivo meio impositivo, fora que a gente vivia pedindo pros responsáveis na D.E. pra darem cursos nas escolas nos HTPCs para poder também possibilitar um conhecimento mais específico ao professor e garantir que ele usasse aqueles recursos e as ferramentas que os computadores oferecem, né? (G2, APÊNDICE B, p.134)

[...] então você vê na sala de informática o professor fala assim, “ai se o monitora não tá aí eu não vou, eu não sei mexer”, mas eu não posso ir lá, eu não dou conta de ir lá com ela [...] então se você vai junto, de repente, ela precisa de uma segurança e essa segurança é de trás, é aquela formação da proteção do computador que a gente não podia mexer, esse pessoal tem ainda. É eu vou quebrar, então assim é de formação [...] (G1, APÊNDICE B, p.139)

[...] só a sala de informática é perfeita, funciona tudo a hora que você quer. (G5, APÊNDICE B, p.142)

4.5.3 Rádio e vídeo escola: educação e comunicação no cotidiano escolar

Implantado durante o período de 2001 a 2004, pela Secretaria de Educação do Município, em todas as 33 escolas do Ensino Fundamental, o programa composto pelos Projetos Rádio e Vídeo-Escola esteve voltado à formação de professores, coordenadores, diretores e supervisores de ensino, para que compreendessem a necessidade de incluir a comunicação social de maneira crítica e transversal no currículo escolar, no cotidiano da sala de aula e no âmbito da escola. As escolas que receberam o programa contaram com assessoria direta da Secretaria de Educação para a implantação e gestão da comunicação no espaço escolar.

Os participantes aprenderam a produzir suas próprias mensagens audiovisuais em forma de animação, documentário, ficção ou experimentação, assim como programações de rádio. As produções foram exibidas para alunos, pais e comunidade escolar nas próprias escolas e em Mostras anuais, realizadas pela Prefeitura, para a sociedade sorocabana e pesquisadores brasileiros da área da educação e da comunicação.

As atividades de formação e assessoria do programa pretendiam contribuir para a promoção de ecossistemas comunicativos que são espaços de produção da informação e do conhecimento, abertos à participação de todos os membros da comunidade, como forma de promover a aproximação entre Educação e Comunicação.

Trago os relatos abaixo como exemplos de práticas experienciadas envolvendo o Projeto Rádio e Vídeo Escola:

[...] enquanto professora o que eu achei bem interessante também foi o trabalho que eu fiz com o Rádio Vídeo Escola, mas eu trabalhei com o Vídeo Escola, mas com o Rádio Escola e coincidiu que um, quando chegou, que era sistema de revezamento, a turma da minha sala, era o dia do rádio, daí eu trabalhei a história do rádio com os alunos. Então, nós pegamos todo o percurso histórico pra fazer o programa, eu comprei um CD e um livro do Braguinha (que era um dos precursores do rádio) e trabalhei isso com os alunos assim, com um diálogo entre dois alunos e eles foram assim contando a história do rádio. A gente colocou música da época, também um pouquinho das marchinhas que era a história do Braguinha e tal então, foi bem legal e significativo pra eles também. (G4, APÊNDICE B, p.124-25).

[...] na escola quando até quando eu fiz o rádio e vídeo escola, a diretora me convidou pra fazer porque era os diretores que escolhiam quem iam fazer e eu gostava muito de trabalhar com foto então tudo eu registrava,

tudo, ia fazer um projeto saia no bairro com eles pra ir comprar coisas no supermercado pra fazer uma receita na sala, então era foto, daí a diretora acho que percebeu a louquinha que eu era e o gostar dessa diferença e já me mandou pra fazer o curso. Ai, daí me apaixonei, daí eu fazia programação de rádio, fazia produção de vídeo com os alunos, daí foi não parei mais e até hoje sou encantada, então sempre procurei tá fazendo diferente com os alunos, né? Desde pegar, eu lembro muito que eu trabalhei Saltimbancos e as músicas dos saltimbancos com eles e daí tentar passar pra linguagem teatral, né? Então sempre procurei fazer de alguma forma diferente e utilizar as diferentes linguagens [...]; [...] quando eu entrei na prefeitura, um ano depois, eles ofereceram um curso de Radio Escola que eu participei e me encantei de vez daí eu já me apropriei e comecei fazer uso na minha sala de aula e até hoje não abandonei. Preciso ver alguma coisa na gestão pra estar pensando, mas é uma coisa que me acompanha e eu não consigo parar. Então foi bem marcante [...]; [...] porque na época do rádio vídeo escola vários professores fizeram a formação e hoje em dia ninguém usa, acabou [...] (G3, APÊNDICE B, p.129)

O G4 e G3 trazem exemplos de práticas que realizaram com o Rádio e Vídeo escola quando atuavam como professores. Essas práticas vêm ratificar as ideias de que se o professor tiver oportunidades de participar de cursos de formação, ousadia para colocar em prática o aprendido e encontrar na escola condições favoráveis para a implementação, as mudanças vão acontecer, pois, “A adoção de inovações tecnológicas exigem também uma reinterpretação do fazer educativo e administrativo” (HESSEL; ABAR, 2007, p. 69).

Vejo no discurso do G4, “[...] foi bem legal e significativo pra eles também [...]”, que ele entendeu que colocar em prática o que o curso lhe ofereceu contribuiu para a construção de significados tanto para ele, professor, quanto para seus alunos.

O G3, ao relatar “[...] eu participei e me encantei de vez, daí eu já me apropriei e comecei fazer uso na minha sala de aula e até hoje não abandonei [...]”, vem manifestar que mais importante que manter um arsenal de ferramentas tecnológicas a serviço da educação é preciso formar o novo professor. “É preciso mudar sua cabeça, sua visão das novas tecnologias, preparando-o para trabalhar corretamente com elas, para produzir constantemente mais e melhores materiais didáticos, sempre em equipe, para usar de forma adequada [...]” (SIQUEIRA, 2004, p. 189).

As produções realizadas pelo G3 estiveram relacionadas com o que foi proporcionado na formação do referente curso “[...] eu fazia programação de rádio, fazia produção de vídeo com os alunos [...]” e “[...] sempre procurei fazer de alguma

forma diferente e utilizar as diferentes linguagens [...]” e na certa, quem mais ganhou com todas essas atividades desenvolvidas foram os alunos.

O G3 também faz um desabafo “[...] porque na época do rádio vídeo escola vários professores fizeram a formação e hoje em dia ninguém usa, acabou [...]”, com isso reflito sobre a importância da continuidade da formação do professor, pois essa é fundamental para que o uso pedagógico adequado das tecnologias esteja garantido; que seja inovador e que reflita positivamente na aprendizagem dos alunos (FONTE, 2004).

Pensar em questões articuladoras das tecnologias com as propostas pedagógicas, sem interrupções de programas e projetos geralmente partidários, seria um bom caminho para a continuidade dessas.

4.5.4 “Sabe Tudo” – recursos disponíveis à escola e à comunidade

“Sabe Tudo” são espaços construídos em Escolas Públicas Municipais ou Estaduais da cidade, equipados com 20 computadores, com acesso à Internet em banda larga, acervo de livros, revistas e jornais diários. Atualmente estão em funcionamento 21 unidades. Também faz parte do Projeto, o “Sabe Tudo Móvel”, que é um ônibus equipado com 14 computadores para oferta, em diferentes bairros, de cursos gratuitos, previamente agendados.

O projeto utiliza a tecnologia *thin-client*.

O thin client é um equipamento que funciona como um mini PC, mas não possui, em sua estrutura interna, HD, processador e memória (não como os convencionais). Apesar de sua estrutura simples, com ele é possível obter uma rede de baixo custo e de fácil manutenção, dentre outros benefícios²².

Para gerenciamento do Projeto, foi contratada a ONG – Projeto Pérola²³, que é a responsável pela mão de obra qualificada, material didático e aplicação das aulas de informática e oficinas de cidadania.

²² Para informações sobre o sistema ver: <http://www.thinclientbrasil.com/thin-client/o-que-e-thin-client.php>.

²³ Fundado em janeiro de 2000, o Projeto Pérola é uma associação de caráter social, que visa desenvolver a consciência protagonista nas comunidades assistidas, a fim de que os jovens atendidos utilizem os conhecimentos ao longo do curso e acreditem em seu potencial. Disponível em: <<http://www.perola.org.br>>. Acesso em 07 de maio 2013.

O atendimento é de segunda a sábado, recebendo alunos das unidades escolares onde estão instalados, alunos de escolas vizinhas e toda a comunidade local, sendo possível o uso dos equipamentos, impressão de material, cursos de informática e acesso à internet.

Cabe ao vice-diretor de escola gerenciar uma verba mensal para a manutenção do prédio do Sabe Tudo, e os serviços de manutenção nos equipamentos são oferecidos pelos próprios técnicos da ONG.

Destaco que todos os programas e projetos da referida rede de ensino são “comprados” e implementados de forma hierárquica, sem a participação dos professores e das equipes gestoras, dificultando a utilização e a real efetivação no processo de ensino e aprendizagem.

Quanto à manutenção e atualização desses instrumentos tecnológicos, que frequentemente apresentam problemas técnicos de alto custo, a prefeitura organiza as licitações e contratam prestadores de serviços terceirizados, inviabilizando ações autônomas da escola e tornando o processo moroso demais.

Por se tratar de políticas públicas municipais, tais projetos sempre estão atrelados a ações partidárias, e quase sempre são esquecidos ou finalizados no final dos mandatos.

Stephen J. Ball (apud MAINARDES ; MARCONDES, 2009, p. 306) destaca que o processo de colocar em prática as políticas públicas é extremamente complexo, pois além de transformar o texto em ação, estas são pensadas “[...] com pouco reconhecimento de variações de contexto, em recursos ou em capacidade locais.”

Quanto à implementação por empresas externas, nota-se que os materiais quase sempre limitam a intervenção de professores ou alunos, restringindo-se aos produtos da referida empresa, dificultando a adequação às necessidades e realidade da unidade escolar.

Uma coisa que a gente faz bastante na oficina , [...] a gente faz de tudo pra eles uma vez por semana usar o Sabe Tudo, que é um recurso assim que eu acredito, é um impacto diferente, eles saem, eles usam, podem estar conectado em rede, é pra ter uma equipe legal pra estar trabalhando com as crianças, só que infelizmente, a rede não funciona, cai a internet, o planejamento daí vai por água abaixo, as pessoas não estão preparadas pra lidar com isso, e também não fazem muita questão porque elas sabem que também quanto mais elas saberem isso, menos as auxiliares vão levar os alunos e com isso elas acabam tendo menos carga de trabalho. Mas é

uma coisa que eu me preocupo bastante, que eu fico, vamos, vamos tentar, vamos levar. A gente até já conversou pra elas fazerem um planejamento pra quando não funciona a internet só que este planejamento está sendo usado toda vez, porque nunca funciona o equipamento e é uma das coisas da tecnologia que a gente lida o tempo todo, tem que ter uma carta na manga. . (G5, APÊNDICE B, p.134).

Duas vertentes aqui me instigaram: a primeira está relacionada ao crédito positivo atribuído pelo G5 ao Sabe Tudo “[...] a gente faz de tudo pra eles uma vez por semana usar o Sabe Tudo, que é um recurso assim que eu acredito, é um impacto diferente, eles saem, eles usam, podem estar conectado em rede [...]”, porém, logo ele expõe a situação real que vivencia no cotidiano ao acompanhar os alunos ao Sabe Tudo “[...] infelizmente, a rede não funciona, cai a internet [...]”; “[...] as pessoas não estão preparadas pra lidar com isso, e também não fazem muita questão porque elas sabem que também quanto mais elas saberem isso, menos as auxiliares vão levar os alunos e com isso elas acabam tendo menos carga de trabalho [...]”. G5 comenta também a falha dos recursos humanos que deveriam receber os alunos, orientá-los e programar atividades supervisionadas visando o acesso desses às tecnologias.

Diante disso, não cabe à escola relutar em introduzir as tecnologias atuais na mediação pedagógica, ficar discutindo quem fica com a chave dos ambientes informatizados, como os laboratórios de informática e o Sabe Tudo, e se preocupar com o tempo que crianças e jovens ficam no computador, pois, enquanto se perde tempo com isso, as conexões vão se fazendo, as comunidades de aprendizagem formadas espontaneamente vão se tornando cada vez mais importantes na distribuição e construção de conhecimentos e saberes. Essas relações de aprendizagem horizontalizadas são como uma escola fora da escola (GOMES, 2010).

Se em contextos não escolares os alunos têm acesso facilitado aos diversos recursos tecnológicos, é necessário que a escola não permaneça na contramão e passe a ser protagonista das mudanças em prol da inclusão digital de seus alunos, favorecendo novos modos de aprender, construir e relacionar com o conhecimento (GOMES, 2010).

O Sabe Tudo pode ser visto como mais um recurso a favor da escola e da comunidade, oferecendo inúmeras possibilidades de inclusão nos projetos

realizados, sendo mais um local informatizado através do qual os alunos podem entrar em contato com a tecnologia disponível, gratuitamente.

4.5.5 A internet nas relações de ensino

Trabalhar com a internet na escola constitui um meio relevante para possibilitar que os alunos tenham acesso às diferentes linguagens, como também o redimensionamento das práticas pedagógicas.

Nesse processo, o professor deixa de ser o detentor do saber e o aluno mero receptor, sendo que ambos estão imersos no processo de (re)construção dos conhecimentos.

No mais, resta-me concordar que “[...] há necessidade de novas concepções para abordagens dos conteúdos, novas metodologias de ensino e novas perspectivas para a ação de professores, alunos e todos os profissionais da educação” (KENSKI, 2006, p.224).

Realizamos no dia 25/7/2012 a reunião de replanejamento do semestre e ao planejar as ações para o novo semestre, o diretor da escola esclareceu à toda equipe sobre a necessidade de estar trabalhando com os alunos sobre o aniversário do município visto ser no dia 15/08 e muitos sabem do feriado, porém não sabem o real motivo dele. Depois de alguns questionamentos e sugestões vindas dos gestores da escola, os professores concordaram trabalhar com o tema no mês de agosto. O que chamou minha atenção neste dia foi o fato de termos que insistir para que o professor trabalhe, o que na minha opinião já faz parte do currículo e do direito do aluno em receber conhecimentos referente ao assunto. Ao terminar a reunião a orientadora pedagógica me procurou para socializar algumas ideias que duas professoras tiveram para abordar o tema com os alunos. Orientei a orientadora pedagógica para que os professores explorassem o site do município www.sorocaba.sp.gov.br, onde contem um link que dá acesso ao portal www.cidadeinterativa3d.sorocaba.sp.gov.br, pois o mesmo é riquíssimo em informações sobre a cidade de Sorocaba e poderá ser trabalhado com os alunos utilizando a lousa digital. Como eu participei da inauguração do site no final do semestre passado, não havia tido oportunidade de divulgar e comentar com os professores sobre ele. Mostrei à OP e dei as comandas básicas de exploração do site visto ele ser muito interativo. Ela adorou e foi levar a ideia aos demais professores. Fiquei contente, pois sei que isto poderá auxiliar os professores e trazer muitos conhecimentos aos alunos de forma prazerosa e interativa. Vou aguardar para ver a repercussão deste trabalho (FERRAZ, 2012-2013).

[...] na HTP que eu coloquei a cidade interativa, ontem veio um aluno falar, agradecer, assim, G1, acho que ele escutou a professora falando que eu tinha mostrado na HTP e elas trabalharam nas aulas, G1, adorei o que você mostrou pra professora, ai a estátua falando, eu falei, é o Baltazar Fernandes [...](G1, APÊNDICE B, p.138).

[...] mas olhem o absurdo! Ontem eu liguei na SEDU, bloqueou tudo, você não consegue nem abrir uma imagem na internet da prefeitura, como é que me faz um projeto desses? Um investimento desse, ai gente...mas na rede da prefeitura não abre, é bloqueado [...](G3, APÊNDICE B, p.138).

Nesses relatos há indícios da importância do gestor exercer sua função mediadora junto aos professores de sua escola, desenvolvendo de forma democrática e participativa, tentativas que visam levar o conhecimento plural aos alunos, levando à discussão assuntos que de certa forma deveriam estar embutidos na prática dos professores bem como fazer parte do currículo já em desenvolvimento, “[...] o diretor da escola esclareceu a toda a equipe sobre a necessidade de estar trabalhando com os alunos sobre o aniversário do município visto ser no dia 15/08 e muitos sabem do feriado, porém não sabem o real motivo dele [...]”

Diante disso se faz necessário repensar a postura do professor frente às reais mudanças, tendo em vista que a

[...] função do professor não pode mais ser uma difusão dos conhecimentos, que agora é feita de forma mais eficaz por outros meios. Sua competência deve deslocar-se no sentido de incentivar a aprendizagem e o pensamento. O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem etc. (LÉVY, 1999, p; 171).

Não são raras na escola situações como esta, em que o gestor tem de se empenhar para que objetivos comuns sejam efetivados, por meio de uma relação entre direção e membros da escola e tomadas de decisões realizadas de forma que cada um assuma o seu papel no grupo.

Indícios nos mostram que o tipo de liderança exercida pelo gestor fará toda diferença para a comunidade escolar. Liderança centrada em ações de controle e planejamento dificulta a composição de equipes de trabalho e o desenvolvimento de uma proposta coletiva; se, ao contrário, o tipo de liderança exercida é mais voltado para uma cultura de integração e colaboração, criam-se condições para o desenvolvimento de uma “organização aprendente” (VIEIRA 2005).

Percebo que o tipo de liderança exercida pelo gestor acabou por convencer os professores a trabalharem com o sugerido “Depois de alguns questionamentos e sugestões vindas dos gestores da escola, os professores concordaram trabalhar

com o tema no mês de agosto [...]” e que seria importante esse tipo de aprendizagem para os alunos.

Outra percepção é em relação aos questionamentos do gestor feitos aos professores, ao mesmo tempo em que ele dá sugestões, propõe práticas e se dispõe a ajudar no desenvolvimento das propostas.

Situações de resistência tecnológica são comuns no ambiente escolar, principalmente em grupos que estão, de certa forma, acostumados a um tipo de gestão e, de repente, são surpreendidos por outra, como é o caso da escola em questão, que, devido ao processo de remoção ocorrido no último ano, teve que se adaptar à nova equipe gestora.

Muitas vezes resistir é re-existir ao oficial, é recusar o que está instituído, o que é dado como comum, pois na maioria das vezes “[...] o professor não encontra sentido para o seu trabalho nas exigências da instituição, nem respostas para as inquietações nos cursos de formação.” (VARANI, 2005, P.229)

Esse estranhamento e a re-existência são observados no relato em que o gestor propõe que se trabalhe com temas que em suas percepções são importantes e deveriam fazer parte da prática cotidiana dos professores, como havia observado em meu diário de bordo: “O que chamou minha atenção neste dia foi o fato de termos que insistir para que o professor trabalhe o que na minha opinião já faz parte do currículo e do direito do aluno em receber conhecimentos referente ao assunto [...]” Vejo aqui que o gestor proporcionou aos professores um momento de reflexão sobre a prática, e mais, ofereceu oportunidades para o desenvolvimento de novas práticas diante do contexto em que a escola estava imersa naquela época do ano, em que ocorriam as festividades em comemoração do aniversário do município.

Aprendizagens significativas emergem quando se tem algo concreto a ser trabalhado com os alunos, e à escola mais do que nunca cabe esse papel, valendo-se de que “[...] não é possível pensar na escola senão a partir de um determinado contexto social do qual ela se nutre e para o qual ela forma as pessoas. Portanto, pensar na escola independente dessa circunstância é totalmente improdutivo” (ALONSO, 2007, p 27).

Outro ponto que merece destaque é que o gestor traz orientações quanto ao acesso de um site e das possibilidades de exploração dele

[...] orientei a orientadora pedagógica para que os professores explorassem o site do município www.sorocaba.sp.gov.br, onde contem um link que dá acesso ao portal www.cidadeinterativa3d.sorocaba.sp.gov.br, pois o mesmo é riquíssimo em informações sobre a cidade de Sorocaba e poderá ser trabalhado com os alunos [...]. (FERRAZ, 2012-2013).

O que o gestor propõe é que os professores através do site tenham acesso às inúmeras possibilidades que a internet poderá propiciar, pois “por meio da Internet o homem abre uma enorme ‘janela’ para o mundo, através da qual conhece pessoas, realidades, experiências, conhecimentos absolutamente intangíveis em outras condições” (OLIVEIRA et al, 2007, p.1415).

Além disso, esclarece que,

A Internet permite recursos que facilitam a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Mais que a tecnologia, o que facilita o processo de ensino-aprendizagem é a capacidade de comunicação autêntica do professor a inserção da tecnologia no processo educativo, ressignificada como um meio através do qual os indivíduos constroem relações e conexões entre as suas experiências e os fenômenos concretos do mundo (p. 1421).

O gestor mostra ter conhecimento, mais do que uma simples convicção, de que acessando o site, o professor poderá ter acesso a informações que o ajudarão no trabalho com os alunos. Mostra-se bem informado quanto a questões relacionadas à interatividade e o quanto isso pode vir a contribuir para o trabalho do professor e ajudar no conhecimento dos alunos “[...] pois sei que isto poderá auxiliar os professores e trazer muitos conhecimentos aos alunos de forma prazerosa e interativa [...]”.

É possível perceber que a internet traz muitas possibilidades de acesso às informações e ao conhecimento de uma forma diferente daquela à qual os professores estão acostumados, em sala de aula, pois quando o aluno está navegando na internet, ele tem diversas fontes de informação, através de textos escritos, imagens e vídeos, podendo fazer uso de diferentes linguagens, como a escrita, a oral, a visual e a audiovisual.

Ao analisar a questão, remeto-me a atual situação em que algumas escolas encontram-se, onde “[...] grande parte dos conteúdos didáticos está sendo preparada pelos professores, em formato digital e nesta mesma medida, muitos alunos têm preferido os materiais didáticos digitalizados e disponibilizados em ambientes virtuais na web, via e-mail ou em CDs” (GOMES, 2007, p. 3).

Vejo frequentemente os professores no dia-a-dia, utilizando cada vez mais recursos como o data show, a lousa digital, explorando as possibilidades do computador, criando blogs, home pages ou comunidades virtuais de aprendizagem, e há indícios de que essas práticas sejam cada vez efetivadas na educação, propiciando maior diversidade de propostas e interatividade.

Muito se ouve que à escola, além das atribuições históricas e sociais já atribuídas a ela, cabe a incumbência da inclusão digital dos alunos e não há como se eximir disso diante das transformações que estão acontecendo aos nossos olhos, tanto no nível de educação quanto no nível de sociedade.

Se com a inclusão digital o que se pretende é incluir o/a aluno/a num novo mundo onde seja capaz de aprender os diversos tipos de letramentos disponíveis, então me apego na definição de que “o letramento está mudando de objetivo e nós temos que preparar os alunos para o futuro deles e não para o nosso passado.” (Warschauer, 2003, apud GOMES, 2007, p.1).

No cotidiano escolar se ouve muito frases como essas: “no meu tempo era diferente”; “os alunos de hoje não são os mesmos”; “quando eu comecei dar aula era mais fácil”; e assim pode-se constatar que ainda perduram resquícios do passado fortemente impregnados nas pessoas. O contexto atual com certeza é outro, sem dúvida alguma os alunos mudaram, o mundo mudou, a sociedade se transformou, e tudo isso exige novas formas de se trabalhar na escola e de se preocupar com o futuro, que na certa, será bem diferente do nosso.

Segundo Gadotti (2003a) atualmente ser professor não é mais fácil nem mais difícil do que algumas décadas atrás. É diferente. Que o papel do professor vem se modificando, transcendendo a essencial tarefa de educar, de ensinar, de conduzir a aprendizagem e, também, a sua própria formação, que tornou permanentemente necessária. (SALES et al, 2012, p. 7)

Gadotti (2003b) nos remete à reflexão de que a escola atual deve estar muito mais comprometida e se aproximar da escola “única popular”, que segundo ele é aquela que não deverá ser confundida com uma escola uniformizada, formadora de cabeças em série; mas deverá ser o local de um sadio pluralismo de ideias, uma escola moderna, alegre, competente, científica, séria, democrática, crítica e comprometida com a mudança, uma escola mobilizadora, centro irradiador da

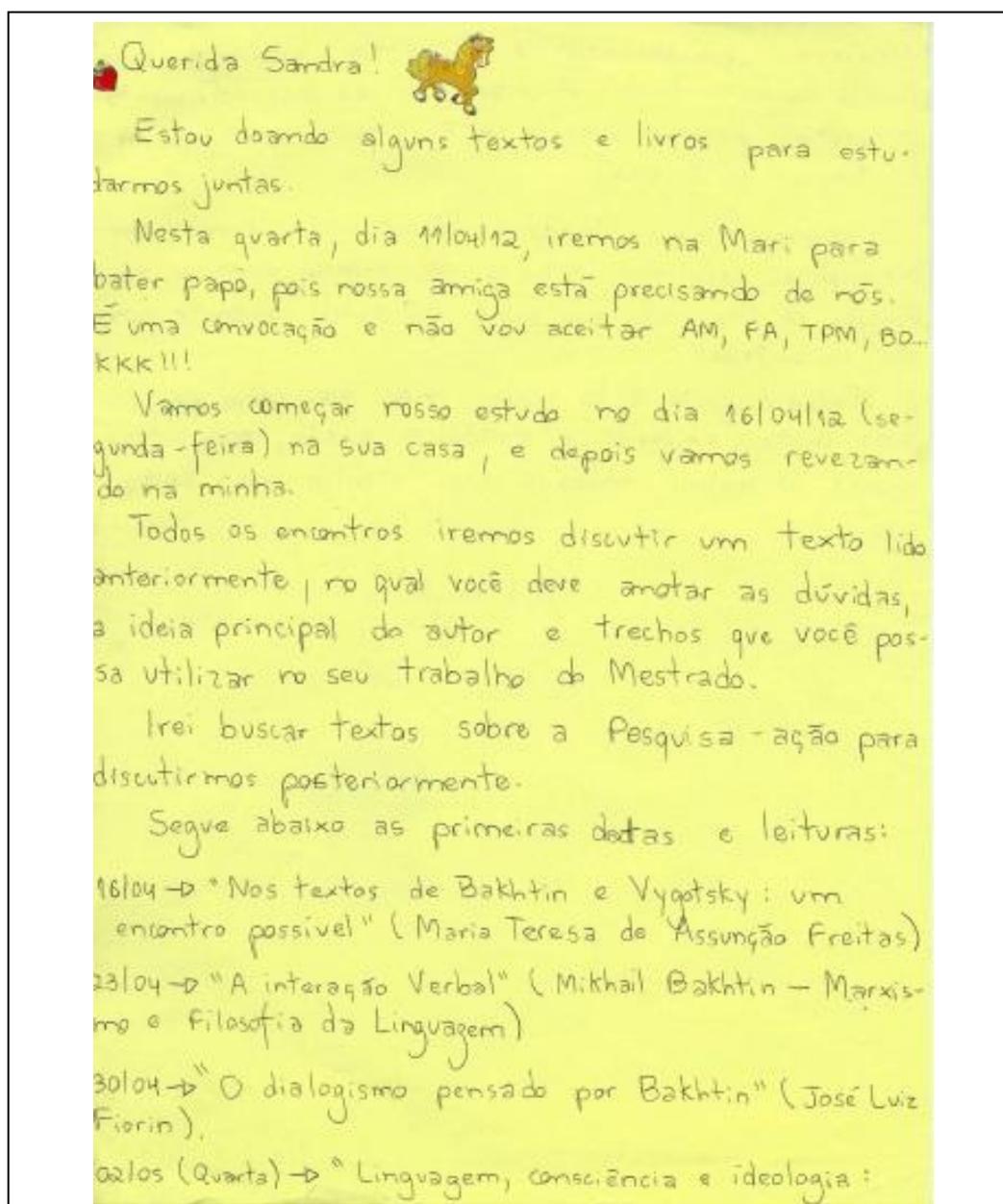
cultura popular, à disposição de toda a comunidade, não para consumi-la, mas para recriá-la.

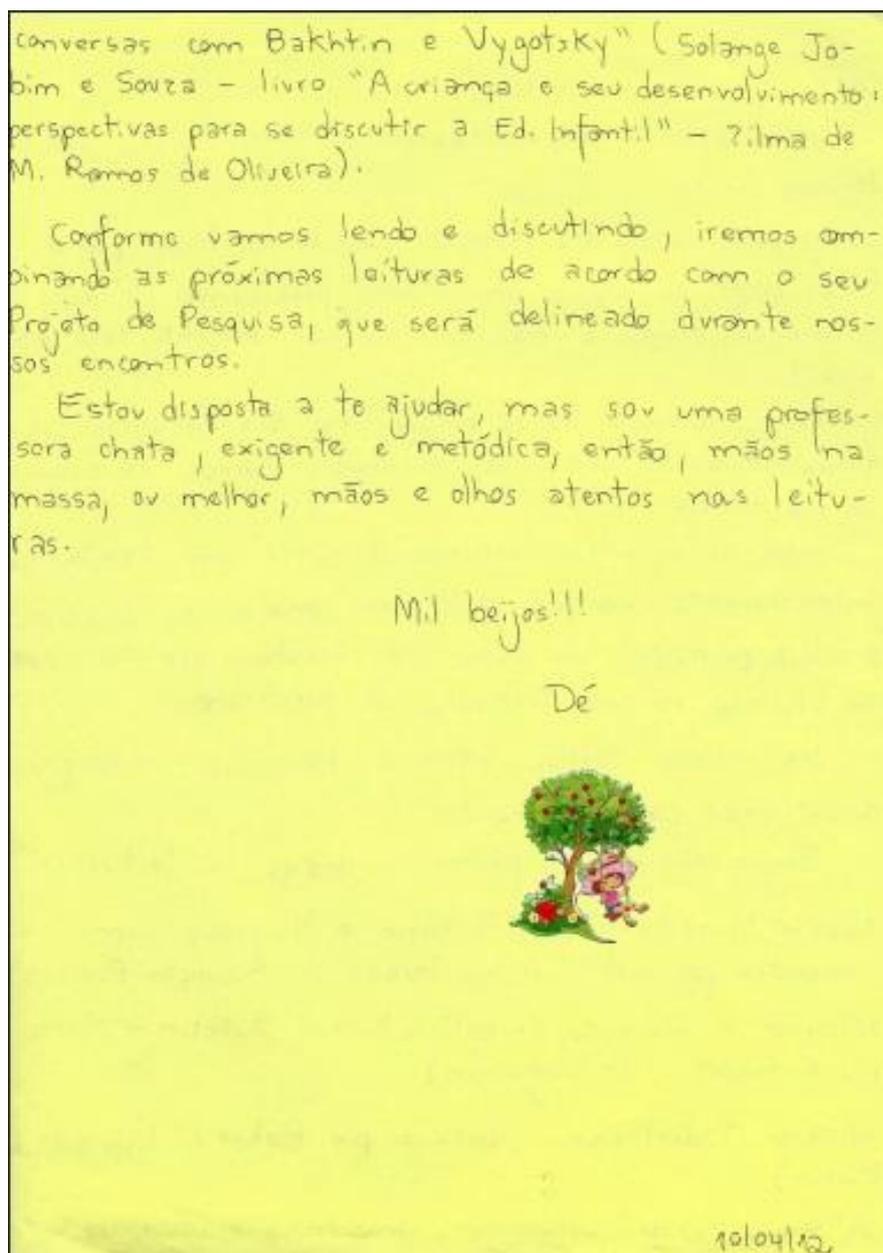
Enfim, faltam-me palavras para concluir as análises de tantos relatos, das riquezas embutidas neles, das possibilidades diversas de mergulharmos nesse mar de histórias vividas e experienciadas e que agora (re) construídas poderão propiciar novas interlocuções e novos (re) dimensionamentos das práticas em questão. Bem sei que utilizar o termo “concluir” não caberia aqui, seria como limitar os infindáveis questionamentos possíveis que desdobraram deles. Não me permito tanta ousadia!

O que é mió no mundo? Nesse mundo o que é mais? O que é mió no mundo? Me diga se for capaz. [...] Será que não é o rádio? Esse bicho falador? Leva e traz a notícia na boca do locutô? Ô será que não vai ser a tá da televisão? Entre pro dentro de casa, num dá nem satisfação, ensinando no programa os caminho da perdição? [...] Ou será que não vai ser o tá do computador? Inventado no estrangeiro que nem praga se ispaiô[...] antoncê escuita seu moço, que agora eu vou dizer, nada di mió terá que saber ler e escrever. Nada de pior conheço do que ser analfabeto, sem saber diferença o errado do que é certo [...] tudo que no mundo existe como acabo de explicá tem a sua serventia não há mesmo o que negar. Resumindo a cantoria que fiz com dedicação, digo com sabedoria, repito como lição, a mió coisa que existe no mundo é a inducação” (Moraes Moreira, Indagações de um analfabeto)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recebi este bilhete da minha amiga Andréia, no dia 10 de abril de 2012, numa terça-feira tumultuada, como geralmente eram todos os dias na escola onde trabalhávamos naquela época. Trocas de desabafos e ideias com a nova gestora (diretora) da escola eram frequentes. A diretora Andréia também se tornou minha amiga e confidente. Ambas, vice-diretora e diretora, encontravam-se no processo de pesquisa do Mestrado. Laços de amizade e parceria foram se firmando entre as gestoras/pesquisadoras, que juntas iniciaram um processo de estudo em busca da desafiante descoberta do Mestrado.





Querida Andréia,

Somente hoje, após um ano, optei por responder ao seu bilhete, na tentativa de construir as “considerações finais” da minha dissertação.

Procurei buscar os significados para a palavra “considerações”, e me deparei com inúmeras possibilidades como: examinar atentamente, pensar, meditar, ter em consideração, dar importância, ter sentimento de respeito... e, acrescento, “por os todos que me ajudaram no percurso da pesquisa”.

Como “finais”, encontrei: o “que está na última parte, que indica a finalidade, derradeiro, desfecho...”, e percebi que este trabalho é apenas o início de infinitas possibilidades.

Apropriei-me deste espaço de interlocução para contar por meio desta resposta os sentimentos, as experiências, os dramas e dilemas do processo da pesquisa, na tentativa de narrar o que sei e o que preciso saber do meu próprio cotidiano.

Sinto não ter conseguido dar conta do primeiro cronograma de leitura traçado carinhosamente por você. Os textos de Bakhtin e Vygotsky foram apresentados a mim por Freitas, Fiorin, Jobim e Souza e outros, e por meio deles pude dar meus primeiros passos no desenvolvimento da pesquisa. Leituras recheadas com jantares, lanches, comilanças e amizade. Mas onde estava a escrita? Os dias iam passando, as intenções eram as melhores, mas tínhamos que traçar nossos caminhos, divergentes em alguns trechos, convergentes nas escolhas e ideais, quase sempre destoantes das verdades e dos caminhos exatos de um trilho. As partilhas e as discussões foram fundamentais para o meu crescimento durante o processo da pesquisa.

Ao reler seu bilhete, me dei conta de que o percurso foi permeado pelos dramas da nossa amiga Mari, assim como pelos desdobramentos de minhas inúmeras facetas de mãe, esposa, amiga, vice-diretora, filha, irmã, pesquisadora...

Percebi que, como Clarice (1999d, p.13), “[...] escrevo como se fosse para salvar a vida de alguém. Provavelmente a minha própria vida [...]”, pois resgatar a minha história e trazer à tona narrativas e possíveis interlocuções, acredito ser uma tentativa de salvar a escola, as relações de ensino, o cotidiano escolar, a minha própria prática.

Compartilhar conceitos de inúmeros autores e dialogar com as narrativas dos gestores levou-me a compreender que todo fenômeno tem sua história e essa história é caracterizada por mudanças quantitativas e qualitativas. Nessa perspectiva, nossos estudos foram criando vida própria e tomando novos caminhos. Percebi que minhas próprias palavras são o resultado da incorporação de palavras alheias. “A palavra do outro se transforma, dialogicamente, para tornar-se **palavra - pessoal - alheia** com a ajuda de **outras palavras do outro [...]**” (BAKHTIN, apud FREITAS, 1995, p.9, grifos meus). ”

A princípio, seguia-se os trilhos da “pesquisa-ação”, e descarrilou-se para os caminhos da “pesquisa narrativa”, na qual se fez ouvir e se deu voz aos participantes, revivendo, recontando e recriando-se no seio de outras vozes.

Constituiu-se, assim, numa narrativa sobre o que venho conseguindo enxergar, do lugar de onde estou sobre os momentos vividos e experienciados nas relações com e entre os muitos sujeitos que constroem o cotidiano de uma escola, razão pela qual a prática dos relatos foi utilizada como um recurso concreto para orientar minhas ações no trabalho e como instrumentos de análises para marcar o meu lugar na pesquisa: o lugar de vice-diretora de uma escola pública municipal de Sorocaba. Mas mesmo diante disso, sinto que não estou escrevendo ainda. Pressinto e queria um linguajar mais fantasioso, com maior arroubo, fazendo espirais no ar (LISPECTOR, 1999d).

“Quando comecei a escrever, que desejava eu atingir? Queria escrever alguma coisa que fosse tranquila e sem modas [...]” (LISPECTOR, 1999a, p. 134), mas devo alertar, em primeiro lugar, que a proposta desta dissertação não foi a de apresentar produto, resultado. O intuito foi contar processo e, obviamente, somente uma possível parte dele.

Ao trazer os inúmeros diálogos desconcertantes das/nas narrativas dos gestores e deixar aflorar os pedacinhos de nada do cotidiano escolar, optei por resguardar as discussões referentes às políticas públicas no âmbito estadual e federal, assim como a concepção de memória e da escrita de si para posteriores pesquisas, sendo que esses representam outros caminhos possíveis e necessários para a (re)discussão desta temática.

Retomando o percurso e as questões iniciais da pesquisa: como o gestor escolar pode modificar a realidade na escola na qual atua e garantir novos modos de participação desses profissionais no processo de ensino e aprendizagem, mediados pelas tecnologias? Como possibilitar aos alunos o acesso e domínio de diferentes linguagens, advindas das mídias e tecnologias? Como integrar essas linguagens (técnicas e especificidades) no processo educativo? De que forma as memórias midiáticas refletem na atuação dos gestores? Quais os impactos do resgate e compreensão das memórias midiáticas no cotidiano escolar?, me atentei para o fato de que não daria conta de buscar todas as respostas, tendo em vista que muitas das transformações almejadas estão relacionadas às condições financeiras, materiais e humanas que não dependem tão somente da atuação dos gestores, sendo que essas viabilizam ou dificultam profundamente a integração das tecnologias nas relações de ensino.

Ao proporcionar os momentos de diálogo e escuta, foi possível exercer o caráter político da pesquisa, dando vez e voz aos gestores para que narrassem os processos marcantes de suas memórias, possibilitando a reflexão sobre o seu fazer profissional. Segundo Nóvoa (2001), esse processo de formação é um momento de escuta dos outros, durante o qual se ouvem coisas novas de colegas mais jovens ou mais experientes; experiências novas que podem, assim, ser partilhadas; é um espaço de mobilização da experiência que considera os conhecimentos já construídos e socializados na troca de suas memórias e experiências com seus colegas, na reflexão sobre a prática e na própria ação, e que agora tem a possibilidade de serem (re)construídos sob um novo olhar e com novos sentidos e significados.

Ao resgatar as memórias midiáticas dos participantes, e as minhas, fui percebendo que nossa constituição enquanto sujeito, seja pessoal ou profissional, é fruto dessa interação social, cultural e histórica que desfrutamos no transcorrer das relações humanas. Também percebi que nossas experiências com as tecnologias, ou a ausência dessas, estão refletidas em nossas práticas, mas isso não significa que apenas reproduzimos o que já experienciamos, nem tão pouco determinam os modos de fazer e agir dos gestores no cotidiano escolar, pois nossas ações estão sempre em movimento, num processo de (re)construção e (re)dimensionamento constantes de nossas práticas.

Dessa forma, “[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho [...] (BOSI apud HONÓRIO FILHO, 2011, p.193)”.

E para “não” concluir, hoje mais do que antes, reconheço que estou num processo constante de procura por respostas que emergiram deste processo de pesquisa que por ora finalizo, mas que de certa forma, encontra-se inacabado, aberto aos inúmeros diálogos possíveis e às infinitas possibilidades de interlocução.

Estou à procura de um livro para ler. É um livro todo especial. Eu o imagino como um rosto sem traços, não lhe sei o nome nem o autor. Quem sabe, às vezes penso que estou à procura de um livro que eu mesma escreveria. Não sei. Mas faço tantas fantasias a respeito desse livro desconhecido e já tão profundamente amado. Uma das fantasias é assim: Eu o estaria lendo e de súbito, uma frase lida, com lágrimas nos olhos diria em êxtase de dor e de enfim libertação: Mas é que eu não sabia que se pode tudo, meu Deus! (Clarice Lispector, 1999a, p. 233).

Se o que eu escrevi é tudo, não sei. O que sei é do imenso desejo de continuar a escrever. Dar continuidade ao jogo das palavras de tantos que me ajudaram a construir as minhas. No começo o medo me consumia, afinal, queria escrever de forma convincente e cheia de boniteza. Pensei que a pesquisa iria trazer respostas aos meus questionamentos. Ledo engano! Havia me esquecido da minha forma inacabada de ser e da minha incompletude. Hoje me recuso a colocar ponto final, mesmo que assim o tenha que fazer. Na verdade, devo colocar inúmeros pontos de interrogações ou reticências... Se vou continuar a escrever, não sei, afinal, são tantos outros dilemas que tenho adiante, tantos desafios que me movem, tantos questionamentos borbulhantes em meu íntimo, que me perco em dúvidas que me consomem e certezas que ficaram num passado vivente, por aquela que fui antes de ingressar na academia. Se me fosse possível fazer uma retrospectiva de toda essa trajetória, na certa viveria tudo de novo. Narraria novas histórias, reconstruiria novos olhares e me permitiria deleitar diante de perspectivas enlouquecedoras. Enfim, foi bom o tempo suficiente para dar conta de tantos papéis e construir o que foi surpreendente a mim mesma, me superei, não sabia que era capaz. Também não sabia que se pode tudo, meu Deus!

Mil beijos!!!

Sandra

Vida, experiência, aprendizagem não se podem separar.
Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos.
(J. Dewey, 1980)

REFERÊNCIAS

- ABREU, C. F. Sargento Garcia. In: RUFFATO, L. **Entre nós**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 221-240.
- ALMEIDA, M. E. B. de. Tecnologias na educação, formação de educadores e recursividade entre teoria e prática: trajetória do programa de pós-graduação em educação e currículo. **E-Curriculum**, v.1, n.1, dez. - jul. 2005-2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/3165/2095>>. Acesso em: 10 jun. 2011
- ALMEIDA, M.E.B. de ; ALONSO, M. (Orgs.). **Tecnologias na Formação e na Gestão Escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007, p. 13-19.
- ALMEIDA, M.E.B. de. O sentido do uso de tecnologias na “voz” dos gestores das escolas. In: ALMEIDA, M.E.B. de ; ALONSO, M. (Orgs.). **Tecnologias na Formação e na Gestão Escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007, p. 35-51.
- ALONSO, M. Formação de Gestores Escolares: um campo de pesquisa a ser explorado. In: ALMEIDA, M.E.B. de; ALONSO, M. (Orgs.). **Tecnologias na Formação e na Gestão Escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007, p. 21-34.
- ALVES, N. História do professor interfere no uso que faz da tecnologia. **Jornal do Brasil**. 18/03/2001. Entrevista. Disponível em: <<http://www.adorofisica.com.br/tecnologia.html>>. Acesso em: 02 abr. 2012.
- ALVES, R. **Variações sobre o prazer**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- ANDRADE, M. das G. F. **Da escrita de si à escrita fora de si: uma leitura de Objeto gritante e Água Viva de Clarice Lispector**. 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e a Filosofia da linguagem**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BARBERO, J. M. Heredando el Futuro. Pensar la Educación desde la Comunicación. In: **Nómadas**, Bogotá, septiembre de 1996, n. 5, p. 10-22. Disponível em: <<http://midiasnaeducacao-joanirse.blogspot.com.br/2008/12/simples-introduo-dos-meios-e-das.html>>. Acesso em: 15 ago. 2012.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. 7. ed. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232
- BONILLA, M. H. S. Inclusão digital nas escolas. Disponível em: <http://www.moodle.ufba.br/file.php/10061/GEAC_ID/artigo_bonilla_mesa_inclusao_digital.pdf> Acesso em 20 jun. 2011.

- CAMARGO, A. R. O. **Diário de Bordo**: anotações pessoais referentes às atividades com o uso das mídias e tecnologias. Período 2011-2012. (não publicado).
- CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CERTEAU, M. Teoria e Método no Estudo das Práticas Cotidianas. In: SZMRECSANYI, Maria Irene (org.) **Anais do Encontro Cotidiano, Cultura Popular e Planejamento Urbano**. São Paulo: FAU/USP, 1985.
- CITELLI, A. **Comunicação e educação**: a linguagem em movimento. 3. ed.. São Paulo: SENAC, 2000.
- CLANDININ, D. J.; CONNELLY F. M. **Pesquisa narrativa experiência e história em pesquisa qualitativa**. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, 2011.
- COSCARELLI, C. V. **Leitura de hipertextos**. In: Anais do Encontro Nacional sobre Hipertexto (CD Rom). Recife: UFPE. Outubro de 2005.
- CUNHA, R. da. **Análise da prática de utilização dos laboratórios de informática do Proinfo, com ênfase na questão ambiental, na escola pública**: E.E. Capitão Joel Miranda (Santa Ernestina/SP). Dissertação (Mestrado em Mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente) - Centro Universitário de Araraquara, UNIARA, Araraquara, 2008.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Introdução**: Rizoma. Texto extraído de Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia) v.. 1. Rio de Janeiro: Ed 34, 1995. Disponível em: <http://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Rizoma-Deleuze_Guattari.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2012.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.1 .São Paulo: Ed. 34, 2004.
- DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. São Paulo: Paulus, 2008.
- DEWEY, J. **Experiência e natureza**; Lógica: a teoria da investigação; A arte como experiência; Vida e educação; Teoria da vida moral. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- DOLABELA, F. **Pedagogia empreendedora**: o ensino do empreendedorismo na educação básica, voltado para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Cultura, 2003.
- EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1989.
- FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade**: um projeto em parceria. São Paulo: Loyola, 1991.
- FERRAZ, S. A. C. de. **Diário de Bordo**: anotações pessoais referentes às atividades com o uso das mídias e tecnologias. Período 2012-2013. (não publicado).
- FERREIRO, E. O mundo digital e o anúncio do fim do espaço institucional escolar. **Revista Pátio**, ano 4, n.16, p. 9-12, fev/abril 2001
- FISCHER, R. M. B. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista brasileira de educação**. n. 20, p. 83-94, mai/jun/jul/ago, 2002.

- FISCHER, R. M. B. **Televisão & educação fruir e pensar a TV**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FISCHER, R. M. B. **Televisão & Educação: fruir e pensar a TV**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- FONTE, M. B. **Tecnologia na escola e formação de gestores**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2004.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1996.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- FREIRE, P. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991, p. 58.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, P. Entrevista ao Museu da Pessoa - **Encarte do Museu da Pessoa**, 1992.
- FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, n.116, p.21-39, jul. 2002.
- FREITAS, M. T. A. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: Freitas, M. T. et al. (Orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. 2 ed. São Paulo: Cortez, p. 26-38, 2007.
- FREITAS, M. T. A. **Memórias de professoras: história e histórias**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2000.
- FREITAS, M. T. A. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível – In: **Dialogismo: 100 anos de Bakhtin**. Campinas: Unicamp (no prelo)
- FREITAS, M. T. A; RAMOS, B. S. (Orgs.). **Fazer pesquisa na abordagem histórico cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora: UFJF, 2010.
- GADOTTI, M. **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido**. Rio Grande do Sul: Feevale, 2003a.
- GADOTTI, M. **Escola cidadã**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2003b.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Líber livro, 2005.
- GOMES, L. F. **Hipertexto no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2011.
- GOMES, L. F. **Hipertextos multimodais: leitura e escrita na era digital**. São Paulo: Paco Editorial, 2010.
- GOMES, L. F. Letramento de professores universitários para usos da escrita em contexto pedagógico digital: algumas reflexões. **Revista Digital CROP**, FFLCH/USP, n. 12, p. 120-144, 2007
- HARGREAVES, A. **O ensino na sociedade do conhecimento: educação na era da insegurança**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- HERNANDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HESSEL, A. M. D. G.; ABAR, C. A. A. P. E agora gestor? O que fazer com as informações? In: ALMEIDA, M. E. B; ALONSO, M (Orgs.). **Tecnologias na formação e na gestão escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007. p. 67-83.

HONÓRIO FILHO, W. **Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor**. Educação, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 189-197, maio/ago. 2011.

JOSSO, M. C. **Da formação do sujeito... ao sujeito da formação**. In: _____. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, M. C. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, E.C., ABRAHÃO, M. H. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

KENSKI, V. M. Memória e Ensino. **Cadernos de pesquisa**, n. 90, p.45-51, agosto 1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/793.pdf>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

KENSKI, V. M. V. M. Futuros nas Relações entre Novas Educações e Tecnologias. In: SILVA, Aida Maria Monteiro (org.) et al. **Políticas Educacionais, tecnologias e formação do educador: repercussões sobre a didática e as práticas de ensino**. Recife: Endipe, 2006, p. 213-25.

LEMOS, A.; Cunha, P. (Orgs.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?** Novas exigências educacionais e profissão docente. 7. ed. – São Paulo: Cortez, 2003. Coleção Questões da Nossa Época; vol. 67.

LIPOVETSKY, G.; CHARLES, S. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LISPECTOR, C. **A descoberta do mundo**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999a.

LISPECTOR, C. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

LISPECTOR, C. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

LISPECTOR, C. **Como nasceram as estrelas**. 3. ed, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999c.

LISPECTOR, C. **Um sopro de vida (Pulsações)**. Rio de Janeiro, Rocco, 1999d.

MAINARDES, J.; MARCONDES, M. I. Entrevista com Stephen J. Ball: um diálogo sobre justiça social, pesquisa e política educacional. **Revista Educ. Soc.**, Campinas, vol. 30, n.106, p. 303-18, jan./abr. 2009.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: _____. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, L. A. **Hipertexto e gêneros digitais novas formas de construção de sentido** (UFPE). Editora Lucerna, Rio de Janeiro, 2005.

MELLO, D. M. **Histórias de subversão do currículo, conflitos e resistências: buscando espaço para a formação do professor na aula de língua inglesa do curso de letras**. Tese (Doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) LAEL/PUC/SP, São Paulo. 2004.

MELLO, D. M. **Viajando pelo interior de um ser chamado professor**. Dissertação (Mestrado em linguística aplicada e estudos da linguagem) – LAEL/PUC-SP, São Paulo, 1999.

MOREIRA, Moraes. **Indagações de um analfabeto**. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/moraes-moreira/indagacoes-de-um-analfabeto.html>>. Acesso em: 25 fev. 2013

MORIN, E. **A cabeça bem feita**. 9. ed.. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

NAKASHIMA, R. H. R.; AMARAL, S. F. do. A linguagem audiovisual da lousa digital interativa no contexto educacional. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v.8, n.1, p. 33-48, dez. 2006. – ISSN: 1676-2592. Disponível em <<http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2133>>. Acesso em: novembro 2012.

NARRADORES DE JAVÉ. Direção de Eliane Caffé; roteiro de Eliane Caffé e Luiz Alberto de Abreu, produção de Vânia Catani. Rio Filme, 2003, 1 DVD.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia**. São Paulo: Cia da Letras, 2007.

NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: _____. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

NÓVOA, A. O professor pesquisador e reflexivo. **Salto para o futuro**. 13 de setembro de 2001. Entrevista. Disponível em: <http://www.tvbrasil.org.br/saltoparaofuturo/entrevista.asp?cod_Entrevista=59>. Acesso em: 20 maio, 2012.

NÓVOA, A. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

NÓVOA, A. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **História e histórias de vida: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

NÓVOA, A. **Vidas de professores**. Porto, Porto Editora, 1993.

NUNES, L. C. ; AMIN, B. M. V.; GUIMARÃES, M. S. M.; GARFINKEL, M. Narrativas de práticas bem sucedidas com tecnologias da informação e comunicação: com a palavra os professores do ensino fundamental. **Revista Educação**, v. 31 - n. 1, p. 81-100, Santa Maria, 2006.

OLIVEIRA, E. da S. G. De, et al. Aprendizagem mediada por ferramentas de interação: análise do discurso de professores em um curso de formação continuada a distância. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 28, n.101, p. 1413-34, 2007.

- OLIVEIRA, J. P. G. **Formação do (a) gestor (a) escolar com desempenho profissional na educação básica**. 2012. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/iberoamericano2012/Trabalhos/JosePedroGarciaOliveira_res_int_GT8.pdf>. Acesso em: 06 jan.2013.
- PALÁCIO, P. P. G; DUARTE, R. de A. A.; D'AGUA, S. V. N. de L. Formação do supervisor de ensino para a docência: trabalho de monitoria no projeto gestão escolar e tecnologias. In: ALMEIDA, M. E. B; ALONSO, M (Orgs.). **Tecnologias na formação e na gestão escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007, p.101-16.
- PINO, A. **As marcas do humano**: as origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.
- PLACCO, V. M. N. S.; ALMEIDA, L. R. (Orgs.). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola**. São Paulo: Loyola, 2008.
- PORTELLI, A. O momento da minha vida: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa et al. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.
- PRADO, G. do V. T. Brevíssima construção de um Tema de diálogo: sobre narrativas pedagógicas. In: **SEMINÁRIO FALA OUTRA ESCOLA: Carregando Sonhos 5**, 2010. Disponível em <<http://www.fe.unicamp.br/falaoutraescola/VFala-LivroTextos-dig.pdf>>. Acesso em 02/02/2013.
- REGO, T. C. **A origem da singularidade do ser humano**. Análise das hipóteses de educadores à luz da perspectiva de Vygotsky, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 18. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- REICHMANN, C. L. Professora-em-construção: reflexões sobre diários de aprendizagem e formação docente. **Signum** - Estudos da Linguagem, Paraíba, v. 10, n. 1, p, 109-126, jul. 2007.
- ROCHA, M. L.; SANTOS, L. A. Trabalho em equipe na formação de educadores. In: ALMEIDA, M. E. B; ALONSO, M (Orgs.). **Tecnologias na formação e na gestão escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007, p. 117-32.
- ROMÃO, J. E.; PADILHA, P. R. Diretores Escolares e Gestão Democrática da Escola. IN: GADOTTI, M.; ROMÃO, J.E. (Orgs.). **Autonomia da Escola**: princípios e propostas. São Paulo: Cortez, 1997. p. 91-102.
- ROSE, N. Inventando nossos eus. In: SILVA, T. T. (Org) **Nunca fomos humanos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 137-204.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al (Orgs.) **Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano**. São Paulo: Artmed, 2004.
- ROSSETTI-FERREIRA, M. C. et al. Desafios metodológicos na perspectiva da rede de significações. **Cad. Pesqui.**, São Paulo v.38 n. 133, p. 147-70, jan/abril 2008.
- SALES, A. de L. R., et al. Memórias e narrações na perspectiva benjaminiana. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL POLÍTICAS DE LA MEMÓRIA, 3, 2012. Disponível em: <http://www.derhuman.jus.gov.ar/conti/2010/10/mesa-03/sales_leal_padillha_lopes_mesa_3.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2012.

- SANTAELLA, L. **Navegar no Ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus, 2004.
- SANTOS, B de S.. **Um discurso sobre as ciências**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, C. R. **A gestão Educacional e Escolar para a Modernidade**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.
- SANTOS, Margarida. Como tenho me tornado professora? In: VASCONCELOS, G. A. N. **Como me fiz professora**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- SILVA, J. M. M. da. Pesquisa e ensino no trabalho com narrativas. **Revista @ambienteeducação**, São Paulo, v. 1, n. 1, jan/julho 2008.
- SIQUEIRA, E. **2015**. Como viveremos. São Paulo: Saraiva, 2004.
- SMOLKA, A. L. B.; LAPLANE, A. L. F. de. Experiência e discurso como lugares de memória: a escola e a produção de lugares comuns. **Pro-Posições**, v.17, n. 2 (50), p. 99-118, 2006.
- SMOLKA, A. L. B.; LAPLANE, A. L. F. de. **O trabalho em sala de aula: teorias para quê?** **Cadernos ESE**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 79-82, 1994.
- SNYDER, I. Antes, agora, adiante: hipertexto, letramento e mudança. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.26, n.03, p.255-282, dez. 2010
- SOARES, I. de O. Comunicação/Educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais. **Contato**, Brasília, ano 1, n. 1, jan/mar 1999.
- SOARES, I. de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SOROCABA. **Lei Municipal n. 8.119, de 2007**. Estabelece o quadro e o plano de carreira do magistério público municipal de Sorocaba.
- TERÇARIOL, A. A. de L.; SIDERICOUDES, O. Potencializando o uso de tecnologias na escola: o papel do gestor. In: ALMEIDA, M. E. B; ALONSO, M (Orgs.). **Tecnologias na formação e na gestão escolar**. São Paulo: Avercamp, 2007, p. 50-65.
- TERUYA, T. K.; MORAES, R. de A. **Política de informática na educação e a formação de professores** - Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario8/_files/OvwtrQCR.pdf> Acesso em: 09 ago. 2012.
- THOREAU, H. D. **Walden ou a vida nos bosques e a desobediência civil**. 6. ed. São Paulo: Aquariana, 2001.
- VARANI, A. **Da constituição do trabalho docente coletivo: re-existência docente na descontinuidade das políticas educacionais**. Tese (Doutorado em Educação, Avaliação e Formação de Professores). Unicamp. Campinas, 2005.
- VECINA, R. do M. **Múltiplas possibilidades: a internalização de práticas discursivo-socias por dois pares de irmãos gêmeos**. Dissertação (Mestrado em Educação) – área de Concentração: Psicologia da Educação. Faculdade de educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

VIEIRA, A. T. et al. **A concepção de gestão e a melhoria da escola**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação - Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2005.

VIEIRA, A. T. et al. **Gestão Educacional e tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **Manuscrito de 1929**. Educação & Sociedade, ano 21, n.71, jul. 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Continuação

QUAIS TECNOLOGIAS OS PROFESSORES DA SUA UNIDADE ESCOLAR UTILIZAM COM FREQUÊNCIA EM SUAS PRÁTICAS EDUCATIVAS ?

TV () DVD () DATASHOW () COMPUTADOR () FILMADORA ()
CAMERA DIGITAL () RÁDIO () LOUSA DIGITAL ()
OUTRAS: _____

O QUE VOCÊ CONSIDERA TER SIDO O GRANDE MOTIVADOR PARA SUA ESCOLHA PROFISSIONAL (TORNAR-SE PROFESSOR)?

RELATE ALGUMA EXPERIÊNCIA QUE VOCÊ VIVENCIOU ENQUANTO PROFESSOR/GESTOR, RELACIONADO AO USO DAS TECNOLOGIAS. DESCREVA OS FATORES QUE CONTRIBUÍRAM/FACILITARAM A UTILIZAÇÃO, COMO TAMBÉM AQUELES QUE DIFICULTARAM/IMPOSSIBILITARAM DE ALGUMA FORMA A ATIVIDADE PROGRAMADA, OU QUE NÃO TENHA ATINGIDO AS EXPECTATIVAS PLANEJADAS:

EM DIVERSOS TEXTOS DE VÁRIOS EDUCADORES OU MESMO DE OUTROS ESTUDIOSOS PODEMOS ENCONTRAR AFIRMAÇÕES DIZENDO QUE O **GESTOR ESCOLAR PODE SER CONSIDERADO UM MEDIADOR NO ACESSO, DOMÍNIO, PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE PRODUÇÕES MUDIÁTICAS, ASSIM COMO NA UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS NO AMBIENTE ESCOLAR.**

QUANTO À AFIRMAÇÃO ACIMA, ASSINALE A(S) ALTERNATIVA(S) QUE VOCÊ ENQUANTO GESTOR CONSIDERA MAIS RELEVANTE. PODE ASSINALAR MAIS DE UMA ALTERNATIVA.

() OS PROFESSORES SEMPRE ME PROCURAM PARA AUXILIÁ-LOS TÉCNICAMENTE NO USO DAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA (LIGAR, DESLIGAR, INSTALAR, ETC);

() ÀS VEZES SOU PROCURADO PARA TIRAR ALGUMAS DÚVIDAS DOS PROFESSORES QUANTO AO USO PEDAGÓGICO DAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA;

() PARTICIPO DO DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES NA SALA DE AULA, APOIANDO O PROFESSOR;

() NUNCA FUI SOLICITADO PARA AUXILIAR OS PROFESSORES TÉCNICAMENTE;

() NUNCA FUI SOLICITADO PARA AUXILIAR OS PROFESSORES PEDAGOGICAMENTE;

() NÃO PARTICIPO/NUNCA PARTICIPEI DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS PROFESSORES NA SALA DE AULA;

() NÃO ME CONSIDERO UM MEDIADOR COMO CITADO NA AFIRMAÇÃO.

RELATE SOBRE SUA(S) RESPOSTA(S):

Continua

Continuação

<p>AO REFLETIR SOBRE A PRÁTICA PEDAGÓGICA QUE VOCÊ DESENVOLVE ATUALMENTE, VOCÊ REPRODUZ ALGUMA PRÁTICA VIVENCIADA COMO ALUNO(A), E/OU REPRODUZ ALGUMA ATITUDE/POSTURA DE UM PROFESSOR(A) QUE DE ALGUMA FORMA SE TORNOU MARCANTE PARA VOCÊ?</p> <p>() SIM () NÃO</p> <p>RELATE:</p>
<p>QUAL É A DIFICULDADE QUE VOCÊ PERCEBE NOS PROFESSORES DE SUA UNIDADE ESCOLAR QUANTO AO USO DAS TECNOLOGIAS EM SUAS PRÁTICAS?</p> <p>() DIFICULDADE TÉCNICA () DIFICULDADE PEDAGÓGICA</p>
<p>VOCÊ RECORDA-SE DE ALGUM PROFESSOR, QUE NA SUA ÉPOCA DE ALUNO, FAZIA USO DE ALGUMA PRÁTICA PEDAGÓGICA DIFERENCIADA, ENVOLVENDO AS TICs (TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO)?</p> <p>() SIM () NÃO</p> <p>QUAL(IS).....</p>
<p>ENQUANTO ALUNO, QUAIS TECNOLOGIAS QUE VOCÊ RECORDA QUE SEUS PROFESSORES UTILIZARAM E QUE POSSIVELMENTE VEIO AUXILIAR SUA APRENDIZAGEM, IMPULSIONANDO O SEU DESENVOLVIMENTO?</p> <p>() JORNAIS IMPRESSOS () REVISTAS () FOTOGRAFIAS () FILMES () COMPUTADOR () DVD () RÁDIO () OUTRAS:_____</p> <p>() NENHUMA</p>
<p>VOCÊ TEVE ALGUM PROFESSOR(A) QUE DEIXOU MARCAS SIGNIFICATIVAS NA SUA VIDA, A PONTO DE NUNCA ESQUECÊ-LO. RECORDA-SE DELE(A), DE SUAS AULAS E PRÁTICAS COTIDIANAS, MANTENDO LEMBRANÇAS (BOAS OU RUINS) ATÉ NOS DIAS DE HOJE? (NÃO É NECESSÁRIO ESTAR RELACIONADO ÀS TECNOLOGIAS)</p> <p>() SIM () NÃO () POR QUÊ? RELATE A LEMBRANÇA:</p>
<p>RELATE ALGUMA EXPERIÊNCIA QUE VOCÊ VIVÊNCIOU NA INFÂNCIA, RELACIONADA ÀS TECNOLOGIAS NA ESCOLA OU MESMO NA FAMÍLIA. SE NA ESCOLA DESCREVA COMO FOI UTILIZADA PELO/A PROFESSOR/A, RELATE OS DEMAIS APONTAMENTOS QUE JULGAR NECESSÁRIO:</p>

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DOS DIÁLOGOS - GRUPO FOCAL

Mediadora: Só para dar uma explicadinha no que significa o Grupo Focal, o Grupo Focal foi a nossa referência bibliográfica. Quanto ao Grupo Focal, tem várias pessoas que escrevem sobre ele, como a Bernadete Gatti, onde a proposta é a gente fazer um grupo de conversa mesmo, de troca sobre algum tema que está sendo pesquisado. Mas, é uma discussão aberta: a gente lança alguns questionamentos e vocês vão dialogando, vão narrando conforme o que é colocado, conforme o tema da pesquisa. Então não é nada assim perguntas fechadas, com respostas fechadas. É no diálogo e na troca que a gente vai colocando as nossas experiências, ou até mesmo complementando com a ideia do outro, pra que desta forma surjam algumas categorias de análise que possam ser aprofundadas na pesquisa. Vou trabalhar a questão da integração das tecnologias na escola, especificamente o papel dos gestores (por isso, este grupo aqui hoje). Trazer as memórias midiáticas – então o que a gente tem enquanto referência na nossa formação de utilização de tecnologias, não só instrumentos tecnológicos no sentido de computadores, internet, mas, desde um jornal, um panfleto a mídia impressa também, tudo o que a mídia contempla. A gente vai tentar resgatar essas nossas memórias midiáticas pra ver se elas interferem ou não na nossa atuação enquanto gestores. Pra ver se a gente traz isso forte ou, se não traz, por que não traz, e então tentar refletir coletivamente dentro do Grupo Focal essas questões, tá bom? Então vamos lá. Pra começar, a gente gostaria que vocês tentassem lembrar na formação, e pode até ser na formação de pequenos, na escolar mesmo, ou na faculdade, ou na pós, na especialização, tentar lembrar algum fato marcante que tenha o uso de algum instrumento tecnológico, de alguma mídia e que foi marcante pra vocês. Tentar fazer um resgate, primeiro inicial de alguma memória que vocês tenham, de uma memória midiática.

G4: É, eu não tenho assim posso dizer que a minha formação no magistério abordou muito, de maneira muito pontual isso, até porque na época o computador ainda não era o auge mas que eu me lembro de uma experiência que me marcou foi quando eu passei um filme para minhas

colegas de sala – A lista de Schindler – e era com a Antonia, inclusive, época do modernismo, então tinha que abordar a II Guerra Mundial e eu não sei por que mas um assunto que me interessou muito na década de 30 e toda aquela coisa do *crack* lá em Nova York, e aquelas coisas que aconteceram e a I Guerra Mundial me chamou atenção, então eu lembro que eu usei, praticamente assim não precisava disso, era só eu comentar, mas eu gostei tanto do tema que eu quis passar o filme e falar sobre, então foi, praticamente deu uma hora ali passando o filme e interrompendo o filme nesse proceder e pontuando, juntamente com a História. Eu gostei muito, foi uma experiência de que eu não me esqueço porque era uma coisa prazerosa pra mim e, pelo que eu percebi, os outros também gostaram da dinâmica. Foi uma coisa interativa e produtiva.

- G1:** Falando do magistério, eu me lembro do magistério, em relação ao jornal que em cidade pequena (F. – SP) que meu grupo fez um trabalho e foi super bom que a nossa professora era exigente e, enfim, ela acabou colocando no jornal. O jornal se interessou pelo assunto e todo mês nós fazíamos uma colocação e daí a gente tinha que ficar estudando, aí não tinha filme e nada, mas a gente pegava slides – porque era o que tinha – e a escola não tinha outras mídias e a gente levava slides para completar. Então foi um trabalho assim, que rendeu, nossa, foi muito bom. Foi relacionado à infância e cada mês era um tema, foi bem interessante. E aí quando se fala de mídia em minha vida assim, foi o jornal mesmo porque daí entrava a importância de ler o jornal, a importância da leitura na infância, desde quando a criança desde pequena. Então envolveu bastante.
- G5:** Desde a minha infância, o uso das tecnologias já foram bem fortes. Eu lembro das primeiras aulas de informática no laboratório, desde o MS-DOS, aquela tela preta com as letrinhas brancas que a gente começava toda a descoberta do computador, que essa base que a gente teve na escola foi muito forte e daí eu acompanhei todo esse boom então na minha pós, já no final da minha formação aquelas professoras fazendo reflexões trazendo vídeos com imagens, com som, explorando todos os temas das aulas, abrindo as aulas fazendo disso uma dinâmica de aula. Então, a aula de legislação, e a professora trazia vídeos reflexivos, aqueles vídeos que agora

a gente já cansou, mas no início a internet era usada muito assim. Já na graduação já foi forte, já tive bastante mídia na educação, em práticas a gente usava vários instrumentos, lembro muito de uma aula que a gente falava “ai, retroprojeto, imagina ninguém mais usa isso”. Mas uma aluna apresentou um trabalho tão rico, usando o retroprojeto que é uma coisa que a gente tem na escola, que a criançada interagiu com aquilo, fazia seus primeiros slides como se fosse um PowerPoint, a criançada fazia na hora. Já na pós-graduação eu tive Tecnologia da Educação e uma coisa que ficou muito forte foi durante toda a aula e a professora apresentou tudo e nos fez criar um blog e aquilo ficou muito forte pra mim, né? A gente fez o blog, alimentava o blog, visitava os outros blogs, foi uma troca. Foi um jeito de estudar e publicar esse trabalho. Um colega da pós entrava e comentava ali o que você escreveu, essa rede de relações já foi muito importante. Agora, aqui na escola a gente percebe o quanto é importante assim, quando uma professora, hoje a gente tem a lousa digital, tem som disponível o tempo que quiser, tem um acervo de livros grande, tem o Cruzeiro que permeia a escola e que apoia o trabalho do professor com a leitura compartilhada, então a gente percebe o quanto essa professora tem esse olhar pra todos esses recursos e quando ela utiliza, o retorno que dá para as crianças. Quando a gente observa uma aula e vê o planejamento desse uso.

N.I.²⁴: É, mas, tem que utilizar, né?

N.I.: Sim, tem que utilizar.

G1: Porque eu vejo você falando na tua época de faculdade, de informática, na minha época ninguém usava nada, não tinha informática. Mas essa questão do jornal foi uma coisa que partiu da gente porque nas relações, tinha uma pessoa que era dono do jornal, aquela coisa, e que vinculou. Mas nenhum professor nunca foi de usar música nem de usar nada. Aí eu fico pensando: hoje tem, será que eles usam tanto quanto poderiam? Ou se sabem usar? Porque naquela época tinha também: tinha música, tinha jornal, tinha som, tinha rádio, de acordo com a época tinha, por que não usavam?

G3: É, na minha formação, o que foi mais marcante assim, já na minha educação infantil, eu já me lembro da música. A música era muito forte, muito

²⁴ N.I. = não foi possível identificar na gravação de quem é a voz.

presente, e tem músicas que ainda canto para os meus filhos, sempre cantei com os alunos. A da tartaruginha é a que eu mais lembro, da festa no céu. E eu me lembro de estar sentada no chão, a gente tem alguns flashes, né? De estar sentada no chão e de adorar cantar aquela musiquinha, com histórias. Então assim, a música já foi bem marcante na minha educação infantil. E a minha graduação, eu fiz aqui na UNESP de Sorocaba, quando a Prefeitura fez parceria com a UNESP e ela foi semipresencial porque já tinha teleconferências e a gente tinha as discussões, e a gente compartilhava com os outros polos da UNESP. A gente já tinha um laboratório de informática que a gente usava então, já foi bem rica essa formação e quando eu estava lecionando, quando eu entrei na prefeitura, um ano depois, eles ofereceram um curso de Rádio Escola que eu participei e me encantei de vez daí eu já me apropriei e comecei fazer uso na minha sala de aula e até hoje não abandonei. Preciso ver alguma coisa na gestão pra estar pensando, mas é uma coisa que me acompanha e eu não consigo parar. Então foi bem marcante.

G2: Eu fiquei pensando em várias coisas e também acho que desde o início da formação escolar eu tenho tido contato com essa questão de mídias. Eu me lembro assim muito, com saudades e um certo saudosismo forte de quando eu estava na 6ª série, de um professor de Ciências. Ele distribuiu para classe uma série de fichas de animais, com os nomes científicos, com os hábitos, onde viviam, onde não viviam e ele nos dividiu em grupos e toda semana a gente tinha que escolher a ficha dos animais que mais chamavam nossa atenção e a gente tinha que ir nas classes dos mais novinhos, principalmente de 1ª a 4ª séries, pra falar sobre esses animais. A gente usava o episcópio (e inclusive na escola do Estado tem um episcópio só que a lâmpada está queimada, eu até já procurei porque eu acho muito interessante). Então eu já tive contato com essa coisa de ser professor e já tinha certeza de que era isso que eu queria pra minha vida então ficou muito marcado. Mas tem essa questão da música, eu lembro das professoras de literatura trazendo muito as músicas, pra gente fazer a interpretação na sala e eu amava, e uma outra situação que eu gostei muito de participar foi uma proposta de uma professora de Língua Portuguesa que também era um

trabalho em grupo e a nossa turma (da classe) convidou o prefeito, e fizemos uma entrevista com o prefeito na nossa escola. Então acho que foi um dos auges dessa coisa de mídia, fazer um telejornal na escola. Lógico que não fizemos gravação e nada mas o formato usado foi de um telejornal só que daí nós abrimos também para debate depois e foi muito legal porque meu professor de Geografia (e eu sou professor de Geografia por causa dele) fez uma série de perguntas que deixou o prefeito doido, muito boas essas lembranças. Na graduação, eu lembro muito da questão do uso de vídeo para aprofundar os temas e como eu fiz Estudos Sociais depois eu fui pra Geografia, então muita coisa de História e muita coisa ligada à Geografia a gente usava vídeos. Eu lembro muito forte também de uma professora trabalhando o filme *Evita*, sobre a questão da Argentina e foi ótimo. Eu já tinha visto o filme mas, com ela, foi melhor ainda.

Mediadora: Agora, vamos tentar pensar o quanto essas nossas vivências (porque a gente quase não para para essas reflexões) o quanto isso influencia. Porque a proposta é tentar ver até que ponto todo esse resgate, na nossa vivência, utilizando as mídias, o quanto ela vai refletir agora no nosso papel, enquanto gestor. Porque, até pensando na perspectiva assumida que a gente assim na perspectiva histórico-cultural, pensando na constituição nossa histórica, cultural, o quanto isso permeia essas ações, permeia nossa vida profissional, pessoal, por isso cada um é um, mas cada um é um em todo esse movimento histórico, em todo esse movimento cultural nosso. Vamos tentar resgatar e tentar refletir mesmo agora no nosso dia-a-dia, enquanto gestores, o quanto a gente usa ou deixa de usar as mídias, as tecnologias na nossa atuação de gestor e também podemos trazer na atuação de professor, que eu acho também que a gente traz esse resgate enquanto professor também. Até pra gente ver até que ponto foi utilizado ou não e por que foi ou não utilizado. Um bate-papo, tranquilo, tá? Não tem nenhuma sequência, nenhuma ordem.

G1: Cada um foi falando e eu fui lembrando, ela falou de disco e eu lembrava, como quando na época de escola nunca teve muito trabalhando isso, mas em casa, meu pai sempre deu bastante espaço pra isso. Quando eu tava trabalhando como professora, como professora eu percebo assim você

falando que eu realmente eu pegava um pouquinho de cada. Então eu lembro de como eu gostava de trabalhar com projeto, eu sempre fazia questão de colocar a questão do vídeo, a questão da música, colocava livro. Cada hora tinha um momento e era muito forte, até os alunos percebiam isso, porque eu fazia a ligação. E eles falavam, quando eu passava o vídeo sobre tal tema e eles falavam hoje nós vamos trabalhar sobre tal tema com a ela na quadra, mesmo eu sendo de Educação Física. Mas, eram bem interessante assim e eu percebo refletindo, como é forte essa coisa da tua infância, da tua formação em tudo, né? Porque eu não tive na formação mas, imagina, não tive nada do que eu trabalhei como professora na minha formação como professor mas na minha vida pessoal eu tive então, eu carreguei tudo. Porque você vai pegando um pouco aqui, um pouco ali e você vai unindo.

G3: E o quanto é marcante, né?

G1: É, marca porque e é significativo também. Você percebe pro aluno o como é significativo porque você o toca de uma maneira diferente de você ficar falando. Você põe ali uma história, um vídeo, um DVD sobre tal assunto, é diferente de você ficar lá, dando lição de moral, sei lá, falando sobre tal tema. Então é diferente.

G4: É, sobre o rádio na escola, eu lembrei que eu também fiz minha formação na UNESP então pra mim é tão significativo pensar, que eu esqueço um pouco da minha pedagogia que já tinha mesmo a questão das mídias mas era o início mesmo, era o “boom” e então eu acho que eu não me aprofundei. Mas, utilizei, na medida e conforme eu precisava, eu utilizei as mídias. Tanto as videoconferências/ teleconferências, o próprio computador na sala de informática que a gente tinha lá mas, assim, enquanto professora o que eu achei bem interessante também foi o trabalho que eu fiz com o Rádio Vídeo Escola mas eu trabalhei com o Vídeo Escola mas com o Rádio Escola e coincidiu que um, quando chegou, que era sistema de revezamento, a turma da minha sala, era o dia do rádio, daí eu trabalhei a história do rádio com os alunos. Então, nós pegamos todo o percurso histórico pra fazer o programa, eu comprei um cd e um livro do Braguinha (que era um dos precursores do rádio) e trabalhei isso com os alunos assim, com um diálogo entre dois

alunos e eles foram assim contando a história do rádio. A gente colocou música da época, também um pouquinho das marchinhas que era a história do Braguinha e tal então, foi bem legal e significativo pra eles também. E, uma segunda – meu primeiro trabalho assim, com a mídia impressa com as crianças – foi um projeto que a Mari fez, que a gente fez um jornal mural, então a gente dava aula pra uma quarta série (éramos em quatro professoras) e a gente fez um projeto mesmo, envolvendo o jornal, a mídia impressa e foi muito legal assim, bem interessante também.

G5: Enquanto professor, a gente sempre – principalmente puxando a sardinha pro meu lado, da educação infantil, que eu trabalhei muitos anos - a gente sempre procura trazer coisas novas, né? Essa inovação, né? Trazer coisas diferentes pra aula ter cada dia uma surpresa, ainda mais pros menores, porque todo dia é uma surpresa mesmo. Então essa busca, a gente sempre usa um recurso midiático, né? Desde um fantoche que você leva pra sala de aula para contar uma história diferente, um livro que tenha outros recursos, né? Que abra, que chame a atenção, uma música, né? Não que você cante, mas o rádio já traz um outro tipo de interação, as diferentes linguagens. Então, quando a gente fazia a sequência didática, trabalhar com projeto, a gente se preocupava em trazer diversas linguagens e a tecnologia ajuda muito hoje, e tem muita coisa pra trazer. Enquanto gestora, a gente, né? Comecei de gestora, pseudo-gestora, uma coisa que percebo que dá resultado, que as crianças gostam, a gente tem um painel, você falou em jornal mural e eu lembrei do painel, que é uma divulgação do trabalho que eles estão realizando na escola, então desde um passeio que a gente faz, coloca uma foto, escreve um pouquinho de como foi, ou o próprio trabalho deles, uma simples dobradura que eles trabalharam ou uma arte ou uma atividade de matemática, eles se veem ali neste jornalzinho, tem um jornal da escola e acho que é assim uma coisa que eu fico bem em cima pra ver se fica sempre estar bem movimentado para que as crianças verem se os trabalhos deles e a escola também, né? Os pais também quando passam pelo corredor olha teve passeio da oficina que as vezes , né? Uma turma vai outra não vai eles estão sabendo que tem esse movimento. E uma coisa que eu também costumo fazer é nas indicações pro semanário, quando a gente

faz a devolutiva dos semanários tem que acrescentar, porque, por exemplo, a professora está trabalhando um tema de educação ambiental e as vezes ela está ali, ai trouxe as cruzadinhas, trouxe uma atividade escrita mas aí a gente lembrar que tem um vídeo de educação ambiental pra sensibilizar esse assunto, né? Pra sair um pouco da prática tradicional, né? Porque a cruzadinha é um questionário, né? Então a gente sempre faz isso, olha no site do zoológico tem uns vídeos legais, tem aulas prontas em power point, tem material feito por biólogo interessante que da pra gente trazer pra sala de aula, né? Ou tem um livro de poesia que trata esse tema né de outra forma, então eu acho que sempre é nosso papel, a gente indica, a gente mostra outros caminhos, principalmente na oficina do saber pra não ficar uma coisa tão parecida como a sala de aula. Eu acho que é assim, eu acabei de sair da sala de aula pro outro lado e assim uma coisa que incomoda muito né G1, a gente conversa, a gente buscava muito, fazia muito e às vezes você vê a pessoas que ainda... Tá... Mas cada um tem seu tempo né, sua vivencia igual você falou, eu tenho toda essa vivência de tecnologia, tenho uma facilidade com o computador, mas agora a gente vê a dificuldade de pessoas que tem medo até de mexer no computador, eu a minha vida inteira foi então fuça, faça e eu percebo assim por exemplo meus pais assim eu posso clicar aqui e eu falo, vai lá veja como funciona né? Então... Esse perfil da pessoa...

- G1:** Esse perfil da pessoa... Eu nunca fui de ter, mas na hora ali eu queria fazer diferente e eu ia fuçar, nem sei se eu fazia certo, tem essa, você não sabe se está propondo certo, mas você vai mandando ver, entra com tudo. Tem que ir sensibilizando né?
- G3:** Esse é o nosso papel né?
- G2:** Eu tava pensando aqui o quanto isso faz sentido na minha vida enquanto professor, eu usei muito hoje eu até comento muito isso com a Sandra de que hoje eu não consigo mais lidar com algumas coisas por conta do tempo que a gente tem que dedicar aqui né na escola enquanto liderança e a gente acaba deixando, claro que, eu to assim num outro momento enquanto professor, aproveitando alguns conhecimentos que obtive nesses últimos anos de formação do mestrado e agora estudando alguma coisa pro

doutorado, então eu converso muito com os alunos e de vez em quando a gente usa filmes, usa matéria de jornal, de revista, mas assim, eu antes era um professor muito mais dinâmico, muito mais instigante nessa questão de usar recurso, de apresentar e eu não sei e é engraçado e eu tava pensando nisso desde o começo de o quanto eu gosto dessa coisa de ser inovador, de ter uma visão diferenciada das coisas e trazer o diferente pra sala de aula então sempre que eu posso eu uso, mas eu já tive muito essa coisa de jornal mural com os alunos e é dentro da geografia então era muito gostoso de ousar mesmo de criar algumas coisas que eu via que ninguém tava criando e isso é uma coisa que precisava registrar senão vai se perdendo pelo meio do caminho.

G3: O que você acha que mudou G2?

G2: Essa questão do tempo eu acho. Eu falei outro dia pros alunos, que um aluno voltando agora das férias eu comecei a conversar algumas coisas e o aluno falou assim o professor faz uma excursão porque a gente ta no 3 ano do ensino médio e até agora a gente não saiu da escola, eu falei, ai gente eu acho legal, acho que vocês podem cobrar a coordenadora da escola, a direção pra proporcionar isso pra vocês mas eu to numa fase que eu não tenho nem forças pra fazer isso porque a minha vida se resume muito mais em me preocupar com a escola né que eu estou na direção, porque lá sim eu vivo muito mais lá e não tenho tempo pra chegar em casa e ficar ligando pra agendar ônibus, agendar o lugar, ver valores, distribuir e recolher dinheiro entre vocês e tal mesmo porque no 3 ano nós temos 1 aula por semana, então é muito pouco coisa, muito pouco tempo de ver tudo isso. Mas eu acho instigante quando eles têm esses insights e cobram e eu acho que hoje os alunos estão muito mais abertos e tem uma percepção maior porque esses dias veio um ex aluno meu e conversou bastante com a S aqui né, S? O Celso, ele era aluno do supletivo e apesar dele ter algumas dificuldades de aprendizagem ele era um aluno que trazia assim o que estava mais evidente na mídia e na sala de aula e era uma coisa assim de uma oralidade muito boa, né S? E ele é que trazia ele que fazia as melhores perguntas na sala de aula e eu podia trazer o que estava acontecendo mesmo na mídia. Então sempre quando ele me instigava eu acabava

procurando alguns elementos e trazia para a sala de aula, mas hoje a minha relação com a mídia é muito mais pra ter ou pra possibilitar pros alunos uma outra visão de mundo. Eu não estou mais preocupado em passar um filme que esteja dentro do meu conteúdo programático de geografia, mas estou preocupado em que eles vejam alguma obra e a intenção é mesmo do cinema enquanto obra de arte pra que eles possam avançar na visão de mundo que eles tenham e usar, por exemplo, recursos de um filme, a poesia, a música da maneira que eles quiserem. Eu acho que isso é o mais forte o cinema e a arte podem nos trazer. Então eu falo muito de arte pros alunos hoje, minhas aulas são ligadas a uma geografia artística talvez. Agora você falou mal das cruzadinhas eu adoro dar cruzadinhas pra eu ficar mais tranquilo na minha aula (risos). Isso você não vai escrever (risos).

- G3:** Ela falou do semanário e daí ai, eu comecei pegar semanário e assim era um gibizão, é um gibizão de passatempo que corta o coração porque assim você não vê intenção, ainda quando tem intenção, quando você está querendo trabalhar ortografia, quando você está querendo, mas sabe quando você olha é passatempo, passatempo, passatempo, passatempo... É literalmente passar o tempo. Daí corta o coração.
- G2:** Ah, não, mas é, mesmo quando eu passo cruzadinha ela tem a ver com o conteúdo, muito de vez em quando um pouco pra dar uma sossegada porque ai como é bom ver os aqueles alunos doidos pra responder e eu...
- G3:** O problema não é a cruzadinha, é o como se trabalha...
- G1:** Mas tudo é assim, a mesma coisa é a mídia, como vai ser usado.
- G2:** Mas nós só falamos de práticas de professores na escola não falamos enquanto gestor...

Mediadora: Vou separar, aqui nós não falamos enquanto gestores, né?

- G3:** Assim... Só compartilhando, na sala de aula eu me lembro assim desde o comezinho eu comecei a dar aula numa escola particular em 99 e na escola não tinha nada de recurso tecnológico e eu lembro que eu tinha acabado de comprar um computador daqueles brancão bonito, né? Usado ainda porque professor é pobre comprei de um amigo que ia trocar um novo e eu pensei vou pegar o brancão bonito dele e comprei aquele brancão e assim eu dava aula no infantil naquela época e eu queria alguma coisa diferente alguma

coisa nova porque só o papel parece que já não estava mais me contentando e eu fiz informática na MICROCAMP lembro do MS-DOS lá, lembro de toda... E eu queria tentar levar alguma coisa pra escola, né? E assim sempre o CEFAM faz um mal pra gente, né? Porque a gente sempre quer fazer espetáculo, né? Não pode ser uma aula... É o magistério... É muito forte, então eu sempre queria fazer alguma coisa diferente e a pobre professora tinha uma bizinha né e uma vez por semana eu levasse a bis com meu marido na escolinha e levava o computador porque na escola não tinha e a diretora era mais pobre do que eu a dona da escola então eu acabava emprestando o computador e era o maior trampo na bis com aquela caixona , o CPU aqui, o monitor aqui e o teclado numa mochilinha aqui e eu... E não era bonitinho assim, era o trambolho e levando pra fazer uma aula diferente e daí eu lembro que eu comprava software pros meus filhos brincar em casa e eu levava esses softwares utilizar com os alunos na escola, então eu sempre gostei muito de utilizar essas diferentes linguagens, não era nem questão da tecnologia, mais usar o teatro, usar o cinema, usar sabe, acho que essa preocupação mesmo com uma formação de mundo mesmo né, não só aquela formação fechada na escola, eu penso mais no contexto cultural de acesso que muitas vezes a gente não tem e que se não é a escola e o professor eles não vão ter então... Depois na escola quando ate quando eu fiz o rádio e vídeo escola, a diretora me convidou pra fazer porque era os diretores que escolhiam quem iam fazer e eu gostava muito de trabalhar com foto então tudo eu registrava, tudo, ia fazer um projeto saia no bairro com eles pra ir comprar coisas no supermercado pra fazer uma receita na sala, então era foto, daí a diretora acho que percebeu a louquinha que eu era e o gostar dessa diferença e já me mandou pra fazer o curso. Ai, daí me apaixonei, daí eu fazia programação de rádio, fazia produção de vídeo com os alunos, daí foi não parei mais e até hoje sou encantada, então sempre procurei tá fazendo diferente com os alunos né, desde pegar, eu lembro muito que eu trabalhei saltimbancos e as músicas dos saltimbancos com eles e daí tentar passar pra linguagem teatral né, então sempre procurei fazer de alguma forma diferente e utilizar as diferentes linguagens.

G2: Pergunta: hoje enquanto diretora você deixa seus professores saírem fazer compra no supermercado com os alunos?

Todos: Risos

G3: Eu deixaria, mas ninguém quer... Eu deixaria e até ia junto, G2.

G2: Porque é complicado, né? Porque outro dia eu até postei no face, uma coisa assim, eu vi algumas fotos de R e eu sou de lá, então eu tava vendo umas fotos e eu vi a foto do ex diretor da escola de quando eu era criança e a figura dele é uma figura assim que é o anti-diretor pra mim, é aquilo que eu nunca quero ser na minha vida enquanto diretor. É engraçado isso né essa questão? Eu me lembro também, porque eu sempre gostei dessa coisa de sair em campo, e às vezes é coisa simples demais, tipo aqui e agora em 2004 eu tava dando aula no LPT aqui no centro e assim com os alunos do ensino médio você percebe que você pode dar algumas possibilidades pra eles e eu queria no dia da água porque era o dia do rio Sorocaba eu queria fazer uma pesquisa na rua com as pessoas que estavam passando do quanto as pessoas davam importância a isso. Eu fui barrado! Eu não pude nem ficar no portão chamando as pessoas porque ali passa gente o dia todo, então com os alunos do ensino médio, eu não pude fazer isso entendeu? Ai quando você falou comecei a pensar e aí, e agora enquanto diretor eu adoraria ver também projetos, ideias, atividades que... Foi o que eu falei no ultimo HTPC, como é que cobram dentro de uma avaliação mais atividades extra classe e extra escola? Eu é que vou planejar?

G1: Mas quer que parta da gente? Porque daí vai ficar mais uma coisa enrolado igual o passatempo...

G3: Porque até um passeio solto vai ficar uma coisa solta...

Mediadora: O G2 falou uma coisa muito legal assim, que talvez ate passou, mas é a questão da gente trazer o resgate das nossas memórias, é uma coisa forte, que ele falou uma coisa que faz toda a diferença, que a gente se prende naquele professor, a nossa memória busca aquele que foi o referencial mas tem aquele também que você vai fazer de tudo pra não ser como ele. Eu lembro que quando entrei na escola, na primeira série lá em ... e eu lembro que minha mãe chegou na escola, tinha uma vaga, daí o diretor foi assim muito assim claro com minha mãe, é tem uma vaga na primeira série, mas já

é pra filha de tal professor, que eu sei o nome até hoje. E realmente ela ingressou e eu fui pra educação infantil mesmo tendo idade pra ir pra primeira série. E eu lembro que quando eu entrei na primeira série, o diretor da escola entrava na escola chutando a porta. Eu achava aquilo assim um absurdo...

- G1:** Eu me lembro da minha diretora que a gente não podia chegar perto e aí esses dias quando foram colocar o vidro na porta, aí vieram perguntar qual é a altura, aí eu tava com um aluno, eu falei, aí que bom que você está aqui, aproveita vê a tua altura, pra fazer a altura da criança, aí ainda comentaram, não, mas ele não vai chegar sozinho na tua sala, eu falei, como não? A minha sala ta aberta, aí é pra entrar criança, não, mas só vai chegar junto com adulto, uma criança não vai chegar na tua sala sozinha. E eu lembro do meu diretor agora vocês falando, imagina a gente não podia nem chegar perto da sala dele que já tinha dez, então a gente nunca passava na cabeça chegar perto, então esse modelo eu não quero! Na hora do vidro foi muito, eu fiquei assim como é que as pessoas são, eu falei assim, não dá pra fazer mais baixo, aí o moço falou assim, não dá pra fazer mais baixo por causa da maçaneta da porta que aí fica fraco, aí eu falei, faz o máximo que der.
- G3:** Mas o quanto é forte né? Vocês falando eu tô lembrando assim, do que eu também não quero pra mim, eu lembro muitos diretores quando eu tava na sala de aula, que os equipamentos eram trancados na sala dele com chave, não é? Trancados e assim você tinha que implorar e às vezes você planejou praquele dia usar e você não podia usar e tinha que esperar o dia que o diretor tá lá e os diretores antigos nunca estavam lá na escola né? Então, ou ficava aí se você bater na porta! Se tava era aquele estar...
- G1:** Mas aí, eu acho que a nossa geração pelo menos a minha, o medo de mexer e estragar é daí, não mexe que estraga, agora, aí você vê como que são as coisas, como as crianças hoje nascem com computador e geladeira é a mesma coisa, a gente abria a geladeira normal e computador pra gente não, e eles geladeira e computador (uppp), ah não dá! Papapapa, entendeu? Então, eu percebo assim, minha mãe, até contei já, S, ela começou a fazer o curso de computação depois de 60 anos e foi assim de ver a gente mexendo ela se empolgou, hoje ela liga aí no meu curso aprendi tal coisa, eles nem

tinham computador, em questão de meses compraram o computador e assim meu pai também apesar de estar na loja, também começou aprender mais coisas, então você vê que ela também já perdeu o medo.

- G3:** Memórias midiáticas, eu lembrei do comercial dos velhinhos no computador, o netinho chega e ela coloca a receita né? Tem a música né?
- G1:** Minha mãe hoje fala assim, não telefona, liga pelo skype. Não pela ligação mas liga pelo skype é mais fácil, dá pra ver vocês e as vezes na hora pelo MSN a gente ta vendo, mandando recadinhos, tirando sarro do meu pai que tá do lado e aquelas provocações, então você vê a cabeça da pessoa vai longe, vai longe, mas ao mesmo tempo eu sinto como meu pai, a dificuldade de lidar e pelo telefone eu fico, pai pra fazer tal coisa mexe, ele diz ai eu não consigo, vou desligar, eu digo, não , continua, e eu vou falando, tecla por tecla, no computador e ele lá, então você percebe a dificuldade, aquela coisa do medo, ele ai eu vou estragar isso aqui, por causa do medo, colocaram isso numa redoma de vidro, que ninguém...
- G3:** E até relacionada ao custo, né? Ai é muito caro, tem que tomar cuidado. Eu lembro que quando eu ia com os alunos pela escola com a filmadora penduradinha assim pra fazer o vídeo pra gravar e eu largava na mão deles, então era 3 série e cada grupo tinha que fazer um vídeo sobre um tema e eles saiam com a filmadora assim. A diretora queria morrer de medo, né? Mais assim como eu era muito persistente e pentelha e chata, acho que ela falou assim eu não vou, larga essa menina, né? E os alunos andavam com a filmadora pra fazer o vídeo, e o medo de quebrar, eles não tinham medo e nunca quebrou nenhum equipamento. Os que estragaram, estragaram por não utilizar, de ficar guardado e daí não funcionava mais e a gente sabe, ou então assim, vira trambolho, porque troca tão rápido, né? Ele renova tão rápido, tanto que a filmadora que a gente tem na escola são aqueles pesadões, né? Vídeo cassete eu tenho de fita ainda, as que eu usei era de fita e era uma farrá pra fazer a edição do vídeo com os alunos porque assim tinha que trazer um aluno, vai eu aperto juntinho aqui com a filmadora e você aperta no play do vídeo cassete, um, dois, três e tummm pra passar da filmadora na VHS, pra gente fazer a edição, então ficava aqueles cortes

horríveis, aquelas marcas fortes que hoje em dia já tem outros programas, outras coisas pra estar editando o vídeo né?

Mediadora: Vamos pensar agora enquanto gestores, o que a gente tem feito e o que a gente não tem feito e por que será que a gente faz ou que a gente não faz.

G4: Na gestão escolar, é tô lembrando muito do Eproinfo aqui hoje, mídias na educação, mas eu acho que vendo por esse lado, né? Eu penso que realmente se for fazer um balanço da minha trajetória enquanto professora, né?...

G3: Você já perdeu o ódio pelas tecnologias? Porque eu falei que o grupo focal era sobre tecnologias, ela ai, ai, não...

G4: Não é as tecnologia, é a barreira, eu ando meio traumatizada com meu curso, eu estou no 4 ano e até agora não consegui ainda, não tenho orientação nenhuma do meu tutor, nada, nada, ele só manda eu, manda as coisas pra mim , então assim, vendo por esse lado, fazendo um balanço, realmente eu acho que tem muito que ser feito enquanto gestora, nesta área aí. A gente tem a sala de informática, a gente tem os computadores, mas assim, falta justamente alguma coisa pra desdobrar isso até os alunos, como, ate porque eu fiz a formação enquanto professora pra usar a sala de informática, depois ficou muito tempo a sala em desuso, teve uma época que a positivo tava sem contrato com a prefeitura, uma coisa assim, então ficaram pelo menos na escola em que eu trabalhava os computadores ficaram empilhados num canto, não tinha estagiários, não tinha ninguém. É... A sala como eu usei pouco, logo entrei na gestão, então acho que falta um pouco mais nesse sentido, mais, é, existe essa preocupação justamente pela necessidade que se tem hoje né?

G2: Bom, o que dizer sobre nosso papel agora? Não tem como agora ficar alheio a tudo isso porque...

G5: A gente usa, a gente é cobrado de estar conectado, né? Essa semana veio um email às 2 da tarde e tinha que ser a resposta as quatro de dados da escola. Mas como a gente atinge os alunos é, dar ideia nos semanários é uma das coisas que a gente pode. Uma coisa que a gente faz bastante na oficina, até as auxiliares estão bravas comigo, a gente faz de tudo pra eles

uma vez por semana usar o Sabe Tudo, que é um recurso assim que eu acredito, é um impacto diferente, eles saem, eles usam, podem estar conectado em rede, é pra ter uma equipe legal pra estar trabalhando com as crianças, só que infelizmente, a rede não funciona, cai a internet, o planejamento daí vai por água abaixo, as pessoas não estão preparadas pra lidar com isso, e também não fazem muita questão porque elas sabem que também quanto mais elas saberem isso, menos as auxiliares vão levar os alunos e com isso elas acabam tendo menos carga de trabalho. Mas é uma coisa que eu me preocupo bastante, que eu fico, vamos, vamos tentar, vamos levar. A gente até já conversou pra elas fazerem um planejamento pra quando não funciona a internet só que este planejamento está sendo usado toda vez, porque nunca funciona o equipamento e é uma das coisas da tecnologia que a gente lida o tempo todo, tem que ter uma carta na manga.

- G2 -** Trabalhei no estado como coordenador pedagógico e a gente fazia exatamente isso pra poder incentivar o uso da sala de informática era feito uma escala dos alunos e era um incentivo meio impositivo, fora que a gente vivia pedindo pros responsáveis na d.e. pra darem cursos nas escolas nos htpcs pra poder também possibilitar um conhecimento mais específico ao professor e garantir que ele usasse aqueles recursos e as ferramentas que os computadores oferecem né? Agora aqui...
- G5:** Aqui a gente tem uma postura muito de conserta, vai comprar extensão... Não é, G2?
- G2:** Exatamente.
- G5:** Como diz do outro lado é assim, quando tá precisando de um negócio, o G5 você não foi arrumar, você não pode comprar uma extensão nova... Poxa, o G5, não comprou ainda?
- G4:** Você não consegue criar nada novo, acaba que você fica consertando pra que os outros criem.
- G2:** E mesmo assim você não vê muita coisa né? Você vê assim que eles estão fazendo uso mais, por exemplo, a lousa digital pra passar um filme, aí eu fico pensando, eu acho que é ótimo, tem que passar mesmo também, né? Mas não é só pra isso, vamos explorar as ferramentas que existem nela, vamos

deixar os alunos fazer a interação, usar os recursos, brincar um pouco que eles vão aprender também querendo ou não com isso, mas aqui a gente não consegue visualizar muito isso.

- G5:** Tanto é que com a lousa digital o que a gente está gastando de caneta de quadro branco é um absurdo e outro dia eu falei, vieram daqui do outro lado pedir lá, eu falei, de que forma está usando essa lousa? Tem lousa digital pra usar a caneta? Dá pra salvar no computador, né?...
- G1:** É aquela coisa, como está sendo usado?
- G2:** Então eu acho que é assim, outra coisa é também continuar oferecendo alguns recursos tipo a gente sempre conversa, a questão de alguns vídeos, alguns filmes que possibilitam uma outra visão de escola, uma outra visão de ser educador, eu acho que isso é bem interessante na formação deles, que eu acho que vale a pena também né quando a gente faz esse investimento. Talvez a formação é que vá possibilitar uma melhoria no uso desses recursos. Eu acho que maioria das escolas tem e que a gente não vê tão forte a sistematização. Acho que, na escola de educação infantil que eu estava ano passado, eu via muito a questão do jornalzinho cruzeiro do sul sendo utilizado, eu gostava muito porque era sempre propostas inovadoras, tinha umas coisas bem legais, pontuais mesmo feitas, fazendo uma coisa diferente, usando de uma forma diferente, mas essa outra parte mesmo de mídias tecnológicas não vejo muita coisa não.
- G4:** Acho que cai naquilo que você falou da formação mesmo, né? Porque mesmo na formação da gente que não pegou totalmente a questão da mídia como ela, pegou esse início no nosso caso e tal, a gente percebe que a mídia impressa já era muito trabalhada né, já era falada bastante, no CEFAM abordava bastante, então a gente percebe que ainda existe uma abertura maior pra isso, né? Agora com relação...
- G3:** Mas eu não sei até que ponto o professor sabe o que é o jornal é uma mídia impressa ele tem a compreensão do que é uma mídia porque fica recorta e colagem de palavras, então qual é a função, o que é uma mídia? Como é que eu posso estar explorando isso? Como usar? Na vice direção quando eu estava ali no JFR, como o meu mestrado também é com enfoque na utilização das tecnologias na escola e o meu campo de pesquisa foi o JFR,

então, eu consegui desenvolver muita coisa com os professores e eu já era professora de lá, estava na vice direção sempre tive um relacionamento muito bom com os professores, então assim, a gente fez miséria, fizemos vídeos fizemos panfletos, fizemos tudo e mais um pouco, entrevistas, rádio, então eu consegui, eu até estou em processo de finalização porque eu não consigo terminar essa coisa, que tá me dando revertério a minha dissertação, mas tudo bem, normal né? Mas o quanto isso enriquece a prática do professor, enquanto isso redimensiona também no trabalho do professor, os modos de participação dos alunos no processo de aprendizagem, o quanto fica mais significativa essa aprendizagem e é legal né porque a gente tem poucos momentos como esse pra estar refletindo né, pra estar trocando, pra ver o que que vale e o que não vale, são poucos os que chegam ainda ao mestrado ao doutorado, ainda está muito elitizado, o acesso ainda está muito distante e é nesse momento que a gente para e daí que vontade que eu tenho de voltar pra sala de aula pra estar levando tudo isso que eu estou pesquisando e que eu to...então, é uma ânsia de voltar pra sala de aula assim loucamente assim sabe? Porque daí você começa pesquisar e nossa eu quero estar lá pra fazer isso, porque no papel de gestor, ai aquela que já vai né, eu gosto mais não gosto de estar na direção, eu quero voltar pra sala de aula.

- G5:** Eu acho que é assim, quem realmente gosta de ser professor e tá do outro lado, se vê em momentos assim, nossa, igual à gente tem um projeto aqui que eu sou apaixonada, que é o memória local na escola que trabalha muito mídias que eles vão produzir um, eles produzem um, eles, primeiro vem uma pessoa, eles fazem uma entrevista com essa pessoa, então já tá usando né que é gravado, filmado, depois eles vão ouvir, vão escrever qualquer tipo de texto sobre a história de vida e isso vai ver impresso, vai ter uma finalização grande, poxa, vai ter , publicar a história que os alunos fizeram, é um projeto que eu sou apaixonada e aí eu penso assim, poxa, outro dia, a gente foi no passeio na biblioteca e eu gosto de acompanhar eles no passeio, porque a gente fica meio preocupado mesmo e quer participar e eu fui perguntando pra eles no caminho, e vocês já fizeram essa parte do projeto, onde vocês pararam? E eles, a gente não fez nada. E eu, nossa, como assim, como

vocês não fizeram? E, a professora não deu ainda. Daí eu falei assim, como, poxa, tá tudo pronto a aula. É o máximo isso, daí dá uma sensação de frustração, porque no papel aceita, no semanário tá lá que ela fez a ilustração, tá lá que ela deu início e daí a gente vê que as crianças que eles também não tão ...

- G3:** Daí o que que acontece, igual falei aquela hora, a gente fica no cabo, a gente fica na manutenção e na aquisição de equipamentos e é claro é nossa função mesmo, mas daí a gente tenta pegar na parte do pedagógico como a gente vai utilizar esses recursos e você sugere e você dá ideia no semanário e você tenta usar pra ver se acorda e usa na prática, você tenta e nada e nada e nada, né? O quanto a gente é limitado também e as nossas próprias condições de trabalho, né? Vem coisas de hoje pra entregar hoje ou ontem, toda essa dinâmica louca de escola e daí que a gente não consegue fazer muita coisa que a gente quer fazer porque a burocracia nos consome e aí da gente se a gente não fazer a parte burocrática, ninguém vai fazer pela gente.
- G5:** A saída também, né? Igual entrou a V, até brinquei com ela, puxa V., que chefe ruim que você tem, né? Nunca tá aqui. Até hoje não consegui sentar com ela pra conversar e é uma pessoa que eu tenho muita vontade porque ela é ótima sabe acho que ela vai fazer um trabalho maravilhoso e ela tava muito preocupada em pegar o que a outra professora tava fazendo, e eu não, você tem outra experiência, a parte prática, expliquei pra ela um pouquinho, mas sentar mais com esse professor também faz falta nesses momentos.
- G1:** Falando das condições de trabalho, eu fico pensando assim, quando eu era coordenadora de creche de 0 a 6 anos em São Paulo eram Ongs que eram conveniadas com instituições internacionais era assim de lugares super periferia de que não tinha nada mesmo só que aí eu fico pensando, qual a relação né porque na realidade naquela época a creche não tinha televisão, mas a gente fazia a televisão, sabe aquela coisa de colocar o pauzinho aqui e ali e você vai fazendo, a gente fazia, olha só, a gente trabalhando entendeu? A gente fazia. Aí entra aquela coisa do professor estar aberto porque no fim a professora falava assim, G1, naquela época meio ambiente

não era como hoje, mas vamos trabalhar meio ambiente, que falavam outros termos né, mas ela montava na televisão e não tinha televisão na nossa creche. Sabe aquela coisa assim, então você fica pensando, hoje tem, e dava o maior trabalho, ela levava pra casa, e era educadora, não era professor formado...

G3: Ela fazia televisão em que sentido, G1? Vocês faziam de papelão? Cineminha?

G1: Não tinha o aparelho. De papelão. Aquela coisa assim que vai rolando. Tinha o cineminha, mas tinha a versão televisão entendeu? Tinha duas versões. Na televisão tinha propaganda que as crianças montavam, então, colocava os rótulos lá, davam o jeito de fazer a propaganda, então, era muito legal e dava o maior trabalho gente e hoje aqui você fica pensando, nossa, e eu como coordenadora, assim era mais fácil essa cobrança, era engraçado e eu volto a falar, não era professora era educadora porque tinha gente ali que tinha no máximo a 8 série, às vezes era no máximo, porque naquela época não tinha a lei e hoje pessoas muito mais acessíveis a tudo isso. A escola tem televisão, tem o computador, tem o sabe tudo, eu tenho que colocar horário de informática, horário do Sabe Tudo, você tem que ficar cobrando e lembrando. Pessoal, ó, tem que ir no Sabe Tudo. No semanário, às vezes fazer algum comentário e cobrar esses detalhes, aquela coisa que você falou de imposição né e aí quando você, na HTP que eu coloquei a cidade interativa ontem veio um aluno falar, agradecer, assim, G1, acho que ele escutou a professora falando que eu tinha mostrado na htp e elas trabalharam nas aulas, G1, adorei o que você mostrou pra professora, ai a estátua falando, eu falei, é o Baltazar Fernandes,

G3: Aqui vocês conseguiram abrir? Porque na internet da prefeitura tá bloqueado.

G2: Ah, sabe o que que é? Nós temos aqui a net,

G3: Mas olhem o absurdo. Ontem eu liguei na SEDU, bloqueou tudo, você não consegue nem abrir uma imagem na internet da prefeitura, como é que me faz um projeto desse um investimento desse, ai gente... Mas na rede da prefeitura não abre, é bloqueado

- G1:** E você precisa de ver o menininho, eram dois, você precisa ver que gracinha, ele veio agradecer, ai G1, acho que as professoras, as duas juntaram as duas salas e acho que comentaram alguma coisa, ai porque a G1 clicou aqui, porque eu mostrei na HTP e dei umas dicas, então é uma coisa que na HTP você fica cutucando, mostrando e ao mesmo tempo entra na falta de tempo, você percebe, eu me cobro, eu acho, e aí entra aquela coisa, você fazia a mesma coisa eu fazia muito mais do que antes, antes como professor do que agora, eu não sei se agora eu corro muito mais atrás de outras coisas, mais, aquele gosto de quero mais fica gente, como orientador fica gente, você vendo que o professor tem condições, ele tem capacidade, você vê que o professor tem capacidade pra isso, então você vê na sala de informática o professor fala assim, “ai se o monitora não tá aí eu não vou, eu não sei mexer”, mas eu não posso ir lá, eu não dou conta de ir lá com ela. Às vezes no Sabe Tudo, eu sei que tem o...
- G3:** Mas não é ela que vai mexer, é o aluno.
- G1:** Mas ela não tem essa abertura, então se você vai junto, de repente, ela precisa de uma segurança e essa segurança é de trás, é aquela formação da proteção do computador que a gente não podia mexer, esse pessoal tem ainda. É eu vou quebrar, então assim é de formação. E aí entra a questão do sabe tudo, entra a questão da lousa digital, que agora o pessoal vai começar com a formação então eu acho que vai melhorar, espero eu, né? Porque já veio uma pessoa na HTP dar formação, né, G5?...
- G3:** Porque na época do rádio vídeo escola vários professores fizeram a formação e hoje em dia ninguém usa, acabou.
- G1:** É de abertura, eu acho que é de abertura. Eu acho que junta tudo, é a pessoa estar aberta, formação, o perfil dela está ligado porque por mais que, você pode receber formação, mas se você não estiver aberto pra trabalhar isso, você não vai trabalhar.
- Mediadora:** Sabe uma das coisas que eu fiquei questionando quando a gente formulou o questionário e acabei copiando uma parte do G3, fazendo outras doideiras lá, quando eu comecei tabular o questionário. Olha, eu tinha certeza que tinha uma das questões que era relacionada a isso, por que que os professores não usam, por que que eles não usavam e tinha duas opções

ou pela dificuldade técnica ou a pedagógica e foi assim, 98% assinalou que é a técnica e eu fiquei surpresa porque eu não acho que é a questão técnica, o que eu vejo é a dificuldade pedagógica mesmo, né? Mas, então quer dizer, até a gente conversou muito sobre isso depois né G3, a gente está estudando Saviani que fala sobre a questão do tecnicismo mesmo, o quanto isso é forte..

- G1:** No HTP veio uma pessoa, falar, explicou como mexer na lousa, então assim, a questão é você se abrir e mandar ver entendeu? Aquela coisa, mete as caras. E ela veio explicou direitinho, ela deixou email, ela mandou pra gente tudo sobre a lousa digital, super acessível, mas aí esbarrou assim “aí na minha sala não tem , tem que ficar trocando de lugar”.
- G3:** Essas questões, né? Sempre tem uma explicação ainda. Porque formação teve, tem enquanto técnica. Técnica nem sempre a gente precisa, os alunos sabem mexer perfeitamente no computador, é só você lançar a proposta, não precisa nem encostar no recurso que a criança vai e faz. Eu tive uma experiência muito rica dessa lá no JFR de uma senhora que nem na casa dela ela tem computador, uma professora CLT que foi ela não sabia, ela tinha pavor de falar em sala de informática, eu falei, C, vamos tentar ir, tarataratara, fomos, mas ela tremia, ela tinha assim um pavor e o barulho incomodava muito ela, era um barulho de produção, de trabalho, mas incomodava ela, aquele barulho excessivo dos alunos conversando, mas era novidade, claro que eles iam conversar, ia... E eu lembro que ela tava trabalhando chapeuzinho vermelho e daí ela fez a relação de, eu tentei fazer ela ir comprar as coisas mas não consegui isso, ela pegou a pesquisa de preço dos ingredientes do bolo da vovó e daí ela pediu pra eles fazerem panfletos de jornais de supermercado pra fazer e somar pra ver quanto ficava, que dizer, quanta coisa trabalhando e depois essa mesma relação ela foi naquele supermercado virtual, que tem no, daí eles fizeram cálculo daquilo, até pra comparar o virtual o real, ela não encostou no computador e foi um trabalho assim encantador. Ela trabalhou matemática, ela trabalho geometria virtual, ela trabalhou a música, sabe, sistema monetário, ela trabalhou adição, subtração, tudo, tudo, tudo e ela não encostou no computador. Então assim, é só a técnica que vai fazer a diferença? Não é!

- G5:** Acho que é assim aquela coisa de ir buscar o material, de pegar a chave, o dia já começa assim...
- G3:** São tantas cobranças a gente tem né? Até professor, né? Aí SARESP, nanananana e daí parece que tá fazendo, nem todos tem segurança que tá fazendo...
- G2:** Mas é isso que a G3 falou que o quanto isso pode de fato contribuir pra que a criança tenha um aprendizado, tenha um conhecimento, tenha um ganho, a maioria não vai pensar assim.
- G3:** É engraçado que tem... A quantidade de folhas que eu dei no caderno ele vai aprender muito mais que , então fica aquela coisa assim...
- G2:** E os pais também têm isso, eles cobram.
- G3:** Os pais também, você tem que estar muito segura pra passar pros pais. Eu nunca tive problemas com os pais quanto a isso, mas eu tinha segurança no que eu tava fazendo e refletia na aprendizagem do aluno, mas pra quem não tem segurança se vem um pai e bate de frente, desaba, pronto, parou.
- G1:** E é mais fácil também fazer uma coisa que você tá fazendo há dez anos.
- G3:** E sabe uma coisa que eu fiquei pensando? Vamos pensar assim na nossa formação. Assim, normalmente, no magistério, mas muitas pessoas de hoje em dia nem magistério tiveram, né? Foram direto pra graduação, é só teoria, o estágio a gente sabe que a gente não faz o estágio e se faz, faz naquela sala que você quer sair correndo de coisa que eu não vou fazer jamais na minha sala de aula, né? De medo até das coisas que a gente vê. E o quanto ainda é forte quando a gente vai pra sala de aula a nossa vivência enquanto aluno, a gente não leva a nossa teoria porque a gente não consegue vincular com a prática. A nossa segurança vai ser a cartilha, vai ser o bá, be, bi, bo, bu que nos ensinou. Eu não sei, talvez isso seja muito mais forte do que a teoria que a gente estuda, eu não sei, é uma coisa pra se pensar.
- G5:** A gente pensa numa formação agora em quatro anos você tem toda parte de gestão junto né. Quando eu fiz, eu fiz só a parte de regente... E parece que não fica nem uma coisa nem outra. Tenho essa impressão assim que não fica nem uma coisa nem outra.
- G3:** É tudo solto, mastigado, sei lá, misturado.
- G1:** E aí a escola fica cheia de tecnologia pra quê e pra quem? É triste!

G3: E o prefeito pra ganhar voto.

G1: Se você olha nossa escola tem, olha quanta coisa nossa escola tem. Tem lousa digital, não precisa ter em todas as salas, mas tem a lousa digital. Tem a sala de informática, tem som.

G5: Só a sala de informática é perfeita, funciona tudo a hora que você quer. Já trabalhei em escola que a sala de leitura a gente não tinha acesso. Os livros legais eram trancados. É verdade!

G3: Mas não é em Sorocaba, né? É em outra cidade, né? É numa cidade distante?

Todos: Risos

Mediadora: É lá em Itaporanga?

Todos: Risos

G2: Ai, que dó!

G5: E assim, não era uma coisa da gestão. A gestão até pegava forte nisso, mas da pessoa que trabalhava dentro da biblioteca afastava o pessoal da biblioteca, é aquela coisa de posse.

G1: Até numa sala de informática a pessoa pode querer afastar, né? É tão engraçado, né? Essa questão de mídias, falando assim, é voltar as memórias mesmo, quando lançaram o primeiro notebook, quando foi lançado, eu lembro que meu marido comprou um notebook, eu lembro que na época era tão caro né hoje é tão mais baratinho, então e aí o meu vô com 90 anos, ele tava com 92, levou o notebook pro meu vou ver e meu vô sempre foi assim, em termos de mídias, ele era assim, ele não enxergava mais com a idade, tava com uns 93 acho e ele lê jornal todo dia, então ele pegava uma lente de aumento desse tamanho todo dia você chegava lá ele tava lendo e lia o jornal inteirinho, ele tinha televisão, ele em termos de mídia tava melhor que a gente e quando levou o notebook pro meu vou vê ele chorou de emoção. Ele falou assim, aquele jornal pode estar aqui dentro. Você precisa ver a relação que ele fez. A internet não existia ainda, tinha pelo menos não pra gente né, quantos anos, acho que, minha filha nem tinha nascido, uns 18 anos eu tinha, pra gente a internet não tava acessível ele falou e assim, você precisa de ver a cabeça dele, e ele era prafrentex, mexendo naquilo. Ele ficou louco, aí ele chorou. Aí hoje penso, nossa, na

hora todo mundo ficou emocionado, a relação né, aquela coisa nova e você mostrando tudo que é e ele tentando entender. Era uma inovação na época o notebook.

G3: Agora atualmente na direção eu vejo assim que eu tento mais as condições e o tempo impossibilitam muito das minhas vontades enquanto diretora. No FSN era pin, né? Porque lá a gente sobrevivia, eu nem lembrava que existia tecnologia, eu nem lembrava que eu era ser humano porque eu não fazia xixi, eu não comia, né? Engordar a gente engordava, né? Chegava a noite em casa comia tudo, então assim lá a gente sobrevivia. Não era nem trabalho, né? Essas escolas grandes não trabalham, sobrevivi a cada dia, então não tinha como pensar em alguma coisa, não foi possível. Eu lembro que eu compartilhei, a única coisa que eu fiz foi arrumar o espaço, né, S? Que a gente fez? A gente tenta deixar o ambiente, fazer sala de multimeios né, eu lembro um texto que eu coloquei no semanário das professoras também, é que também sofri muito de ver aqueles semanários e eu lembro que agente colocou um texto também sobre diferentes formas de utilizar o vídeo em sala de aula, mas não consegui ir muito além disso, né? Hoje em dia no ML não fiz nada de diferente ainda e estou me encontrando ainda, não consegui, procuro sugerir algumas coisas no semanário, faço questão de acompanhar o semanário, eu coloco, assim, pra mim se eu ficar só no burocrático eu fico louca e doente porque eu amo o pedagógico. Se eu ficar só nesta parte burocrática eu não aguento daí assim eu tenho que, daí eu revezo com o orientador pedagógico, numa semana sou eu que olho, na outra semana é ele mas também metade dos professores entregam numa semana, metade entrega na outra, é quinzenal a entrega, pra gente poder dar conta, porque são 32 turmas, 20 de fundamental, 12 do infantil e ainda tem 2 turmas de alfa, então, tem oficina também, então assim, é mais uma forma assim de alimentar-me, porque eu tenho que ter este contato com o pedagógico senão eu não duro muito tempo não. Daí eu procuro dar ideias também, dar dicas no semanário, a gente acaba dando praqueles que a gente vê que dá mais abertura, então e procurar deixar equipamento em ordem né, aquisição que é uma coisa, mais essa coisa burocrática é tão chata, eu sei que faz a diferença. Quando eu tava na sala de aula a gente

via o quanto fazia diferença a abertura do gestor, né? E toda essa preocupação com manutenção, com aquisição e eu penso também que as vezes eu era injusta também com os meus diretores porque antes eu achava que ele não arrumava porque ele não queria, mas também a gente não tem recurso financeiro pra arrumar as vezes, ou pra adquirir, então o quanto é importante você estar na outra posição, né? Porque você acaba também ...

- G5:** É importante assim aquele apoio ao professor que quer fazer coisa diferente. Igual a minha antiga diretora assim, tudo que você falava assim, nossa vou fazer uma culinária, bia pode comprar, traz a nota direitinho que eu, porque se você tem esse apoio você vai atrás, você pode criar mais coisa né?
- G3:** O quanto faz a diferença né? Mais eu não sei se é porque a gente viveu tão intensamente na sala de aula que só fazer isso é muito pouco pra gente, né? Eu não sei, eu acho que é muito pouco eu simplesmente deixar os equipamentos em ordem, é tão pouco isso né, mas às vezes é só o que nos resta no sentido de condições de trabalho, de tempo, é o que está ao nosso alcance. E daí a vontade louca de voltar pra sala de aula, enfim, acho que o professor precisa passar um olinho na gestão escolar pra ter noção do perigo. Acho que eles ainda uma visão tão...
- G2:** Ou não porque não sei. Porque aqui a gente tem vários que passaram e...
- G3:** É porque também passaram numa época de hierarquia e relação de poder bem diferenciado, né, G2? Não sei se porque era cargo mais de confiança em sua maioria né, não era, não sei.
- G1:** Aqui eu vejo que a gente tá no começo ainda. Todo mundo tá começando então tem que ser devagar. Devagar eles vão pegando confiança.
- G3:** Você falando isso é verdade. Se bem que tem casos e casos, eu já tive experiência de pessoas que não queriam nada com nada e tive experiências com pessoas que...
- G5:** A gente percebe que aqui era muito preocupado com SGI, com processos, com coisas e coisas assim que eu considero importantíssimas mas não tem essa cultura de, de inovação mesmo, de fazer diferença, mas eu acho que é assim, os professores também se renovaram, é importante, muita gente entrando junto acho que é bom também, né?

- G1:** Apesar que é acaba caindo no mesmo lugar né, porque por exemplo essa questão de mídias, por exemplo, da mesma forma que você tem que saber trabalhar com a tecnologia, com a mídia, você tem que trabalhar com a bolinha de gude, então, não importa quem é que tá no cargo, você é professor, você tem que usar, tem que fazer a criança aprender, não importa quem é que tá vendo, eu acho que as vezes tem que saber o sentido de ser o professor mesmo, o que você tá fazendo ali pra criança, então como que fica isso?
- G5:** Eu acho que a prefeitura está deixando muito a desejar nas formações, cada vez pior, né?
- G3:** A que eu tive de lousa digital, que eu participei no ano passado ou retrasado, era, olha você aperta esse botão, você desliga esse botão, você... Era só a técnica, quer dizer, a gente tem computador em casa. Mas ainda o professor espera só a técnica. Parece que ele não quer admitir que ele tem dificuldade, sabe, tem dificuldade didática, tem dificuldade de, sabe? É o pedagógico a maior dificuldade, mas como é que um professor vai assumir que ele não sabe fazer o que ele é formado para ou é pago para, não sei, tem horas que parece ele não quer assumir né e se você não assume você não está aberto, se a gente não assume nossas limitações...
- G5:** E o pessoal vai muito armado para essas formações, por exemplo no começo do ano, veio uma professora falar, é uma professora, até o conhecido dela é daqui de Sorocaba, ela tem uma referência enorme em coordenação pedagógica, até trabalhou em documentos do MEC, então ela tem currículo excelente, você não vê o menor respeito pela pessoa que está lá na frente e por exemplo ela dava exemplo de coordenadora de escola particular que entra na sala e fala, e as pessoas ficam ofendidas mas você só tá falando coisas ruins da sala de aula, mas ela tava propondo uma discussão e as pessoas vão armadas assim, com aquela auto estima pra baixo mesmo, né? Precisa mexer com a autoestima do professor, em formação...
- G4:** Nós acabamos falando sobre esta questão da hierarquia no Brasil que é muito...

- G3:** Eu tava lembrando agora, na semana do recesso eu peguei todos os diários de classe e os semanários pra olhar, fiquei um mês olhando aquilo lá, não acabava mais, tanta coisa, e daí eu coloquei bilhetinho, olhe melhora nisso, tá legal isso, faça mais isso, um monte de gente virou a cara e bicuda pra mim, quer dizer...
- G5:** E é postura. Por exemplo, eu ficava ofendida quando minha orientadora pegava e carimbava, porque eu nunca gostei daquilo. Eu me cobro muito assim e é muita informação. Eu sei que minha coordenadora, o meu diretor e a minha vice vão colaborar pra eu melhorar pra minha caminhada, porque se eles estão neste cargo, eles tem uma experiência pra compartilhar, um estudo maior, mas não é todo mundo que pensa.
- G1:** Aí uns não gostam do carimbo, outros não gostam do bilhetinho, aí, você ali na frente não sabe o que faz, se coloca bilhetinho aí se fica falando, esse aqui gosta de bilhetinho deixa eu colocar, você tem que aprender nos detalhes, esse não gosta, você não coloca nada.
- G3:** A minha orientadora do mestrado critica o carimbo, ela acha que não deve carimbar pela questão de autoridade mesmo, de acompanhamento de supervisionar o trabalho do professor.
- G1:** Mas se você não carimba eles perguntam você não carimbou? Você não viu? Viu G3 eu não sei se é da cultura da prefeitura, mas quando eu entrei aqui eu também não tava carimbando aí eles perguntaram, você não tá vendo, eu colocava bilhetinho, mas eu vi, mas você não carimbou, aí eu tive que carimbar né, porque se é cultura, acho que eu to fazendo errado. Agora eu to me acertando assim, eu sei que aquela pessoa gosta do bilhetinho ou prefere que eu fale pessoalmente.
- G3:** Eu coloco o bilhetinho solto, um postit, quem não quer arranca e joga fora e escrevo nas atividades que eu gostei.
- G5:** Eu ponho em pauta e faço assinar a devolutiva do semanário. Eu não tinha pensado... Elas não gostaram muito de...
- G3:** Mas assim, tem coisas e coisas, tem pessoas que tem alguns sentidos formulados e outras tem outros então, tem coisa que vai virar cultura da escola, se não era acostumado vai passar a ser enfim, agora você tá vendo

que está tendo uma resistência grande com seu retorno então tem que ter jogo de cintura.

- G1:** Como eu, se eu não assinasse eu não ia sofrer, pra mim, mas tem orientadora que tem necessidade de carimbar. Eu não o que importa é deixar o bilhete. Eu faço o gosto deles e eu faço o meu.
- G3:** Lá no JFR tinha uma professora que odiava, tinha uma professora que deixava duas cópias no semanário, uma você podia assinar, na outra não e daí a gente começou a escrever a lápis, quem quiser apagar apaga já que não quer, né?
- G5:** A minha orientadora, na escola particular, a primeira orientadora que eu tive, que era uma tirana, ela fazia correções ortográficas assim ó no semanário, daí você imprimia, fazia tudo bonitinho, então tem aquela coisa também de, acho que tem que ter uma folha a parte pra fazer seus comentários. Porque às vezes era até digitação, né?

Mediadora: Gente, vamos pensar assim, depois de tudo que a gente falou, apesar das condições que a gente sabe que isso afeta demais a nossa atuação enquanto gestor, mas vamos tentar relacionar mesmo, fazer um, sei lá, quais são as nossas reais possibilidades, o que que a gente pode fazer pra estar ajudando não somente na, eu quando eu digo integração das tecnologias na escola, no processo de ensino e aprendizagem, não é só ter aquilo na escola, mas o que que a gente pode fazer pra viabilizar a utilização daquilo na escola. Acho que a gente já falou a questão de sugestões no semanário, que a gente já falou, tentem me lembrar aí pra gente tentar fazer um ...

- G1:** Trabalhar em HTPC, por exemplo, na formação dos professores, chamar uma pessoa de fora pra vim falar sobre... E facilitar o acesso também, né? Porque como você falou tinha lugar que não podia chegar perto.
- G5:** Sensibilizar pro uso, acho que pode ser um texto, né?
- G3:** Então, ultimamente, até no M.L. tentar fazer algum projeto né da escola, não sei porque a gente tem muita coisa boa e assim a gente sabe também daqueles que não usam por insegurança, por, porque tem casos e casos de professor, né?
- G4:** Dar uma abertura maior, né? Talvez pela equipe do Sabe Tudo que elas tem elogiado bastante.

- G3:** Quando a gente usa também, né? Tava pensando isso nesses dias, sei lá fazer um htpc usando a lousa digital, a gente usar, ou fazer um htpc lá no Sabe Tudo, sabe, tentar a gente, porque óh, não foi muito forte na nossa formação as referências que a gente teve de algum professor, na minha família que eu tive pessoas que me incentivaram, então, não sei, talvez a nossa, nós sermos a referência na escola faça a diferença, né?
- G1:** Ser modelo. Assim como o professor é modelo nós também somos. Na HTPC tem sempre um momento lá da leitura compartilhada. Teve professor que trouxe música, ah, que legal. Então já teve vários momentos.
- G5:** Foi uma delícia aquele HTP da moça, o máximo, eu adorei! Eu vi na escola o que ela deu. Eu vi retorno rapidinho assim na semana dos jogos, ouvi as histórias.
- G3:** Eu acho que até abrir o HTPC pra troca de, como se fosse, como que eu posso dizer?
- G5:** Um semináriozinho, né? Cada um falando o que gosta.
- G3:** Isso, do professor, de pegar qual eles tem mais facilidade né talvez, deixar ele desenvolver e apresentar pros colegas, pra fazer junto com os colegas, pra também não ficar aquela coisa muito hipócrita, nossa, mais só eles vão fazer, né? O ser humano é um bicho difícil.
- G1:** Porque até assim, quando veio um especialista no HTP , no primeiro HTP do mês, o objetivo é que, no fim teve o PNLD que não deu tempo né, mas aí já entrou em recesso, mais ainda tá pra, porque veio a formação da moça que veio falar sobre a lousa digital...
- G3:** Ai, legal, vocês sempre trazem no mês uma pessoa de fora?
- G1:** Porque assim eu sempre tento pegar de fora, mas aí eles trabalham a prática.
- G2:** Foi feito antes uma pesquisa e eles levantaram isso, foi legal. E aí a prática é sempre casada com quem veio.
- G1:** Está pendente, que é uma coisa que nem sempre corre do jeito que você quer, essa questão de um professor apresentar uma aula sobre, porque as duas que iam apresentar saíram, mas tem outras. Porque nem sempre dá certo. Então ta pendente que é uma coisa que nem sempre corre do jeito que você quer essa questão de um professor apresentar uma aula sobre, só

que agora tem que arrumar uma outra porque as duas que iam apresentar saíram, mas tem outras.

- G3:** Eu fico pensando até nesse sentido porque às vezes, faz pouco tempo que eu saí da sala de aula, eu fico pensando assim, que as vezes a gente fala coisas como se, mais ou menos lá na escola que eu sempre falo pra vocês contextualize e a gente fala pro professor achando que ele sabe as mesmas coisas que a gente sabe e ele não sabe, então, faça mais texto coletivo, será que ele sabe fazer texto coletivo com o aluno? Como é que se faz um texto coletivo? O que é um texto coletivo? E às vezes é uma coisa que pra gente é tão simples e que um dia fazer um texto coletivo com eles ou pedir pra algum professor que tenha facilidade fazer com eles um texto coletivo, não sei, sabe coisa mais assim...
- G5:** Tem um vídeo, nossa um máximo, é do, da pra achar pela internet, é da, sabe aquele grupo de SP que pesquisa letramento, tem uma sigla, é, tem um grupo de pesquisa forte da USP acho e tem lá, eles fazem muita parceria com o Estado, eles tem um vídeo da professora comentando, foi passado numa formação do “Instituto Avisa Lá” e é uma professora fazendo texto coletivo com os alunos, como faz, transcreve, depois ...
- G3:** E isso não é fácil. Porque assim, o que às vezes pra gente é tão natural que a gente fala “faça”, mas como fazer? Será que eu sei fazer? Faça mais revisão, faça mais reescrita com o aluno, será que o professor saber fazer isso? Porque daí você lê o semanário, lê o relatório vai ter que fazer revisão no relatório do professor, então como é que ele vai fazer revisão com o aluno? Então é uma coisa assim que assusta né? Que às vezes a gente coloca com tanto assim, achando que ele está contextualizado e ele não está.
- G1:** E quantas coisas foram trabalhadas na nossa formação que ficaram velhas.
- G3:** Eu coloquei aqui, então ó, eu coloquei de possibilidades: sugestões no semanário, trabalhar em HTPC na formação dos professores com pessoas de fora ou não; facilitar ou viabilizar o acesso; efetivar projetos coletivos; incentivar os professores sendo modelo utilizando os recursos juntamente com eles; oportunizar apresentação dos próprios professores de acordo com as facilidades com determinadas tecnologias ou mídias. Legal G2 o que

você falou lá no início da questão de não somente utilizar, que hoje em dia você está numa outra sintonia num sentido mais, talvez de uma recepção crítica, isso também faz falta, né? Não é só utilizar a tecnologia, é produzir com ela a partir do seu ponto de vista, conseguir assistir um programa de TV e saber qual a intenção dele, ou ler um jornal e saber que ele tem uma intenção por trás de tudo aquilo, tem jornal de esquerda, tem jornal de direita, sabe, de saber qual ponto de pesquisa é melhor, entendeu? Então eu acho que isso também é muito importante pros dias de hoje e pra isso você nem precisa estar com a tecnologia, mas você consegue fazer a pessoa refletir sobre ela. Eu estou numa fase meio rebelde que não quero nem assistir mais TV, parece que tudo que assiste irrita, escuto o GB dá arrepio, dá vontade de... Ai... Até o... Daí em casa todo mundo fica assim, qualquer coisa que assiste fica ai nada a ver. Os meninos ficam assim, a gente assistindo, passando o JN nesses dias e o WB e aquela outra bonitinha lá, a PP com cara de coitados porque eles não podiam passar as olimpíadas e passando como se a R fosse ruim e mandando o pessoal ler no site deles o contrato de exclusividade, daí com caras de coitados os dois, de ai, não é que a gente não quer passar pra vocês a gente é proibido, que dizer, é um monopólio que fica passando podridão pra gente e ainda depois quer se dar de coitados, primeira vez que não conseguem cobrir uma coisa/matéria e ainda quer ser a vítima.

- G5:** Mas é impressionante como a repercussão das olimpíadas foi bem menor, a gente não via criança, eu lembro uma época assim da minha escola, aqui na escola os professores trouxeram, trouxeram vídeos, trabalharam, mas...
- G3:** Olha a referência midiática do Brasil: a Globo! Quer dizer...
- G5:** Agora, da Carminha você ouviu muito mais!
- G3:** O LC falou que dava vontade de bater nos amigos dele lá na firma, na ZF os caras ficavam falando, o que aconteceu com a Carminha e com a Nina? Sabe umas coisas assim. Mas é bem isso, é a única referência. Não é que não pode assistir, você pode, mas tem que assistir outras coisas, você tem que ver que num mesmo jornal, em diferentes jornais o mesmo tema é tratado de formas diferente porque são intenções e visões diferentes, sabe?

- G2:** Acho que é a questão da intencionalidade, de dizer que nenhum jornal, nenhum canal aberto ele é idôneo de fato, ele sempre está defendendo o lado político, então isso é muito importante mesmo e os professores tem que ter essa visão também porque senão tiver como é que vai fazer?
- G5:** No seminário teve um palestrante, agora não me lembro quem, que falou que tem uma pesquisa que diz que as pessoas que menos leem o jornal são os próprios e os professores leem pouco jornal e como eles vão tratar os assuntos da atualidade em sala de aula se eles mesmo não leem o jornal.
- G3:** A gente também não pode assim ficar no sentido ingênuo de culpar o professor porque a gente sabe o quanto nossa formação é falha né porque assim essa visão que eu tenho hoje também de olhar com esses olhos diferentes para a TV, pro jornal, pra mídia enfim, foi quando eu comecei na sala de aula pegar a câmera na mão e produzi o meu vídeo, porque daí eu estando com a câmera na mão eu sabia que de uma imensidão do meio o meu foco era esse porque essa era a minha intenção, você entendeu? Então eu conseguia olhar que dentro de uma escola pra mim aquilo era mais importante naquele momento e na TV é a mesma coisa, dentro daquele fato, daquela notícia que nem sempre é verdadeira, que muitas vezes é criado, você vai colocar o seu ponto de vista. Falar que o repórter ou a reportagem enfim ela é, como que fala, neutra, imparcial, não existe neutralidade, não existe sabe, não tem, mas demora pra gente ter essa ...acho que é isso né?

Mediadora: A gente agradece imensamente vocês. Vocês colaboraram muito não tanto só pro mestrado, mas acho que isso colabora pra gente em todos os sentidos, profissionais, pessoais, a gente revê muita coisa e que quase a gente não tem muito tempo pra fazer e que também é proposital, a gente não pode ter tempo, quanto mais tempo a gente tem, mais a gente reflete e daí mais a gente vota certo e assim vai...

Todos: Risos

Todos: Agradecimentos!